

CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E GESTÃO DE INDÚSTRIAS CRIATIVAS

Criatividade Ilimitada

Impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas

Ana Sofia Agostinho Baptista

M

2022



Ana Sofia Agostinho Baptista

Criatividade Ilimitada

Impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Ana Sofia Agostinho Baptista

Criatividade Ilimitada

O impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Sumário

Declaração de honra	3
Agradecimentos	1
Resumo.....	2
Abstract	3
Índice de Figuras	4
Índice de Tabelas.....	5
Lista de abreviaturas	6
INTRODUÇÃO	7
1. TECENDO TRIANGULAÇÕES NUM LABORATÓRIO POIÉTICO EM BUSCA DE UM OBJETO.....	12
2. A EXCLUSÃO COMO LUGAR-COMUM NA SOMBRA DAS DESIGUALDADES E A ESSENCIALIDADE DA INCLUSÃO SOCIAL NA CULTURA E NAS ARTES	18
2.1. A criatividade ilimitada: construção do porvir de uma dinâmica social inclusiva.....	18
2.2. As Indústrias culturais e criativas no panorama das intervenções por projeto.....	26
2.3. A cultura em relação à arte: subsídios para a ressignificação do tecido social vulnerável	29
2.4. Desdobramentos das linguagens artísticas e culturais nos percursos criativos para a inclusão social	37
3. METODOLOGIA: MUNDIVISÃO NO CRUZAMENTO DA INCLUSÃO COM A CRIATIVIDADE, AS ARTES E A CULTURA	42
4. UM PROGRAMA COMO <i>INTERFACE</i> E CINCO PROJETOS EM TRÂNSITO PARA A INCLUSÃO ..	51
4.1. Do contexto à análise: os projetos do Programa Bairros Saudáveis em foco.....	51
4.1.1. Projeto PorTiArtista.....	51
4.1.2. Projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade.....	52
4.1.3. Projeto Rádio Pavão	53
4.1.4. Projeto Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável	54
4.1.5. Projeto Os Leixões das Memórias	55
4.2. Dimensões, particularidades e análises reticulares	56
4.2.1. Programa e Projeto local inserido no Programa Bairros Saudáveis.....	56
4.2.2. Da diversidade à inclusão passando pela articulação	65
4.2.3 A cultura e as artes como um veículo promotor de inclusão social.....	74
4.2.4. A relação entre a inclusão social e as boas práticas	83
4.2.5. Impactos e sustentabilidade dos projetos	89
4.2.6. Prospetivas	96

4.3. O delineamento de uma síntese analítica.....	103
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
Referências Bibliográficas	128
ANEXOS	136
Anexo 1. Declaração de Consentimento Informado	137
Anexo 2. Guião de Entrevista Exploratória Coordenadora Nacional do Programa Bairros Saudáveis.....	138
Anexo 3. Guião de Entrevista Semi-Estruturada Coordenadores Locais dos Projetos Inseridos no Programa Bairros Saudáveis	140
Anexo 4. Guião de Entrevista Semi-estruturada Participantes dos Projetos Inseridos no Programa Bairros Saudáveis.....	144
Apêndices	147
Apêndice 1 Representação de um Projeto de Candidatura ao Programa Bairros Saudáveis	148

Declaração de honra

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2022

Ana Sofia Agostinho Baptista

Agradecimentos

À Professora Doutora Paula Guerra um agradecimento especial pela presença, pela inspiração nas partilhas, pela motivação imensurável perante as minhas insuficiências.

Aos docentes e colegas do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas pela partilha de conhecimento e cooperação.

Aos protagonistas deste trabalho, pela disponibilidade e tempo dispensados.

Ao Ricardo pela paciência com os meus tempos, pelo conforto desconcertante perante as minhas hesitações, por me questionar e acompanhar ao longo deste caminho.

Às minhas pessoas de sempre a quem subtraí tempo a minha gratidão.

Resumo

O presente trabalho propõe-se a perceber o papel da criatividade na cultura e nas artes enquanto ferramentas de intervenção-ação em prol de práticas e dinâmicas de inclusão social. Em campo expandido, a investigação tende a desenvolver-se sobre uma estrutura triangular. Numa primeira instância, almejamos perceber a complexidade do conceito inclusão social, enquanto efeito reflexo da exclusão social (plural, multitemática e multissetorial). Num segundo eixo, almejamos identificar os processos dinâmicos e práticas da inclusão social que encontram na criatividade, nas artes e na cultura a sua essência; por último, identificar iniciativas concretas em prol da inclusão, via criatividade, artes e cultura, orientadas para as comunidades desfavorecidas. Tempos de incerteza, de instabilidade e de crise impulsionam a procura de soluções e, na interseção do triângulo criatividade, artes, cultura com a inclusão social, um posicionamento mais dinâmico na sensibilização para os grupos vulneráveis da sociedade. Na esfera cultural e criativa, a inclusão social e a educação são alavancas para o exercício da responsabilidade social de muitas organizações, revelando-se fundamentais para a construção dos programas intersectoriais, legitimados na integração de cidadãos e grupos excluídos e socialmente desfavorecidos. Assim, importa questionar o valor destas manifestações, quer ao nível do investimento nas competências e das habilidades, quer ao nível das vantagens face à sensibilização para a mudança social, ou mesmo, no âmbito da reconstrução de identidades sócio espaciais coesas. A incidência num recorte de estudo, a iniciativa Bairros Saudáveis, permite analisar intervenções cuja índole projetual assenta nesta trilogia, com uma abordagem qualitativa e exploratória, sustentada na *arts-based research*, almejando o esboço de eixos de intervenção preliminares em torno das artes, da criatividade e da cultura em prol da inclusão social.

Palavras-chave: criatividade; inclusão social; projetos de intervenção social; cultura e artes; *arts-based research*.

Abstract

This work aims to understand the role of creativity in culture and the arts as intervention-action tools in favor of practices and dynamics of social inclusion. In an expanded field, research tends to develop on a triangular structure. In a first instance, we aim to understand the complexity of the social concept, as a reflex effect of social inclusion (plural, multi-thematic and multi-sectoral). On a second axis, we aim to identify the dynamic processes and practices of social inclusion that find their essence in creativity, arts and culture; finally, to identify concrete initiatives in favor of inclusion, through creativity, arts and culture, oriented towards disadvantaged communities. Times of uncertainty, instability and crisis drive the search for solutions and, at the intersection of the trine creativity/arts/culture with social inclusion, a more dynamic positioning in raising awareness of vulnerable groups in society. In the cultural and creative sphere, social inclusion and education are levers for the exercise of social responsibility by many organizations, proving to be fundamental for the construction of intersectoral programs, legitimized in the integration of excluded and/or socially disadvantaged citizens and groups. Thus, it is important to question the value of these manifestations, whether in terms of investment in skills and abilities, or in terms of the advantages in terms of raising awareness of social change, or even in the context of the reconstruction of cohesive socio-spatial identities. Focusing on a study clipping, the Bairros Saudáveis initiative, allows the analysis of interventions whose design nature is based on this trilogy, with a qualitative and exploratory approach, based on arts-based-research, aiming at the outline of preliminary intervention axes around the arts, of creativity and culture in favor of social inclusion.

Key-words: creativity; social inclusion; social intervention projects; culture and arts; arts-based research.

Índice de Figuras

Figura 1 Iniciativa Bairros Críticos	34
Figura 2 <i>Triple-loop learning</i> de Agyris e Schon	38
Figura 3 Projeto PorTiArtista	52
Figura 4 Projeto BEJACOLHE - Cultura e Diversidade	52
Figura 5 Projeto Rádio Pavão	53
Figura 6 Projeto Seixo Comunidade FIS - Feliz Inclusiva Saudável	54
Figura 7 Projeto Os Leixões das Memórias	55
Figura 8 Nuvem de palavras	103
Figura 9 Semana d'África no Projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade.....	104
Figura 10 Rádio Teatro no Projeto Rádio Pavão	107
Figura 11 <i>Trail</i> Terras da Gândara Seixo – Mira no Projeto Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável	108
Figura 12 Exposição Álbuns de Família no Projeto Os Leixões das Memórias.....	109

Índice de Tabelas

Tabela 1 Complicação de definições de exclusão/inclusão social	22
Tabela 2 Mecanismos do impacto das artes	31
Tabela 3 Características da investigação qualitativa e especificidades da ABR.....	44

Lista de abreviaturas

ABR	ARTS-BASED RESEARCH
AEC	AULAS DE ENRIQUECIMENTO CURRICULAR
CLB	COORDENADOR LOCAL BEJACOLHE – CULTURA E DIVERSIDADE
CLOLM	COORDENADORA LOCAL OS LEIXÕES DAS MEMÓRIAS
CL	COORDENADOR LOCAL / COORDENADORES LOCAIS
CLP	COORDENADOR LOCAL PORTIARTISTA
CLRP	COORDENADORA LOCAL RÁDIO PAVÃO
CLSCF	COORDENADOR LOCAL SEIXO COMUNIDADE FIS – FELIZ INCLUSIVA SAUDÁVEL
CN	COORDENADORA NACIONAL
CPCJ	COMISSÕES DE PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS
IBC	INICIATIVA BAIROS CRÍTICOS
ICC	INDÚSTRIAS CULTURAIS E CRIATIVAS
IS	INCLUSÃO SOCIAL
ODS.....	OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL
P.....	PARTICIPANTE/S
PBS	PROGRAMA BAIROS SAUDÁVEIS
PB	PARTICIPANTE BEJACOLHE – CULTURA E DIVERSIDADE
PRP	PARTICIPANTE RÁDIO PAVÃO
PRR	PLANO DE RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA
PSCF	PARTICIPANTE SEIXO COMUNIDADE FIS – FELIZ INCLUSIVA SAUDÁVEL
T.O.	TEATRO DO OPRIMIDO
UE	UNIÃO EUROPEIA
UNCTAD	UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT

INTRODUÇÃO

No exercício anacrônico para esgrimir considerações sobre os motivos que nos trouxeram até este trabalho, os pensamentos fluíram para Agostinho da Silva:

“Nunca tive plano nenhum de fazer isto ou aquilo. Mas cada vez que aparecia um acontecimento, a minha resposta era imediata, ou sim ou não, sem nenhuma espécie de reflexão (...). Os planos foram uma coisa que nunca me preocupou. (...) a minha vida foi tocada pelo vento e a minha mão de leme pouco interessava” (*in* Ferreira, 2021, p. 30).

O vento que toca os percursos de vida embala em vários sentidos, voar contra ou deixar ir na corrente da imprevisibilidade? Neste questionamento, a nossa abstração determinou a urgência: cruzar criatividade, terceiro setor, mudança. Partindo do lugar onde a liberdade e as subjetividades fluem com maior amplitude no texto científico, a escolha do tema da pesquisa, sabíamos que a inquietude impelia à tríade. Criatividade pela emergência do ser criativo na virtualidade do hoje, uma metáfora para o potencial criador exigido na polivalência de soluções novas para problemas antigos, onde a inclusão social se inscreve. Organizações do setor não lucrativo porque trabalham, no cotidiano, a criatividade indissociada da liberdade para pensar com uma função social e, num sentido mais pragmático, se coaduna com a circunstância que tocou a investigadora. Mudança porque é o que faz o mundo, a causa e o resultado do desenvolvimento, o salto para crescer e derivar para espaços e tempos que levam à evolução, profundidade e impacto do conhecimento. Depois o desenho do caminho para perceber o empoderamento dos grupos vulneráveis da sociedade. A cultura e as artes movimentam alteridades com maior espontaneidade, aliadas à delimitação de iniciativas transformadoras e cidadãos e daqui emerge a indagação do potencial para a construção de sociedades mais justas e democráticas.

Em acumulado, a instigação para o estudo vem da percepção de tendências e da emergência de ecossistema criativos. Fixada a inclusão social como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) emergiram projetos que misturam a inclusão social pela cultura e artes. Na interseção do cumprimento dos ODS e da Agenda 2030 definem-se aspirações do desenvolvimento global e criam-se políticas públicas inclusivas, vertidas em apoios a programas que conjugam as potencialidades da criatividade com experiências que contribuem para romper barreiras sociais e cognitivas. Quando a opacidade e a indefinição do percurso investigativo dominavam tínhamos o farol neste tipo de intervenção por

projeto, promovidos por entidades do terceiro setor, para perceber a contribuição da operacionalização de práticas de inclusivas por meio da cultura e da essência da arte. Assim, delimitamos o nosso objeto de estudo ao Programa Bairros Saudáveis¹ (PBS).

A tentativa de perceber o papel da criatividade, ancorada na cultura e nas artes, enquanto ferramenta de intervenção para a inclusão social dos públicos vulneráveis foi o mote que alicerçou a aproximação às primeiras leituras. Este foi o ponto de partida para a desconstrução que conduziu à formulação da questão de partida: De que forma os projetos sociais ancorados na criatividade, através da cultura e das artes, têm contribuído para a inclusão social das comunidades desfavorecidas?

Situamos a amplitude científica do objeto de estudo. O PBS é um programa público, de natureza participativa, criado para melhoria das condições de saúde, bem-estar e qualidade de vida em territórios vulneráveis. A arbitrariedade propositada na abrangência das iniciativas cunhadas pela cultura e artes teve como premissa considerar toda e qualquer manifestação artística e cultural nas suas diversas manifestações (artes plásticas e performativas, audiovisuais, dança, literatura, fotografia, música, teatro, etc.)

Traçamos como objetivo geral perceber a relação do fenómeno da inclusão social na cocriação de uma nova realidade, associada à cultura e às artes, para a comunidade beneficiária de projetos de intervenção social. Como objetivos específicos pretendemos identificar a operacionalização das práticas de inclusão social por meio da cultura e da essência da arte em diferentes geografias do território nacional; reconhecer a relação da criatividade na cocriação de uma nova realidade, associada à arte e cultura, para a comunidade beneficiária dos projetos analisados, avaliando os efeitos (benefícios e entraves) das ações nas comunidades beneficiárias das entidades observadas; e, intentamos comprovar a forma como a expressão da criatividade e as manifestações artísticas e culturais, podem ser instrumentos para a inclusão social.

Para afinar o enquadramento do objeto de estudo concebemos hipóteses indagando: se a fusão de ações que envolvem a criatividade com vista à inclusão, proporciona o acesso e

¹ Bairros Saudáveis é um programa público que visa capacitar a intervenção de diversas entidades, com particular ênfase em organizações do Terceiro Setor, em comunidades e territórios vulneráveis, capitalizando os elementos inerentes à heterogeneidade geográfica dos contextos (<https://www.bairrossaudaveis.gov.pt/>)

promove o estímulo ao conhecimento; se a articulação de fatores como a proximidade e participação para a instrumentalização de programas inclusivos facilita o cumprimento dos objetivos com impacto real junto da comunidade e dos participantes; e, se a forma como a dinamização de iniciativas sociais que incluem linguagens e ações diferenciadas pela vertente criativa, designadamente, culturais e artísticas, tem uma relação significativa com a inclusão social.

A elevada afluência de candidaturas ao PBS (752 projetos admitidos e classificados, sendo aprovados para financiamento 246 projetos) obrigou a uma seleção minuciosa de projetos que envolvessem práticas inclusivas através da cultura e artes. A partir da divisão geográfica, pré-definida pelo PBS, elegemos um projeto por região com base nos critérios heterogeneidade dos territórios e diversidade de abordagens culturais e artísticas. No decurso, procedemos à definição do método com a apuração de depoimentos pertinentes que pudessem trazer um contributo valioso, sustentado nas experiências e vivências dos projetos, que pudessem trazer à luz da pesquisa evidências. Tendendo a natureza do trabalho à hibridez de processos, recorremos à abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória e à vertente específica, orientada para métodos de avaliação em estudos que envolvem um compromisso social no campo das artes, a *arts-based research* (ABR).

O desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa pretende a adequação de ferramentas que sustentam o impacto social da cultura e das artes nos territórios, com aplicabilidade e replicabilidade no desafio da inclusão social. Deste modo, a elaboração dos instrumentos de pesquisa foi produzida a partir de dimensões de análise que conferem distintividade aos pontos focais da investigação. Para a recolha de dados no terreno investigativo construímos três guiões específicos, designadamente: um guião para a entrevista exploratória à autora e coordenadora nacional do PBS; um guião para as entrevistas semiestruturadas aos coordenadores locais dos projetos sinalizados; e, um guião para as entrevistas semiestruturadas aos participantes.

Clarificando os pontos da investigação deste trabalho teórico-empírico, vertidos na criatividade com uma vertente social e na análise da multidimensionalidade da inclusão social, importa perceber por meio de práticas na esfera da expressão cultural e da arte, aplicadas no sentido de operar a mudança, os fatores que contribuem para o impacto social,

quais os benefícios e entraves para o desenvolvimento e de que forma as entidades do setor não lucrativo, no âmbito do PBS o operacionalizam. Para cumprir este desiderato, estruturamos a dissertação em quatro capítulos, dois de cariz teórico, um de cariz metodológico e um último empírico-analítico centrado na análise purista das perceções dos protagonistas do estudo.

No primeiro capítulo definimos o objeto de estudo como laboratório que permite a visualização da pesquisa como um todo. Identificamos a questão de partida e os objetivos a que nos propomos, traçando um fio condutor para a investigação assente em três eixos que passam por apreender a complexidade do conceito de inclusão social, pela identificação de processos dinâmicos e práticas inclusivas que encontram na criatividade, na cultura e nas artes a sua essência e a análise do impacto de iniciativas concretas em prol da inclusão social, via criatividade, cultura e artes, orientadas para as comunidades desfavorecidas. Este enquadramento levou-nos à formulação de hipóteses.

No segundo capítulo a fundamentação teórica encontrou nas leituras de Guerra (2012) e Guerra e Quintela (2007) as premissas fundamentais que incitaram à pesquisa bibliográfica. Numa dimensão teórica, a pesquisa bibliográfica foi o subsídio para a concetualização e clarificação da inclusão social, revisitando os contextos da sua emergência na agenda política com recurso à análise documental e ao diálogo de autores. Neste enfrentamento teórico, esboçamos o advento das Indústrias Criativas e Culturais (ICC) para entender a evolução do setor que acompanhou a mudança de paradigma na democratização cultural, sublinhando que o acesso à cultura extrapola a transmissão cultural e envolve a luta pelos direitos humanos, carecendo de uma abordagem às medidas de combate à exclusão social - um dos objetivos para o desenvolvimento que influenciou, particularmente, o cenário da agenda nas políticas públicas nacionais e da União Europeia (UE) com efetividade em políticas de incentivo que incluam os pilares da criação para a inclusão social e fomento da mudança. Numa dimensão teórico-prática, a pesquisa neste capítulo incidiu sobre a criatividade em processos e dinâmicas emancipadoras com essência na cultura e nas artes, percebendo a sua abrangência e transversalidade nas esferas sociais e na operacionalização dos resultados de iniciativas concretas.

No terceiro capítulo delimitamos o estudo de caso PBS, discorrendo sobre a metodologia e ilustrando a parametrização dos métodos de investigação aplicados juntamente com a

justificativa sobre a opção de critérios. Atendendo às propostas de Quivy e Campenhoudt (1998) ou Dias (2009) para o aprofundamento da abordagem qualitativa; de Wang *et al* (2017) aflorando as especificidades da ABR, ou de Eisner (1981) que refere a transdisciplinaridade da ABR, expomos a reflexividade inerente à componente artística e cultural dos projetos sociais analisados, elemento condutor da pesquisa, com referência à alteridade, pois, vai para além da sua materialização, dado que é a análise da qualidade das experiências e vivências corporiza o potencial das evidências.

O quarto capítulo, de cariz empírico e analítico, leva a idealização à prática. Organizamos o capítulo em cinco partes. Primeiramente, contextualizamos o PBS e os projetos analisados: na Região do Algarve o projeto PorTiArtista; na Região do Alentejo o projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade; na Região de Lisboa e Vale do Tejo o projeto Rádio Pavão; na Região Centro Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável; e, na Região Norte o projeto Os Leixões das Memórias. Depois, situamos as falas dos protagonistas no contexto em que o estudo foi realizado por dimensões de análise dentro das quais entroncamos especificidades dispostas aos entrevistados, as dimensões observadas foram: Dimensão 1 Programa e Projeto local inserido no PBS, Dimensão 2 Inclusão Social, Dimensão 3 Inclusão via cultura e artes, Dimensão 4 Boas práticas inclusivas, Dimensão 5 Impacto, Dimensão 6 Perspetivas futuras. Abordamos as limitações ao estudo e tecemos a conclusão ao capítulo cruzando as evidências a partir das perceções obtidas dos protagonistas.

Nas considerações finais reunimos a articulação de conclusões à questão de partida e objetivos com inferências intermédias que respondem às dimensões de análise para uma melhor visualização da criatividade ilimitada em intervenções sociais e do impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas.

1. TECENDO TRIANGULAÇÕES NUM LABORATÓRIO POIÉTICO EM BUSCA DE UM OBJETO

Numa perspectiva empírica, o entendimento da inclusão social através da criatividade, da cultura e das artes é um manifesto de abertura à exploração de campos do conhecimento e do simbólico. Segundo Peralta e Anico (2006), os processos de ficção identitários são processos em constante mudança, intrinsecamente complexos, instáveis e conflituais, que envolvem a ação de múltiplos atores ativamente implicados em construir categorias plásticas de inclusão e exclusão (Hall, 2002 *in* Peralta & Anico, 2006, p. 4). Neste palco alargado de relações possíveis, depreendemos que o binómio identidade e cultura possibilita a reconstrução de identidades e o acesso a outras visões da vida e do mundo.

A complexidade crescente e a procura de novas formas de pensar e agir, frente à instabilidade do ambiente, urge garantir equilíbrios no interior de sistemas sujeitos a contínuas mudanças e instabilidade (Guerra, 2005, p. 14). Assim, a divergência para outras linguagens, criativas e artísticas, explora dimensões do indivíduo, conferindo-lhe perspectivas sobre a memória coletiva conducentes a uma maior amplitude na expansão de interpretações da realidade e procura de novas sínteses. Em grupos da sociedade que tradicionalmente não concorrem num perímetro de igualdade às oportunidades, iniciativas de participação coletiva podem diminuir a fratura no acesso a uma multiplicidade de conteúdos e significações. Não obstante, a atribuição de significado a ações de índole social, com vista à inclusão, pode ser múltipla e a possibilidade de acesso não implica a univocidade; na definição de Guerra (2005, p. 16) a ação coletiva é definida como um processo que supõe a participação de atores que, por definição, têm interesses divergentes sobre a participação, não encontrando razões para que objetivos e discursos sejam convergentes.

Xiberras (1993, pp. 239-242) sustenta que os fenómenos da exclusão, na sua ocorrência material ou simbólica, parecem derivar de ruturas no tecido social provocadas pelo rompimento do laço social orgânico, identificando lacunas ao nível das representações coletivas nas sociedades pela falta de visão coerente entre os diferentes atores coletivos, das relações entre si, das suas relações com o todo social. Hoje, as comunidades agrupam os homens em função de outros critérios, mais transversais relativamente ao corpo social

na sua totalidade, em torno de práticas, sentimentos ou valores que lhe são comuns, num determinado tempo e espaço. O problema para os poderes públicos, o Estado, as coletividades locais, parece ser colocado nas formas de representação coletiva - a ideia de uma comunidade de valores, postos lado a lado sem nenhuma visão do todo social, ao invés de uma ideia coerente de valores num ordenamento solidário orgânico. Não atribuir a cada indivíduo um lugar na comunidade questiona o papel do Estado face às solidariedades, por outro lado, pode favorecer um movimento de confrontação e de reconhecimento generalizado, que constitui a primeira etapa para a formação da solidariedade orgânica (Xiberras, 1993, p. 244).

Em Portugal, as políticas culturais antecederam a emergência do Estado-providência, segundo Henriques (2002), o conceito de Estado-providência pode ter diferentes aceções, mas a leitura alargada do *welfarism* tem levado alguns autores a entenderem o aumento do apoio público à cultura nas democracias como uma inerência ao próprio desenvolvimento do Estado-providência (Zimmer & Toepler, 1996, *in* Henriques, p. 63). Neste sentido, independentemente de a corrente ir no sentido do colapso do Estado social, ou da necessidade de adaptação a novos contextos, o horizonte previsível para a cultura e as artes é tornarem-se objeto de políticas específicas por parte do Estado. Em Portugal, a tradição de mecenato público no setor da Cultura aparenta ser difícil romper. Tendo em conta as experiências do cenário internacional, as exigências e procuras sociais em matéria cultural não podem continuar a ser asseguradas nos moldes paternalistas tradicionais, dado o estado natural de crise e inerentes condicionalismos económicos desfavoráveis à intervenção do Estado implicam maior racionalidade nos recursos afetados, justificando a tendência na procura de respostas que incitam a um envolvimento mais plural da sociedade (Henriques, 2002, p. 78).

A pluralidade de respostas a problemas faz-nos reconhecer o terreno da criatividade a fertilidade para encontrar soluções e no capital intelectual o potencial para o questionamento das urgências do mundo, pelo estímulo das capacidades em operar a mudança. Bauman (2005, p. 72) afirma que é justamente para legitimar as fronteiras que se inicia a busca das diferenças, pois, todos e cada um de nós é feito de diferenças e existimos porque somos diferentes. Contudo, são as diferenças que incomodam e impedem de interagir, de assumir um comportamento solidário e manifestar interesse pelos outros, pois,

segundo Bauman (2005, p. 73) “cada fronteira cria as suas próprias diferenças, atribuindo-lhes consistência e sentido”.

O pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1995), referido na obra *Mille Plateaux* (in Martins & Dimarchi, 2016), agênci a diversidade. O rizoma cresce no subsolo e expande-se em múltiplas direções, pulsa, constrói e desconstrói, opõe-se à linearidade, é aberto à experimentação e ultrapassado por outras intensidades que o atravessam, fluindo para onde encontra espaço e possibilidades. Atendemos ao posicionamento de Martins e Dimarchi (2016) sobre o efeito de práticas alternativas de propor, aplicadas no sentido da inclusão social, em sujeitos e ambientes de experimentações artísticas e culturais diferenciadas e conexões incertas, sobre o estar entre “com a intenção de estar atentos a cada um que participa da potencialidade de um encontro que pode vir a fazer pensar, pensando-se, emancipando, contaminando e contaminando-se...” (Martins & Dimarchi, 2016, p. 14). Entende-se o trajeto das estratégias integradas de inclusão social, através de intervenções multisetoriais com impacto social, uma forma de: promover a igualdade de oportunidades nas comunidades; instigar a participação dos atores e dos agentes sociais com o fomento do trabalho em rede; e, a outorga de meios para a execução e reforço de políticas inclusivas que capacitam a construção de sociedades mais equilibradas.

Tendo como base as afirmações anteriores, tenciona-se produzir, neste projeto, um “laboratório poético” que teça um fio condutor em três vetores da investigação:

- I. Apreender a complexidade do conceito de inclusão social.
- II. Identificar os processos dinâmicos e as práticas de inclusão social que encontram na criatividade, na cultura e nas artes a sua essência.
- III. Mapear e avaliar o impacto de iniciativas concretas em prol da inclusão, via criatividade, cultura e artes, orientadas para as comunidades desfavorecidas.

A triangulação baseia-se num pressuposto dialético. Como ponto de partida, importa a análise da inclusão social enquanto questão social; posteriormente, interessa perceber o contributo da criatividade ilimitada, na cultura e nas artes como fenómenos de agregação de valor social - em correlação; por último, esgrimir dinâmicas de integração ínsitas a esta díade, extraíndo evidências produzidas em práticas e contextos diversos, decorrentes da

intervenção-ação. Para cumprir último este propósito, urge auscultar ações concretas, designadamente, alguns projetos inseridos no PBS, para a tessitura das evidências, estribando as linhas que tecem a lógica triangular de investigação e observando a conjugação dos três vetores referidos.

A dinamização da cultura e da arte orientadas para a inclusão tem assumido relevância na diversidade de linguagens e públicos, na experimentação de abordagens artístico-culturais e socioeducativas não formais. Importa também, num eixo temporal e através da análise documental, perceber algumas mudanças operadas no percurso das políticas de incentivo, que incluam os pilares da criação para a inclusão. Neste contexto, importa refletir, criticamente, a partir de algumas hipóteses:

- A fusão de ações que envolvem a criatividade com vista à inclusão social, proporciona o acesso e promove o estímulo ao conhecimento.
- A articulação de fatores como a proximidade e participação para a instrumentalização de programas inclusivos facilita o cumprimento dos objetivos com impacto real junto da comunidade e dos participantes.
- A dinamização de iniciativas sociais que incluem linguagens e ações diferenciadas pela vertente criativa, designadamente, culturais e artísticas, tem uma relação significativa com a inclusão social.

Atendendo a esta problemática, urge situar a identificação de políticas públicas, nomeadamente o PBS e, em particular, os projetos aprovados com expressão na dinamização do setor da Cultura no combate à exclusão; sinalização de carências e boas práticas do programa; recomendações relevantes para implementação futura de projetos sociais que tenham um impacto efetivo sobre os beneficiários e as comunidades.

Deste modo, delineamos a seguinte questão de partida: *De que forma os projetos sociais ancorados na criatividade, através da cultura e das artes, têm contribuído para a inclusão social das comunidades desfavorecidas?* Por outro lado, o nosso objeto empírico centra-se no PBS, que visa a melhoria das condições de vida em territórios e comunidades vulneráveis, indagar a operacionalização das práticas de inclusão social, por meio da cultura e da essência da arte, explorando a natureza das ações criativas que visam operar a mudança no

tecido social, tendo em conta a transversalidade de dimensões da inclusão social. Compreender quais os fatores e atores que contribuem para o impacto social, quais os benefícios e os entraves para o desenvolvimento e de que forma as entidades envolvidas no PBS, em particular as do setor não lucrativo, operacionalizam o impacto junto das comunidades beneficiárias.

O PBS é um programa público, com uma amplitude de intervenção alargada, incluindo projetos sob consulta pública em áreas como: saúde, social, económica, ambiental e urbanística. Enquanto instrumento participativo, diferencia-se por incluir entidades informais e cidadãos voluntários em parceria, algo inédito até então. O número elevado de candidaturas (774) e a participação ativa envolvendo 3844 entidades (40% das quais associações, IPSS, fundações, etc.) em contexto pandémico, revela um afastamento da abstração ao local e a prevalência da proximidade e sinergia de interesses como substrato âncora do programa. A abrangência do PBS é nacional, inclui territórios rurais e urbanos, com maior ou menor densidade populacional, uma vez que entre critérios de seleção a participação cívica em parceria com entidades locais e o impacto na qualidade de vida e bem-estar que a pertinência dos projetos aporta.

O objetivo geral desta dissertação prende-se com a identificação da relação dos fenómenos de inclusão social na cocriação de uma nova realidade, associada à cultura e às artes, para a comunidade beneficiária destes espaços e serviços. Este objetivo geral deriva em três específicos: identificar a operacionalização das práticas de inclusão social por meio da cultura e da essência da arte em diferentes geografias do território nacional; reconhecer a relação da criatividade na cocriação de uma nova realidade, associada à arte e cultura, para a comunidade beneficiária dos espaços e serviços analisados, avaliando os efeitos (benefícios e entraves) das ações nas comunidades beneficiárias das entidades observadas; comprovar a forma como a expressão da criatividade e as manifestações artísticas e culturais, podem ser instrumentos para a inclusão social.

Enquanto resultados esperados esperamos compreender a cultura e as artes enquanto manifestações vivas da criatividade, nas habilidades coletivas de resistência, no sentido da mudança, com uma abordagem emancipadora que prove um outro entendimento da realidade, através de uma perceção sensível do mundo. Percecionar o alcance das iniciativas que incluem participantes vulneráveis e perceber os mecanismos de impacto, na

reconstrução identitária do indivíduo e na aquisição de competências para cocriar uma nova representatividade social, com novas ferramentas para interpretar o mundo sob outra(s) perspectiva(s), pressupondo que desenvolver ações na esfera cultural e artística, com uma função social, requer a mediação para instigar e provocar sentido crítico - autoconceito, competências, habilidades, novas sínteses, conhecimento.

2. A EXCLUSÃO COMO LUGAR-COMUM NA SOMBRA DAS DESIGUALDADES E A ESSENCIALIDADE DA INCLUSÃO SOCIAL NA CULTURA E NAS ARTES

*Quem passou muito tempo sem comer está fraco de mais para falar,
Esgaravata no lixo, não faz poesia. O que sabemos da fome
Vem da boca dos que estão saciados; grande saber não será.*
Hans Magnus Enzenberger (2004, p. 125).

A fundamentação teórica assenta na pesquisa bibliográfica para a concetualização e clarificação da inclusão social, em diversas dimensões de análise; reconhecendo a criatividade em processos e dinâmicas que visam a inclusão social, com essência na cultura e nas artes, mapeamos iniciativas concretas.

2.1. A criatividade ilimitada: construção do porvir de uma dinâmica social inclusiva

As conexões imprevisíveis fazem parte da combustão que nos leva à criação e à busca contínua de soluções quando a urgência da realidade assim o impõe. Aventamos cogitar a associação de conceitos, para o homem de senso comum, ao universo da cultura e das artes - será razoável emanarem deste sensações positivas; a questão que aqui se coloca é se o mesmo sucede quando se enfatiza o conceito de inclusão social.

A primeira reflexão a ter em conta é que não existiria inclusão social se não houvesse exclusão, e a exclusão social é um lugar-comum nas sociedades onde não existe normatividade entre os indivíduos que as integram. Por normatividade, entende-se, admitir que, para um dado estado de coisas social, importa maximizar a latitude de opções para o maior número possível de indivíduos (Almeida, 1993, p. 829). Os excluídos vivem na sombra das desigualdades porque o acesso e a possibilidade de escolha não são condições que a todos assistam, mas condicionantes para muitos cidadãos, pela negação a certos indivíduos ou grupos da igualdade de oportunidades (Almeida, 1993). Segundo Alvino-Borba e Mata-Lima (2011), a identificação dos fatores de exclusão e inclusão social está associada a

vulnerabilidade social, implicando um processo multidimensional de indicadores assimétricos no que respeita à variabilidade espaço-temporal.

Apontam-se alguns dos fatores clássicos da exclusão social: a pobreza; o desemprego; a injustiça social; a desvalorização; precariedade laboral; violência; insegurança; desigualdade educacional; falta de acesso a bens e serviços e consequente desqualificação social. À inclusão social estão associados, mormente, a justiça social, a valorização do capital humano; qualificação social; igualdade educacional; acesso a bens e serviços; segurança; acesso a programas institucionais, ou o emprego. Há, contudo, uma padronização de influências externas inerentes à economia e à cultura, que afetam a inclusão e a exclusão social (Alvino-Borba & Mata-Lima, 2011, p. 224).

Dos ecos das crises e da imprevisibilidade do século XXI, apreendemos que novos cenários geram novas condicionantes, e daí a necessidade do porvir de uma dinâmica social inclusiva, com tónica na reversibilidade dos comportamentos.

Apesar do enfoque na abordagem à inclusão social, é inevitável a alusão às fronteiras que separam exclusão do conceito de pobreza. Na obra *L' Exclusion*, de Gilles Lamarque (1995), o autor vinca a ideia de a exclusão social não ser mais do que um prolongamento do conceito da nova pobreza; e, dissecar a dificuldade em captar um retrato nítido da exclusão, uma vez que esboroa no indivíduo, através de processos dinâmicos de sujeição a múltiplos obstáculos e ameaças. A exclusão social entrelaça-se, assim, como causa para uma consequência visível na inabilidade de integração, ou até de “desqualificação social” pela sucessão cumulativa de desvantagens sociais (Paugam, 1996, p. 289). Lamarque (1995) ressalta ainda uma maior facilidade em identificar as situações de pobreza, se tivermos como referência os níveis de rendimento e a qualidade de vida. Numa aproximação à interpretação de Guerra (2012), sustenta-se:

“A exclusão social difere do termo hegemónico de pobreza em três sustentáculos distintos. O primeiro move-se de uma análise estática para uma análise dinâmica, apreendendo os processos pelos quais os indivíduos e grupos se tornam excluídos. O segundo compreende a privação como conceito multidimensional, envolvendo a habitação, educação, rendimentos, emprego, saúde, fragmentação identitária, etc. O terceiro interpreta a privação e a pobreza como estando imbricadas com as relações sociais, rejeitando uma perspetiva atomística. Em muitas perspetivas, a exclusão social não se refere primordialmente à privação material, mas ao acesso e ao uso de um conjunto de serviços e participação societal” (Guerra, 2012, p. 92).

A cadência de efeitos nos processos de exclusão é partilhada por Xiberras (1993), que se questiona sobre as ideias e valores infundidos na construção social do fenómeno da exclusão social, enquanto defende que a acumulação de insucessos e deficiências em várias dimensões sociais resultam numa rutura dos laços simbólicos. Segundo Rodrigues *et al.* (1999, p.66), o facto de a pobreza ser a face mais visível da exclusão pode tender a ser substituída; contudo, a exclusão evoca uma fragmentação nos laços entre o indivíduo e a sociedade, favorecendo a fratura na própria unidade, ou coesão social, uma vez que os termos associados se reforçam mutuamente, transportando para o surgimento de “classes perigosas” ou “marginais”, no tecido sociocultural. Tentaremos, assim, compreender a génese da inclusão social a partir de uma resposta à exclusão, como paradigma e enquanto discurso de combate contra a pobreza.

A retórica da inclusão social, adotada na Europa, nasce durante a década de 1980, quando, em França, se tentavam desenvolver políticas para resolver problemas de exclusão, separação e segregação. Em *A Sociologia da Inclusão Social*, Dan Allman sugere que a narrativa moderna da inclusão emerge do pensamento francês, com Rene Lenoir, no âmbito de um estudo desenvolvido para o governo de Giscard d’Estaing, definindo a exclusão social muito amplamente, encarando-a como uma ameaça ao modelo republicano de integração de França, assente num ideal de cidadania e solidariedade social (Peters & Besley, 2014). É com este impulso que a questão da inclusão ganha força na Europa:

“O conceito de inclusão social tornou-se o principal navio-bandeira da Comissão Europeia (CE), da EU e de outras organizações europeias, tanto como forma de combater a pobreza, mas também como um ‘método aberto de coordenação’ para as políticas económicas e sociais. Ainda hoje estas organizações desempoeiram políticas em torno da noção de inclusão social e proteção social. A CE Estratégia Europa 2020 [...] baseia-se na construção de uma economia inclusiva que visa alcançar cinco objetivos ambiciosos – sobre emprego, inovação, educação, inclusão social e clima/ energia, sinalizando sete iniciativas emblemáticas favorecendo crescimento inteligente, crescimento sustentável e crescimento inclusivo que incluem uma plataforma contra a pobreza e exclusão social destinada a ajudar 20 milhões de pessoas até 2020” (Peters & Besley, 2014, p. 106).

Ao acompanhar a reflexão supramencionada, percebemos o repto lançado aos poderes públicos europeus para encetarem uma resposta à realidade pluridimensional das desigualdades sociais e um reconhecimento da necessidade em reforçar a Economia Social, dada a sua relevância no contributo para a criação de empregos, inovação social, reforço da

coesão social, económica e territorial (Rebelo, 2014; Garcia, 2017; Ávila & Campos, 2018, *in* Rebelo, 2019, p. 124).

Assumindo a inclusão social enquanto efeito reflexo da exclusão social (plural, multitemática e multissetorial), arroga-se como fundamental o aprofundamento do conceito de integração. Na aceção de Guerra e Quintela (2010, p. 2), a integração social e consequente desenvolvimento humano como um todo também se alcançam não só por aacionamento de recursos materiais, mas por iniciativas em prol da realização de atividades valorizadas pelas próprias pessoas enquanto atores participantes numa comunidade. Veja-se, em Portugal, o exemplo da escola inclusiva, no âmbito das reformas do ensino especial. Segundo Capucha (2010), como acontece com todas as políticas sociais modernas, a educação inclusiva implicaria uma filosofia de ativação quer dos cidadãos (visando a autonomia e a participação onde prevaleça a proteção e a compensação), quer das instituições (visando a abertura onde existiam entraves à participação). Com este exemplo, perpassa-se a ideia de que a inclusão encerra em si mesma um duplo movimento: numa primeira instância, constitui-se a partir da capacitação das pessoas e da criação de oportunidades nos sistemas e instituições sociais, tendo o valor da justiça social como implícito - a diferenciação positiva, a igualdade de oportunidades e a igualdade de condições; e, posteriormente, assumir que a inclusão requer inovação, abertura e imaginação, porque apela a novos métodos de trabalho, à organização e distribuição dos recursos.

Novos modelos sociais exigem alterações estruturais, dinamizar pessoas, ativar processos, redes sociais e instituições, por forma a assegurar a participação autónoma de todos na vida coletiva e o bem-estar de cada um. Para uma clarificação dos conceitos exclusão versus inclusão, veja-se a compilação proposta por Alvino-Borba e Mata-Lima, (2011), na tabela 1:

Tabela 1 Complicação de definições de exclusão/inclusão social

	Fonte	Definição
EXCLUSÃO SOCIAL	Comissão Europeia (2003, p. 9)	É um processo através do qual certos indivíduos são compelidos para a margem da sociedade e impedidos de nela participarem plenamente em virtude da sua pobreza ou da falta de competências básicas e de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, ou ainda em resultado da discriminação.
	Barry (1998, p.1)	A exclusão Social é uma violação das exigências da justiça social manifestada através de conflitos de oportunidades e associados com a incapacidade de participar efetivamente na política. É um fenómeno distinto da pobreza e da desigualdade económica.
	Hunter (2000, pp. 2-3)	A exclusão social pode ser definida como múltiplas privações resultantes da falta de oportunidades pessoais, sociais, políticas ou financeiras. A noção de exclusão social visa a participação social inadequada, a falta de integração social e a falta de energia.
	Kowarick (2003, p. 74)	No século XIV, a palavra esteve associada à ideia de não ser admitido, repellido ou de ser mandado embora. Posteriormente, seu significado passa a designar alguém que se encontra desprovido de direitos.
	Proença (2005, p. 21)	Marginalização de indivíduos ou grupos sociais em relação àqueles que produzem, consomem, convivem e são competentes.
	Silver (2005, p. 138)	A exclusão social de um grupo, ou dos indivíduos que pertencem a esse grupo é, antes de tudo, uma negação de respeito, reconhecimento e direitos.
	Lesbaupin (2000, p. 36)	A exclusão social não é um conceito, é uma nova questão social. Esta situação é resultado das transformações no processo produtivo, com as políticas neoliberais e com a globalização.
	Mazza (2005, p. 183)	É um processo dinâmico, multidimensional, por meio do qual se nega aos indivíduos – por motivos de raça, etnia, género e outras características que os definem – o acesso a oportunidades e serviços de qualidade que lhes permitam viver produtivamente fora da pobreza.
	Lopes (2006, p. 13)	Costuma ser relacionada a um plano de causalidade complexo e multidimensional, diferenciando-se da conceção de pobreza.
	Sheppard (2006, p. 10)	A exclusão social significa grupos socialmente excluídos. Portanto, são aqueles que estão em situação de pobreza, desemprego e carências múltiplas associadas e que são privados de seus direitos como cidadãos, ou cujos laços sociais estão danificados ou quebrados.

Tabela 1 Complicação de definições de exclusão/inclusão social

INCLUSÃO SOCIAL	Comissão Europeia (2003, p. 9)	Processo que garante que as pessoas em risco de pobreza e exclusão social acessem às oportunidades e aos recursos necessários para participarem plenamente nas esferas económica, social e cultural e beneficiem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem.
	Lopes (2006, p. 22)	São as políticas sociais contemporâneas que priorizam, equivocadamente, atingir os excluídos que estão no limite das privações através de programas focalizados que sustentam rótulos de “inclusão social”.
	Kowarick (2003, p. 75)	Processo que visa promover a inclusão dos segmentos em vulnerabilidade social, destacando a cidade, a escola, o emprego e a proteção social.
	Barry (1998, p. 17)	Refere-se à solidariedade social que é um processo diferente da exclusão social, pois reflete companheirismo.
	Silver (2005, p. 138)	A inclusão social de grupos não é meramente simbólica, já que também contém implicações económicas.
	Laclau (2006, p. 28)	É uma questão de abertura e de gestão: abertura, entendida como sensibilidade para identificar e recolher as manifestações de insatisfação e dissensos sociais, para reconhecer a “diversidade” social e cultural; gestão, entendida como crença no carácter quantificável, operacionalizável, de tais demandas e questionamentos, administráveis por meio de técnicas gerenciais e da alocação de recursos em projetos e programas (as políticas públicas).
	Wixey <i>et al</i> (2002, p. 16)	Processo pelo qual a exclusão social é amenizada. Caracteriza-se pela busca da redução da desigualdade através de objetivos estabelecidos que contribuam para o aumento da renda e do emprego.
	Sheppard (2006, p. 22)	A inclusão social está relacionada com a procura de estabilidade social através da cidadania social, ou seja, todos os cidadãos têm os mesmos direitos na sociedade. A cidadania social preocupa-se com a implementação de bem-estar das pessoas como cidadãos.

Fonte: Tabela adaptada de Alvino-Borba e Mata-Lima (2011, pp. 221-222)

A questão da viragem para a inclusão envolve cidadãos, políticas, inovação, mas, acima de tudo, a afirmação do princípio da universalidade dos direitos, que subjaz à Declaração Universal dos Direitos Humanos² e a promoção da igualdade de oportunidades, pois, como vimos no exemplo da transição do programa educativo, por exemplo na inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, na aceção de Capucha (2010), o problema não é nem apenas das pessoas, nem só da sociedade e das políticas, mas de ambos e da sua

² Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), no preâmbulo refere: o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e dos seus direitos iguais e inalienáveis constitui o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Cf. <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>

relação (Oliver, 1986; Barton, 1993; Finkelstein, 2001; Capucha, 2005a; Sousa, 2007 *in* Capucha, 2010, p. 38-39). A evolução das perspectivas sobre a inclusão social, uma vez que a temática da pobreza, exclusão, integração e inclusão, acompanham, desde sempre, as Ciências Sociais, em particular os fatores críticos que impactaram as sociedades e levaram à adaptação das políticas sociais ao longo do tempo, carece de um aprofundamento, pela instabilidade provocada no tecido social e consequente ausência de proteção, pelas crises identitárias no indivíduo e até pelas metamorfoses nas formas de socialização, que são atualmente, uma questão fulcral.

No aprofundamento da pesquisa, será importante referir a onnipresença da exclusão que, segundo Estivill (2003), é simultaneamente um fenómeno do passado e do presente e, se não for solucionado, pertencerá também ao futuro. Não obstante as terminologias e polissemias, apesar da evolução concetual, a exclusão recai sobre milhões de pessoas que tentam sobreviver, atravessando continentes, países e regiões, com as suas idiossincrasias. Conforme a afirmação de Almeida (1993, p. 829), na modernidade tem sido predominantemente o Estado social a corporizar a solidariedade, mas situações complexas de exclusão – distintas, embora frequentemente associadas às de pobreza – devem ser estudadas na sua causalidade, nas suas manifestações, nas suas incidências espaciais, procurando-se também identificar os grupos sociais mais ameaçados para chegarmos ao âmago da inclusão. Segundo Guerra (2012, p. 96), a aceitação da diferença (na doença, na cultura, na religião, no emprego, nos modos de vida) implica o desenvolvimento humano, dependendo dos talentos, das competências, das capacidades e escolhas e o *engagement* na vida comunitária; tal, ressoa na afirmação da autora:

“A inclusão ilustra uma nova etapa assente na aceitação e valorização da diversidade, na cooperação entre diferentes e na aprendizagem da multiplicidade; um processo através do qual a sociedade, nas suas mais diversas dimensões, se adapta de forma a poder incluir todos os indivíduos que, por sua vez, se preparam para desempenhar um ou vários papéis nessa sociedade” (Guerra, 2012, p. 96).

Bauman (2005) afirma que o Estado moderno teve de assumir a luta contra o medo e remendar a rede de atividades assistenciais que as revoluções contemporâneas romperam, conduzindo, inexoravelmente à instauração de um Estado social cujo núcleo era a proteção em sentido estrito e não a redistribuição da riqueza para as pessoas desprovidas de meios de fortuna, de cultura ou de influências, ou de qualquer outro capital que não fosse a sua

capacidade de trabalho. Na realidade, as variações modulares estruturais que caracterizam o mercado de trabalho espelham a abordagem de Bauman (2005, p. 20), cujo pensamento assenta na ideia do desempregado de hoje estar a um passo de cair no buraco negro dos desclassificados: homens e mulheres que não pertencem a qualquer grupo social legítimo e o que os diferencia é o tratamento que recebem, sendo improrrogável a mudança de atitude para incluir. Segundo Bauman (2005):

“Nos termos da célebre tese formulada por Hans Gadamer na sua obra *Verdade e Método*, o entendimento mútuo nasce da fusão de horizontes, dos horizontes cognitivos, quer dizer daqueles que se delineiam e expandem à medida que a experiência vital se vai acumulando. A fusão exigida pelo entendimento mútuo só pode resultar da experiência compartilhada, e compartilhar a experiência é inconcebível se, primeiro, se não compartilhar o espaço” (Bauman, 2005, p. 47).

Importará por este motivo apresentar alguns momentos determinantes, na Europa e no Mundo, desde Convenções da União Europeia até programas mais específicos (e.g da Estratégia de Lisboa 2010³, Estratégia Europa 2020, Estratégia Portugal 2030, até à Carta de Porto Santo 2021⁴); evidenciar algumas estratégias, em que atitudes individuais e coletivas (o conjunto dos atores, os governos e a administração pública, as organizações não governamentais e de trabalhadores as instâncias e as redes internacionais, o voluntariado, a economia social, as iniciativas cidadinas e comunitárias) se interessam e emancipam o debate dos problemas reais dos mais vulneráveis, os invisíveis que ficam “à margem”.

³ Estratégia de Lisboa 2010, na proposta no Conselho Extraordinário, em Março de 2000, a UE previa ser um espaço económico mais dinâmico e competitivo do mundo baseado no conhecimento e capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos, e com maior coesão social e preparar a transição para uma economia e uma sociedade baseadas no conhecimento, através da aplicação de melhores políticas no domínio da sociedade da informação e da I&D, bem como da aceleração do processo de reforma estrutural para fomentar a competitividade e a inovação e da conclusão do mercado interno. Cf. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM%3Ac10241>

⁴ Carta de Porto Santo 2021, documento de orientação para decisões dos Europeus nas áreas da Cultura e Educação, na defesa da complementaridade entre a democratização e a democracia cultural, com sinergias entre agentes culturais, políticas e envolvimento dos cidadãos para um desenvolvimento territorial, sustentável e pleno; pilares assentes na construção social através da cultura e cidadania cultural. Cf. <https://www.2021portugal.eu/pt/noticias/carta-de-porto-santo-da-democratizacao-a-democracia-cultural/>

2.2. As Indústrias culturais e criativas no panorama das intervenções por projeto

Expressões como ICC, Economia Criativa, ou Economia Cultural são, comumente, analisadas sob a perspectiva de produtos relacionados com o paradigma de produção da sociedade contemporânea, baseado na era pós-industrial, do conhecimento, da informação e da aprendizagem (Miguez, 2007). Enunciam-se alguns autores e obras que aprofundam a relevância do tema como Richard Florida, *The Rise of the Creative Class*, 2002; Richard Caves, *Creative Industries*, 2001; John Howkins, *The Creative Economy: How people make money from ideas*, 2001. A cronologia das ICC é marcada por dois países, Austrália e Reino Unido. Em meados da década de 1990, a Austrália assistiu à migração de talentos nas áreas criativas; o Reino Unido identificou o potencial lucrativo dos fenômenos de concentração urbanos e são estas premências que desvelam a necessidade de tipificar as áreas que envolvem o setor criativo. Em resultado da classificação das ICC conseguida, esses dois países adquirem o título de pioneiros no reposicionamento da intervenção artística e cultural na economia e política de um país. O conceito de Indústrias Criativas nasce na Austrália, na década de 1990, mas é em Inglaterra, através da percepção do lucro nas atividades criativas, que se elabora o mapeamento do setor, identificando as áreas que nele se inscrevem (Bendassoli et al., 2009, pp. 12-13). A partir deste momento, as indústrias com capacidade de criar riqueza através da exploração da propriedade intelectual assumiram relevância como setor da atividade económica e captaram a atenção dos países e dos seus governantes. Na economia criativa encontramos dois momentos que se complementam: o primeiro, na década de 1970, focado na influência da cultura norte-americana e europeia, em sequência dos processos de desindustrialização e iminente procura de atividades substitutas; o outro, na década de 1990, quando a classe criativa e cultural impactou a economia. Assumiremos a definição de economia criativa como o setor económico formado pelas ICC, que encerra a ideia do capital intelectual e da criatividade humana para o desenvolvimento, ultrapassando a visão de crescimento económico.

De acordo com Leite (2018, pp. 13-14) a economia criativa liga a cultura e a intervenção económica exigindo um novo paradigma na inovação, voltado para o conhecimento e experimentação, acompanhando de perto as tendências e as necessidades das comunidades, orientadas pela ideia da sustentabilidade ambiental, pela necessidade de usar

recursos de forma adequada e socialmente responsável. Por outro lado, as economias criativas trabalham sobretudo no sistema de projetos limitados no tempo, exigindo uma elevada rotatividade de produtos e competências de trabalho em equipas com métodos de resolução de problemas, características que exigem intenso diálogo interdisciplinar. Segundo Faustino e Moreira (2017), as ICC subsidiam pontes importantes, entre o conhecimento das ciências humanas e as ciências sociais e estão associadas a um ressurgimento do interesse na criatividade, contudo, as correntes do pensamento económico não se adaptaram à singularidade do sector.

O entendimento concetual da economia criativa pressupõe uma relação entre a cultura e a criatividade, tecnologia, inovação e sustentabilidade, abrangendo também os ciclos da criação, da produção e da distribuição de bens e serviços. Por ser uma definição “em construção” (UNCTAD, 2010, s/p), a Organização da Nações Unidas, na Conferência da Nações Unidas sobre o Comércio e o Desenvolvimento, em 2010, consubstancia a economia criativa como “um conjunto de atividades económicas baseadas no conhecimento com uma dimensão de desenvolvimento e ligações transversais ao nível macro e micro da economia global” (UNCTAD, 2010, s/p), importa perceber o subsídio na articulação com o tecido social.

Os períodos de crise, independentemente dos incidentes casuísticos, têm repercussão em vários setores da sociedade e levam os países a diligenciar novas soluções para os problemas; no caso das ICC, o cenário repetiu-se. No cenário pós-crise de 2008/2009, questiona-se o modelo social de desenvolvimento junto dos poderes públicos da Europa. Perante as repercussões de sucessivas crises financeiras que se refletem, invariavelmente, no plano social (em particular na deterioração das condições de emprego e quebra do rendimento disponível das famílias que resultam na retração da “classe média” e o aumento das desigualdades sociais) percebe-se a necessidade de criar estratégias de resiliência para a constituição de uma política comum económica e social (Rebelo, 2019, p. 122). A fixação de políticas intersectoriais surgem como fundamentais para dar respostas aos desafios da inclusão, à precariedade dos empregos no setor cultural e criativo e para dar cumprimento aos objetivos do desenvolvimento sustentável.

Perante a visibilidade de uma tendência crescente na profusão de dinâmicas criativas e programas que cruzam a cultura e a arte com a inclusão social, admite-se o posicionamento: entidades que integram o terceiro setor manifestam-se determinantes na promoção e

integração social dos grupos vulneráveis, quer na aproximação ao indivíduo, de forma ativa, quer na defesa dos interesses coletivos através de mecanismos de cooperação e solidariedade. Segundo Rebelo (2019), em Portugal, a adoção de medidas de proteção social, teve também origem no pensamento humanista de António Sérgio que, citando Kant, defendia: “a nossa vontade é uma vontade geral sempre que se determina peça regra de Kant. Procede de tal maneira que a razão do ato que praticas se possa erigir em lei geral, universal” (Sérgio, 1974, p.89, *in* Rebelo, 2019, p. 123), para além da constituição do Conselho Nacional para a Economia Social que visa o reforço do setor social e do desenvolvimento económico-social e das políticas da UE, podemos atender aos programas de apoio⁵, entretanto desenvolvidos. Não obstante a dinamização do setor das ICC e inerente crescimento de programas e projetos que cruzam a Economia Criativa, sublinhamos a possibilidade de acesso à cultura e às artes. Para além da transmissão cultural, a democratização da cultura envolve a luta pelos direitos humanos e a abordagem às medidas de combate à exclusão social – um dos ODS que influenciou, particularmente, o cenário na agenda das políticas públicas nacionais e da UE. Neste sentido, o estímulo à criação, tendo por base a cultura e as artes ao alcance e ao serviço dos grupos vulneráveis da sociedade, potencia o desenvolvimento das comunidades, das sociedades e da humanidade em diferentes graus, reinventando a própria existência humana, instaurando possibilidades à cocriação de novas realidades, na melhoria do bem-estar e qualidade de vida (Guerra & Figueredo, 2021).

⁵ Veja-se o POISE (Programa Operacional Inclusão Social e Emprego), consulta em <https://poise.portugal2020.pt>; PIS (Portugal Inovação Social), consulta em <https://inovacaosocial.portugal2020.pt/>; Europa Criativa, consulta em <https://www.europacriativa.eu/>

2.3. A cultura em relação à arte: subsídios para a ressignificação do tecido social vulnerável

O desenvolvimento de projetos que mesclam a cultura e as artes vai de encontro ao cumprimento dos propósitos que deram origem à fixação das políticas públicas, das quais emergem apoios a programas que conjugam a potencialidade da abertura do espaço artístico e cultural para a ampliação de experiências que contribuem para romper as barreiras sociais e cognitivas (Guerra & Figueredo, 2021). O espaço ocupado pela cultura e pelas artes foi redesenhado nas duas últimas décadas, sendo apontado um desígnio, desde a marginalização, numa dimensão política, até uma aproximação à economia e ao desenvolvimento urbano - uma mudança real de paradigma no binómio indústria cultural e criativa e economia criativa (Quintela & Ferreira, 2018). O grande diferencial da economia criativa é que ela promove desenvolvimento sustentável e humano e não se restringe ao crescimento económico; tal depreende uma proximidade, um envolvimento e participação dos vários grupos de uma sociedade.

O cruzamento do universo criativo, na cultura e nas artes, com a inclusão social impele a um questionamento sobre os fundamentos que norteiam estas inter-relações; projetos de intervenção-ação que envolvem organizações e comunidade (e.g. PELE⁶, MEXE⁷, PARTIS⁸, Programa Escolhas⁹), ou o recurso ao Teatro do Oprimido (T.O.) como ferramenta de

⁶ **PELE**, Associação Social e Cultural, criada no Porto, em 2007. Cf. na página oficial, é um coletivo que desenvolve projetos de criação artística enquanto espaços de reflexão, ação, e participação cívica e política potenciando processos de transformação individual e coletiva; é uma estrutura artística alinhada com as urgências dos territórios e comunidades, privilegiando a acessibilidade e participação artística em múltiplas centralidades, consulta em <https://www.apele.org/pt/>

⁷ **MEXE**, Associação Cultural sem fins lucrativos, define-se como espaço de valorização e divulgação de projetos artísticos que cruzem diferentes linguagens e comunidades assentando no diálogo entre criação, espaço público e participação cívica, potenciando uma abordagem holística da cultura e da criação artística, no contexto nacional e internacional. Cf. na página oficial, o Encontro MEXE, em conjunto com a PELE, organizam o Encontro Internacional de Arte e Comunidade; promove uma dimensão reflexiva e de produção de conhecimento através de encontros, seminários, congressos, publicações, documentários, entre outros, em parceria com diversas instituições de diferentes setores que concorram para os mesmos objetivos. Consultar em <https://mexe.org.pt/>

⁸ **PARTIS**, Práticas Artísticas para a Inclusão Social, apoio a projetos artísticos com impacto social que trabalham em diversas problemáticas sociais, tais como: crianças e jovens em risco, reclusão/privação de liberdade, imigração/minorias étnicas/asilo, deficiências, isolamento social e/ou geográfico, entre outras. Os projetos incluem disciplinas artísticas diversificadas e incluíram a música, o teatro, a dança, o circo, o cinema, a fotografia e o vídeo. Consultar em <https://gulbenkian.pt/projects/partis/>

⁹ **Programa Escolhas**, Promovido pelo Alto Comissariado para as Migrações (ACM), no âmbito do Ano Europeu da Juventude reuniu a Comissão Europeia, em cooperação com o Parlamento Europeu, os

inclusão, retiram do plano virtual reflexões metodológicas, revelando as potencialidades reais da interseção de relações. Todavia, segundo Guetzkow (2002), à medida que agências privadas e públicas esquadrinham formas inovadoras de empregar as artes para melhorar e fortalecer as comunidades, há uma maior exigência em avaliar o impacto dos seus investimentos; por outro lado, Sovik (2014) aborda a profusão dos projetos culturais e a essência do seu significado cultural, em particular na especificidade da cena brasileira que, desde os anos 80 do século XX até hoje, passou por fases de interpretação, desde a politização ao ceticismo até chegar ao fenómeno da *onguização*. Na aceção de Guetzkow (2002, p. 2), introduzir algumas problemáticas de estudo parece relevante quando se indaga a avaliação do impacto em ações que envolvem a cultura e as artes sobre as comunidades. O crivo do autor incide sobre a delimitação dos conceitos e a pré-definição de dimensões de análise:

“As artes impactam as comunidades. Quando falamos de ‘artes’, referimo-nos à participação individual (como membro da audiência ou envolvimento direto?), à presença de organizações artísticas (sem fins lucrativos e com fins lucrativos?) ou para distritos artísticos/culturais, festivais ou artes comunitárias? Ao falar de ‘impacto’, nos referimos a fatores económicos, impacto cultural ou social; nos referimos exclusivamente a efeitos diretos no nível da comunidade ou incluímos também os de nível individual e organizacional? Por ‘comunidades’ queremos dizer regiões, cidades, bairros, escolas ou grupos étnicos? É claro que não há respostas autorizadas para essas perguntas, uma vez que diferentes questões de pesquisa requerem definições diferentes. E como se poderia esperar, estudos de impacto artístico empregam essas definições heterogêneas em uma variedade de combinações. Dada esta série de definições, como iríamos medir o impacto das artes nas comunidades? Um problema é que os pesquisadores e as artes raramente parecem considerar tais complicações ao fazer reivindicações sobre o impacto mais amplo das artes e raramente discutem as implicações de escolhas teóricas e metodológicas” (Guetzkow, 2002, pp. 19-20, *itálicos nossos*).

Estados-Membros, as autoridades regionais e locais, a sociedade civil e os próprios jovens, incentiva todos os jovens a tornarem-se cidadãos ativos e agentes de mudança, promover as oportunidades que lhes são oferecidas pelas políticas da UE e, ao mesmo tempo, inspirar-se nas ações, na visão e nas perspetivas dos jovens para reforçar e dinamizar o projeto comum da UE, com base na Conferência sobre o Futuro da Europa e em linha com a Estratégia da UE para a Juventude (2019-2027). Consultar em <http://www.programaescolhas.pt/>

Tabela 2 Mecanismos do impacto das artes

	Nível Individual			Nível Comunitário		
	Material/ Saúde	Cognitivo/ Psicológico	Interpessoal	Económico	Cultural	Social
Envolvimento direto	Construção de laços interpessoais e promoção do voluntariado, que melhora a saúde; aumenta as oportunidades de autoexpressão e prazer; reduz a delinquência em jovens de alto risco.	Aumenta a sensação de eficácia individual e autoestima; melhora o sentimento de pertença ou de integração dos indivíduos numa comunidade; melhora o capital humano: competências e capacidades criativas.	Cria redes sociais individuais; melhora a capacidade de trabalhar com os outros e comunicar ideias.	Remunerações para pagar colaboradores.	Aumenta o sentido de identidade/consciência coletiva e eficácia.	Constrói capital social envolvido as pessoas, conectando organizações entre si e dando aos participantes experiência na organização e trabalho com o governo local e organizações sem fins lucrativos.

Tabela 2 Mecanismos do impacto das artes

Participação do público	Aumenta as oportunidades de diversão; alivia o stress.	Aumenta o capital cultural; melhora o raciocínio visual e espacial; melhora o desempenho escolar.	Aumenta a tolerância aos outros.	As pessoas (em particular, turistas/visitantes) gastam dinheiro para assistir às artes e em negócios locais; gastos em espaços de arte têm efeitos indiretos em patrocínios.	Constrói a identidade e o orgulho da comunidade; leva a normas comunitárias positivas.	Reunião de pessoas que, de outra forma, não entrariam em contacto umas com as outras.
Presença de artistas e organizações de artes e outras instituições	Aumenta a oportunidade individual e a propensão para o envolvimento nas artes.			Aumenta a propensão dos membros da comunidade para participar das artes; a atratividade da área para turistas, empresários e investimentos; promove um “ambiente criativo”.	Melhora a imagem e o estatuto da comunidade.	Promove a diversidade cultural na vizinhança; reduz a criminalidade e a delinquência na vizinhança.

Fonte: Adaptação e tradução de Guetzkow (2002, p.3) com base na tipologia proposta por Kevin McCarthy (2002)

A tipificação por dimensões de análise (e.g. tabela 2) clarifica o estudo de um fenómeno social porque será escrutinado e sustentado mediante os objetivos de base pretendidos. No nosso objeto de estudo, por exemplo, almejamos refletir sobre a inclusão social através de ações que envolvem a cultura e as artes, num recorte delimitado, daí a importância e implicância das questões metodológicas e mecanismos envolvidos.

Vejamos o exemplo de uma intervenção comunitária, enquanto subsídio para a ressignificação do tecido social vulnerável: a Iniciativa Bairros Críticos¹⁰ (IBC). A IBC foi desenvolvida no âmbito de um programa nacional, coordenado pela Secretaria de Estado do Ordenamento do Território e Cidades; tinha como objetivo o desenvolvimento de soluções de qualificação dos territórios urbanos que apresentavam fatores de vulnerabilidade crítica (Direção-Geral das Artes, 2011). As intervenções socio-territoriais integradas incidiram, de forma experimental, em três territórios: Cova da Moura (Amadora), Lagarteiro (Porto) e Vale da Amoreira (Moita). Os projetos incluídos na candidatura "Vale Construir o Futuro" assentaram em quatro áreas estratégicas: dinamização da atividade económica, qualificação do espaço urbano, coesão social e valorização da diversidade; no âmbito desta última área estratégica, a Direção-Geral das Artes desenvolveu a operação "Intervenção artística nas empresas e espaços públicos", como demonstra a figura 2, sendo também uma das entidades parceiras do projeto para a "Dinamização de um referencial etnográfico para o Vale da Amoreira" (Direção-Geral das Artes, 2011). A partir de uma intervenção no espaço público a derivação para ilustrações da criatividade ilimitada em articulação com a missão da inclusão social. O envolvimento direto nas artes, o envolvimento pessoal numa atividade criativa (frequentemente associada a programas comunitários de artes e programas educativos que visam a vertente cultural e artística nos currículos) e, a interação com outras organizações e públicos, conduziram a uma reaproximação das comunidades e ao sentimento de orgulho na pertença. Analisar as expressões artísticas e culturais para a construção de ambientes que privilegiam a função social da arte e modos de inclusão social, obriga então a um entendimento dos vínculos que se entretecem entre cultura/ artes/ inclusão social. As disciplinas do conhecimento sociologia da cultura e sociologia da arte, corporizam a fundo estas questões. Atendemos à reflexão de Azevedo (2017) sobre estas proximidades:

“É a dimensão material e simbólica do conceito de cultura que o configura na sua definição antropológica mais global: o universo social é um universo cultural. A especificidade de ambos reside na diversidade, conciliação e conflitualidade dos modos sociais de criar,

¹⁰ Bairros Críticos, ver iniciativa “Vale Construir o Futuro”, criada através da Resolução do Conselho de Ministros nº 143/2005, de 2 de agosto publicada no DR, I Série – B, de 7 de setembro de 2005. Assentava em parcerias institucionais e locais, envolvendo oito Ministérios (Presidência; Ambiente do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional; Trabalho e Segurança Social; Administração Interna; Saúde; Educação; Cultura e Justiça) e mais de 90 entidades públicas e organizações/associações locais, num modelo de gestão inovatório. Cf. <https://www.dgartes.gov.pt/pt/acao/197>

vivenciar e reconfigurar a cultura. (...) As artes são o resultado de processos sociais, datados e situados, e não um corpus de objetos definidos uma única vez e por todos os que representam instituições e disciplinas consagradas. É uma proposta *in progress*, contraditória e tensa. Ou, pelo menos, assim o entendem os modelos teóricos da transversalidade horizontal das manifestações culturais, na tentativa de dessacralização daquilo que sempre constituiu a referência artística legitimada: seja a que reporta para o património artístico das sociedades, solidificadas em camadas de legitimação estética e simbólica pelo tempo histórico, pelos efeitos da raridade e da autenticidade e pelos discursos que historicizam os processos da criação artística das sociedades; seja a que reporta para as convenções mais flutuantes e provisórias da contemporaneidade artística. Interpretar as potencialidades do trabalho daqueles que são atores/ criadores das suas próprias condições de manifestação cultural – como no caso dos protagonistas dos projetos artísticos com vista a modos de inclusão social – permite-nos visualizar o quão as trajetórias individuais continuam a ter relevo na relação direta e constante com as práticas culturais” (Azevedo, 2017, pp. 31-33, *itálicos nossos*).

Figura 1 Iniciativa Bairros Críticos



Fonte: <https://www.dgartes.gov.pt/pt/acao/197>

Aproximando a inclusão social como dinâmica para o bem-estar das comunidades e adotando a cultura como motor para o desenvolvimento, defende-se a sinergia dos recursos das populações e a proximidade, na lógica da afirmação do “local” enquanto espaço de expressão da vontade participativa, assim como espaço de experiência para fórmulas socioeconómicas inovadoras (Guerra & Quintela, 2007). Esta premissa leva-nos à questão do acesso na igualdade de oportunidades, ou à liberdade de escolha de cada indivíduo. Admitindo a cultura como ativo importante nas democracias (no pressuposto do ideal da democracia participada e participativa com as condições para o exercício efetivo da liberdade) e, cultura enquanto espaço de encontro onde os cidadãos se tomam por iguais, atribui-se a cada nação e a cada comunidade papéis determinantes no encalce da justiça social e no exercício da cidadania (Xavier, 2016). Em sentido amplo, a inclusão social através da cultura pode ser entendida como um desafio para a ação e um dispositivo de liberdade

(Guerra, 2012). Todavia, para Xavier (2016, p. 55), deixar o acesso à cultura exclusivamente ao livre-arbítrio dos cidadãos, em Portugal, não seria um ato de atribuição de liberdade, pelo contrário, seria um contributo à fragmentação social:

“Sabemos que as diferenças socioeconómicas existentes entre os portugueses não permitem a todos exercer plenamente a sua cidadania. Não estimular o acesso a bens culturais, como museus, património construído, cinema, artes e literaturas contemporâneas, é o mesmo que reduzir a cultura à indústria do entretenimento. A fruição através dos movimentos culturais massificados e de escala corresponde à vitória da padronização sobre a possibilidade de construção de identidades plurais e complexas, o mesmo é dizer: identidades que tomem o pensamento e a ação como responsabilidade de exercício livre e não como impulso sincrético de manifestação coletiva validada por efeitos de adesão em cascata (se todos fazem, eu também)” (Xavier, 2016, p. 55).

Subentendemos, então, a necessidade da resiliência na hélice dupla, indivíduo ou comunidade e instituições, para que a democratização cultural respalde na horizontal, como um direito universal, acessível a todos (Guerra & Figueredo, 2020). Salienta-se a urgência na agilização da capacitação necessária para que as diversas intervenções sociais, com vista à inclusão, ocorram no sentido da fruição da cultura e das artes em campo expandido, no âmbito de uma criatividade ilimitada, visando um impacto na construção de identidades que ecoa na pluralidade de vozes como defende Guerra (2020).

Privilegiar o contacto de ações com valores inerentes à inclusão, nas mais diversas manifestações culturais e recreações artísticas, sem perder o sentido do valor real da sua representação, como: a pluralidade; a aceitação da diversidade; a celebração da diferença; a multiculturalidade; e a interculturalidade, em diversos espaços e no recurso a outras linguagens, conduzem ao impacto desejado, à mudança necessária, possibilitando a criação e a inovação. No entendimento de Guerra (2012), a estratégia de abordagem passa pela proximidade, na partilha de espaços sociais e físicos para ocorrer interação e assim reduzir o distanciamento social, para além da funcionalidade, ou aplicação sincrónica, dos procedimentos formais e informais de integração conducentes à mudança. Segundo Xavier (2016), a mudança demanda um escrutínio; a mudança opera a transformação do indivíduo e da sociedade, que o autor denomina “viagem do sujeito”, da qual depreendemos uma capacidade autorreflexiva e crítica, e o escrutínio, como elemento indispensável para a edificação de modelos sociais mais inclusivos, mais justos e adequados às circunstâncias contemporâneas. Sovik (2014) coloca em perspetiva esta análise, numa abordagem ao

significado social dos projetos culturais e das novas epistemologias estéticas, aflorando as questões da politização e da sustentabilidade quando no âmbito “encenam” a inclusão social.

Na esfera cultural e criativa, a inclusão social e a educação são alavancas mútuas para o exercício da responsabilidade social de muitas organizações, revelando-se fundamentais para a construção dos programas intersetoriais, legitimados na integração de cidadãos e grupos excluídos e socialmente desfavorecidos (Guerra, 2020). Munari (1990) afirma que uma pessoa sem criatividade é uma pessoa incompleta, o seu pensamento não consegue enfrentar os problemas que se apresentam, daí a relevância das pedagogias não formais, de arte-educação ou socioeducativas, que encontram em Paulo Freire o expoente máximo, com a educação emancipadora e transformadora (Mafra *et al.*, 2018); Guetzkow (2002), afirma que currículos escolares integrados às artes melhoram o desempenho acadêmico e estudantil (Fiske 1999; Remer 1990, *in* Guetzkow, 2002, p. 21); as artes revitalizam bairros e promovem prosperidade econômica (Costello 1998; SCDCAC 2001; Stanziola 1999; Walesh 2001 *in* Guetzkow, 2002, p. 21); a participação nas artes melhora o bem-estar físico e psicológico (Baklien 2000; Ball & Keating 2002; Bygren *et al.*, 1996; Turner e Sénior 2000 *in* Guetzkow, 2002, p. 21); as artes fornecem um catalisador para a criação de capital social e a realização de importantes objetivos comunitários (Goss 2000; Matarasso 1997; Williams 1995 *in* Guetzkow, 2002, p. 21). Partindo do pensamento de Xavier (2016, pp. 70-71): modelos sociais mais inclusivos não podem ser remetidos para contextos e circunstâncias históricas obsoletas, uma vez que o acesso às expressões criativas de intimidade entre espectador – artistas - críticos, discursos e caminhos de construção social e comunitária valem pelos percursos e experiência per si - pela representatividade e se comparados à univocidade sujeito da criação artística-objeto. Torna-se imperativo um olhar sobre a escrutinação que a ciência nos traz ao conhecimento, através de alguns projetos que, no geral, têm por base uma lógica de transformação societal e, a nível particular, imbricam a inclusão social com a cultura e as artes.

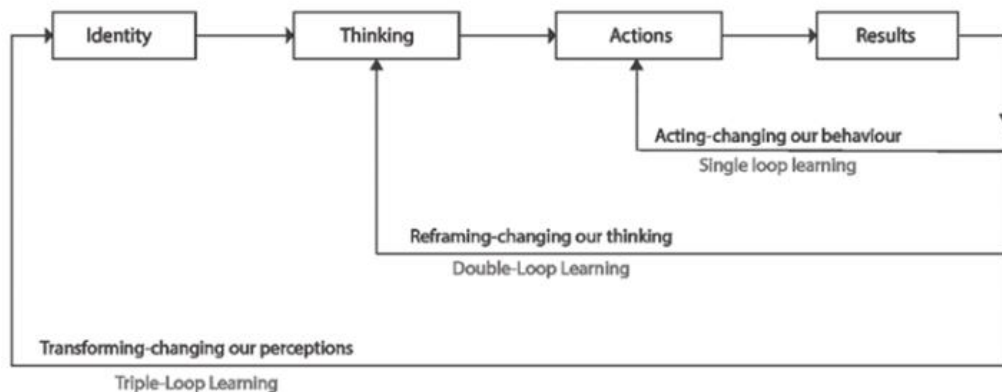
2.4. Desdobramentos das linguagens artísticas e culturais nos percursos criativos para a inclusão social

Para o desenvolvimento deste capítulo, será importante um contacto aproximado ao terreno, designadamente, compreender a essência do PBS. Insta assomar bases sólidas para situar: a identificação de práticas, em particular, nos projetos com expressão na dinamização do setor da cultura e artes no combate à exclusão; a sinalização das carências e boas práticas dos programas desta natureza; e, a síntese de recomendações relevantes para implementação futura em projetos com impacto efetivo sobre os beneficiários e as comunidades.

Sovik (2014, p. 180) alerta para o facto de que “nem sempre a convivência gera integração; às vezes a copresença produz um novo retrato da desigualdade”, por outro lado, o impacto dos projetos sobre a cena pública pode vir da relação entre a autorrepresentação e a capacidade de ação, sendo a autoestima uma condição necessária para os grupos mais vulneráveis da sociedade reconhecerem a própria capacidade e sentirem a liberdade de agir para mudar as relações sociais (Sovik, 2014, pp. 174 -180). Nesta “construção” de percursos criativos, o maior desafio colocado aos projetos de inclusão, com enfoque na cultura e nas artes, é o de contornar as alternativas colocadas pelo senso comum: idealismo ou ceticismo. Na aceção de Schwanitz (2005, p. 378), foi do êxito das ciências que derivou a imagem da sua história, urdida como um processo de acumulação contínua de verdades, mas quando Thomas Kuhn aprofunda esta questão, apercebe-se que o progresso científico se havia desenrolado com base numa outra essência – uma série de períodos legislativos com aguerridas campanhas eleitorais e contínuas mudanças de governo.

Ao recolocarmos o problema da situação e do objeto, em termos das possibilidades sociais, a tónica recai no impacto das ações sobre os indivíduos e os mundos interpretativos e críticos; as ações implementadas surgem não apenas de novas ideias e novas políticas, mas de um espaço de cocriação participativa, reflexo de novos paradigmas de investigação-ação. Nabais (2021, p. 44) faz referência ao modelo de investigação-ação com base em transformações associadas ao *triple-loop learning* de Argyris e Schon (1978), na figura 2, uma abordagem à investigação no terreno que permite a coexistência da evolução gradual na aprendizagem e crescimento individual e organizacional.

Figura 2 Triple-loop learning de Agyris e Schon



Fonte: Nabais (2021, p. 44).

Segundo Nabais (2021, pp. 19-22), “as ciências e as artes sempre utilizaram processos coletivos de criação”, mas a partir da década de 1960 do século XX, ocorre aquilo a “viragem participativa”, isto é, o surgimento de um público informado, que se interessa, que toma parte ativa e encontra formas diversas de participação. O fenómeno em que todos são criadores porque são chamados a participar em processos criativos das ciências e das artes, ou colaboram no desenho de construções coletivas, sendo que o não é o produto da obra edificada, mas o processo de realização e a natureza participativa de um *working in progress* coletivo. Na obra de Nabais (2021), *Processos Criativos nas Ciências e nas Artes. A Questão da Participação Pública*, encontramos o contributo de vários autores tendo como objeto alguns estudos de caso com tónica na criação participativa, em ciência e em arte à micro-escala, em pequenas comunidades e respondendo a contextos diferenciados.

Sendo a inclusão social um dos ODS (UNRIC, 2022), há que atender à possibilidade de politização das iniciativas emergentes. Atualmente, percebe-se uma tendência nas práticas colaborativas e participativas, além dos processos coletivos de criação e do fomento de parcerias no trabalho em rede, no sentido de que cumpram uma função social. Contudo, conforme já vertido, a complexidade do conceito de inclusão social encerra várias dimensões e requer alguma clarificação para o cumprimento dos objetivos desta proposta. Desde logo, o processo de implementação das ações e projetos (a geração de oportunidades, a interatividade e sociabilidade, a superação de obstáculos para adquirir conhecimentos e autonomia, a ampliação dos limites cognitivos, afetivos, sociais,

ambientais, etc.) pode ser determinante nos fatores que implicam no produto refletido na inclusão, tendo em conta que o novo milénio trouxe consigo a inclusão social enquanto resposta e não alternativa à exclusão (Guerra, 2012).

Urge entender os projetos de inclusão baseados em cultura e artes como parte estrutural de uma sociedade, com recurso a um método mais conceitual e menos retórico, para entender o seu sentido social (Sovik, 2014, p. 175). Tomando como exemplo uma ação de 2010, no Bairro Horta da Areia, em Faro, e tendo como ferramenta de inclusão social o Teatro do Oprimido (T.O.)¹¹, Martins e Lucio-Villegas (2014) demonstram como atividades do T.O. abrem caminho a aprendizagens não formais como forma de intervenção junto das famílias ciganas.

O cenário é um bairro montado na década de 1970, situado na periferia da cidade, composto por casas pré-fabricadas e com forte estigma social (casos de pobreza, problemas habitacionais e falta de segurança), antevendo a exclusão social dos habitantes. A atividade do T.O. com vista à inclusão no Bairro Horta da Areia desenvolveu-se no âmbito de um projeto coordenado pela Cruz Vermelha Portuguesa (Núcleo Faro) e foi dinamizada pelo centro comunitário do bairro; os eixos de intervenção principais foram a saúde e a educação; a periodicidade do estudo foi de dois anos; e, o público-alvo para o envolvimento foi centrado em faixas etárias mais novas, formando-se um grupo de estudo composto por oito jovens entre os 13 e os 17 anos de idade. O projeto pretendia conhecer as perceções do grupo face à sua vida no bairro, entendida como uma vivência em comunidade (entendida na dupla perspetiva territorial e características e perceções dessa população face ao território), visando explorar de que forma o T.O. influencia a vida dos elementos do grupo. Como resultado, percebeu-se que a metodologia T.O. trouxe ferramentas que poderão ajudar a gerir os problemas do bairro, como ajudar os jovens a lidar com o sentimento de marginalização face a outros habitantes da cidade de Faro e também com as contradições que cada cultura encerra em si. Segundo Martins e Lucio-Villegas (2014, p. 70), as atividades como o T.O. podem contribuir para a construção de pontes sociais no bairro e

¹¹ T.O., Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, é um método que aplica o teatro como ferramenta para a transformação social; teve o apogeu nos anos 1960 e 1970 do século XX, na América do Sul e, na década de 1980, foi trazido para a Europa (Martins & Lucio-Villegas, 2014, p. 59), trata-se de uma metodologia com um forte compromisso político e educacional que visa criar uma forte conexão com a realidade social, permitindo uma análise dos problemas e das injustiças sociais, ensaiando soluções num cenário protegido.

o contacto com a população exterior permite a desconstrução de preconceitos, pois, conforme defendido pelo autor da metodologia, Augusto Boal, é uma oportunidade para transformar a realidade social (Picher, 2007; Schaedler, 2010, Martins & Lucio-Villegas, 2014).

Barraket (2005), no trabalho denominado *Putting people in the picture? The role of the arts in social inclusion*, desenvolvido para a instituição australiana Brotherhood of St. Laurence demonstra, com base em evidências significativas (locais, internacionais e nas experiências da equipa de trabalho) os resultados de um programa baseado em literatura orientado para a inclusão social de indivíduos, grupos e comunidades desfavorecidas. Segundo Barraket (2005, pp. 13-14), na revisão preliminar das atividades desenvolvidas na Brotherhood St. Laurence e organizações parceiras no programa, as artes aplicadas de diversas formas capacitaram indivíduos, reabilitaram a socialização nas comunidades, promoveram conexões sociais, criaram empregos e incentivaram a participação educacional; por outro lado, o programa valorizou a qualidade da contribuição artística, uma inovação bem-sucedida que promoveu a colaboração e a conexão entre o grupo de artistas, quando avaliando os resultados dos produtos obtidos.

Com uma abordagem ao contexto anglosaxónico¹², em que a temática da relação entre a cultura, as artes, e a intervenção comunitária era discutida de uma perspetiva da instrumentalização das artes enquanto alçada dos poderes públicos, e enquanto meio para estes atingirem os seus fins, Melo (2015) desenvolve a pesquisa *Texturas, ou sobre os efeitos sociais das artes*. A partir de um projeto de intervenção comunitária, no âmbito do Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira, o objetivo do estudo centrou-se em desenvolver o significado atribuído à experiência teatral, por parte de pessoas socialmente distantes do mundo artístico. O impacto da experiência Texturas resultou na participação artística geradora de um conjunto de consequências transformativas nas vidas dos protagonistas, e segundo Melo (2015, p. 31) à exceção de uma participante, todos os elementos mantiveram uma atividade artística e cultural regular em coletivo e

¹² Referência aos Cultural Studies, com incidência nos Estados Unidos da América, Austrália e Reino Unido, cuja conceção adotada de cultura estava amplamente associada às dimensões de género, sexualidade, relações interétnicas, formas de exploração neocoloniais e na exploração dos temas associados à cultura enquanto dimensão estética e de lazer, mass media e cultura popular (Melo, 2015, p. 14)

experimentaram consequências positivas na vida dos indivíduos enquanto atores num contexto que não lhes era próximo.

Tomando como referência alguns dos conceitos mobilizados pelos processos criativos, no terceiro vetor desta pesquisa, almejamos contribuir sobre o sentido, os limites e as virtualidades da inclusão social através do PBS; compreender quais os fatores e atores que contribuem para o impacto social; quais os benefícios e os entraves para o desenvolvimento; e, de que forma as entidades envolvidas, em particular as do terceiro setor, operacionalizam a inclusão social através da cultura e das artes mediando uma pedagogia crítica (Santos & Guerra, 2017; Guerra & Zańko, 2019).

3. METODOLOGIA: MUNDIVISÃO NO CRUZAMENTO DA INCLUSÃO COM A CRIATIVIDADE, AS ARTES E A CULTURA

O recorte da pesquisa incide num estudo de caso - o Programa Bairros Saudáveis¹³. Tendo em conta a transversalidade da iniciativa, procedeu-se a uma seleção das intervenções sociais inseridas no programa que permitisse analisar a índole projetual assente na temática do estudo. A abordagem qualitativa e exploratória, sustentada na *arts-based research*, almejou lograr os eixos de intervenção preliminares em torno das artes, da criatividade e da cultura em prol da inclusão social.

A natureza do trabalho tende à abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória, com o recurso à aplicação de instrumentos de recolha de dados: uma entrevista exploratória à autora do programa e coordenadora nacional; entrevistas semi-estruturadas aos coordenadores locais dos projetos sinalizados; observação com entrevistas semi-estruturadas aos participantes. Os instrumentos para a recolha de dados foram construídos a partir de dimensões de análise, com recurso à multiplicidade de métodos aplicados em *arts-based research* (ABR).

Na ABR, a pesquisa tende para uma vertente específica - orientação dos métodos de avaliação a estudos que envolvem um compromisso social no campo das artes. Desta forma, os pontos focais no desenvolvimento dos instrumentos de pesquisa constituem-se como ferramentas que perscrutam o universo das potencialidades humanas em intervenções comunitárias, para capturar, avaliar e aproveitar o impacto social das artes, extraindo, das ações implementadas no terreno, boas práticas e políticas, com aplicabilidade e replicabilidade nos desafios sociais das comunidades. Segundo Diederichsen (2019, p. 64 - 65), a ABR pode operar uma ação ontológica, o que autora designa por um devir-arte, uma estética da existência e crença nas possibilidades do mundo e outras maneiras de pesquisar, educar e viver, através da produção, do aprofundamento e da legitimação de formas de pesquisa que, por utilizarem linguagens artísticas e abordagens estéticas, permitem tecer e

¹³ Bairros Saudáveis é um programa público que visa capacitar a intervenção de diversas entidades, com particular ênfase em organizações do Terceiro Setor, em comunidades e territórios vulneráveis, capitalizando os elementos inerentes à heterogeneidade geográfica dos contextos (<https://www.bairrossaudaveis.gov.pt/>)

mostrar olhares, relações e potencialidades que permaneceriam invisibilizadas em outras formas de investigação.

As metodologias artísticas de pesquisa pressupõem uma diversidade de métodos para conceber, pensar e significar a pesquisa no processo investigativo que se traduz na criação de relações, visões e movimentos imprevisíveis. Para Diederichsen (2019, p. 67), as práticas na ABR, empíricas e teóricas, “visitam e recriam, através do ato artístico, as dimensões do humano e do inumano, do conhecido e do desconhecido, acolhendo a incompletude e a incerteza”. Dito de outra forma, a componente artística e cultural dos projetos sociais objeto de estudo conduz a pesquisa, mas vai para além da sua materialização, uma vez que é a análise da qualidade das experiências e vivências que corporiza o potencial das evidências como defendem Guerra e Fernandes (2022).

Partindo para o terreno, a enorme diversidade territorial, as comunidades heterogêneas com contextos e práticas de vida diversas, tomamos como referência a ABR na abordagem de investigação, representada em alguns métodos, desenvolvidos no âmbito do projeto AMASS¹⁴, *Acting on the margins: Arts as social sculpture*. No sítio da Lapin Yliopisto, University of Lapland, podem interpretar-se “as artes como escultura social” da seguinte forma:

“As artes podem mover pessoas, educar sociedades e questionar narrativas amplamente aceites. As artes também podem lançar uma nova luz sobre o passado, erguer um espelho para a vida contemporânea e lançar novas perspetivas para o futuro. AMASS, um projeto de pesquisa-ação baseado em artes, visa criar oportunidades concretas para que as pessoas se unam e acompanhem artistas como agentes em projetos criativos e interpretações. Este projeto multidisciplinar considerará um amplo campo de disciplinas e, por meio de abordagens participativas, usará métodos práticos do campo do design de serviços para explorar o papel das artes na mitigação dos desafios sociais, visando capturar, avaliar e aproveitar o impacto social das artes e gerar ainda mais impacto social por meio de recomendações de políticas” (S/A, s/d)¹⁵.

Definindo o foco da investigação e a sua configuração espácio-temporal, recorreremos à ABR para evidenciar aspetos da problemática de estudo. Wang *et al.* (2017) afirmam que a abordagem qualitativa da ABR usa expressões e formas artísticas para explorar, entender,

¹⁴ O projeto AMASS obteve financiamento do programa de investigação e inovação Horizonte 2020, da União Europeia (ao abrigo do contrato de subvenção n.º 870621) e consiste numa compilação de projetos sociais com intervenção através das artes, analisados sob o método AMASS, desenvolvidos em países como República Checa, Finlândia, Hungria, Itália, Malta, Portugal e Reino Unido.

¹⁵ Disponível em: <https://www.ulapland.fi/EN/Webpages/AMASS>

representar e desafiar experiência humanas, tendo como ponto fulcral um compromisso social. A ABR comporta algumas especificidades, sintetizadas de acordo com Wang *et al.* (2017) na tabela 3:

Tabela 3 Características da investigação qualitativa e especificidades da ABR

	Investigação Qualitativa	Características Específicas da ABR
Propósito principal	Os estudos satisfazem as necessidades dos pesquisadores na compreensão profunda de uma situação, ou fenómeno particular, e podem levar a recomendações para a ação.	Os estudos satisfazem o desejo de compreensão profunda dos artistas-pesquisadores, bem como a necessidade de surpresa e indicadores potencialmente "inquietantes".
Métodos de coleta de dados	O uso de métodos de coleta de dados bem documentados, como entrevistas, grupos focais, eliciação visual e trabalho de campo envolvendo observações.	Criação de dados: o uso de métodos de inspiração artística, como narrativa digital, fotografia, desenho, escrita de poesia, performance, etc.
Análise de dados	Interpretações, entendimentos e sugestões de melhoria sobre um determinado fenómeno social em resposta às questões de pesquisa delineadas.	Chama a atenção para a complexidade dos fenómenos, levantando mais perguntas do que respostas e até gerando mais incertezas do que certezas.
Formas de divulgação	Relatos escritos de pesquisas, principalmente publicados em revistas académicas, declarações formais como em artigos científicos.	O uso de formas de divulgação de inspiração artística, como exposições de obras de arte bi/ tridimensionais, performances, publicações e/ou encenações de obras literárias como ficção e poesia, em adição ou em substituição a um texto puramente académico.
Público/ comunidade	Principalmente académicos e <i>stakeholders</i> que trabalham nas mesmas áreas, ou áreas estreitamente relacionadas, com um nível de literacia académica suficiente.	Um grupo mais diversificado de partes interessadas, incluindo, mas não se limitando a membros da comunidade e formuladores de políticas. Ele aborda toda a gama de níveis de alfabetização sensorial.
Avaliação	Existe uma variedade de estruturas e critérios de avaliação para julgar a qualidade dos artigos publicados, com alguma sobreposição entre os critérios usados, principalmente construídos em torno da ideia de credibilidade, transferibilidade, confiabilidade e confirmabilidade.	Várias estruturas para a avaliação de projetos ABR estão disponíveis, com um forte foco em como o método se relaciona com objetivos pedagógicos, sociais ou filosóficos mais amplos.

Fonte: Wang *et al.* (2017, pp. 11-12).

Em síntese, a ABR partilha características comuns com outras abordagens qualitativas mais convencionais, incluindo a teoria fundamentada, a fenomenologia, a etnografia, o estudo narrativo e as formas colaborativas de pesquisa. Não obstante o enfoque da ABR estar na forma como o indivíduo dá sentido ao mundo, a fim de lhe atribuir significado, simultaneamente, adquire uma transdisciplinaridade ao enfatizar o particular para

contribuir para o todo (Eisner, 1981, p. 5). As pesquisas qualitativas pressupõem a “incoercibilidade do real”, ou seja, a realidade complexa, rica de ressonâncias que apresentam os fenómenos (Dias, 2009, p. 83). Com esta abordagem, pretendemos compreender a inclusão social através da cultura e das artes, não se destacando, particularmente, o seu contexto e as relações decorrentes na sua ligação, mas perceber a natureza da sua relação (Phillips, 1972; Good & Hatt, 1979 *in* Dias, 2009).

Expondo o percurso investigativo, numa primeira instância concretizamos a pesquisa exploratória, materializada numa entrevista semiestruturada (Cf. Anexo 2), dirigida à autora do programa objeto de estudo e coordenadora nacional do PBS. A pesquisa exploratória funcionou como bússola para um reconhecimento preliminar do projeto, tendo como objetivo adquirir familiaridade com o fenómeno, poder dar-se conta dele, formular um problema de investigação, de modo mais específico, ou ainda desenvolver hipóteses para estudos posteriores (Gil, 1989, pp. 44-45 *in* Dias, 2009).

Procedemos à pesquisa e seleção dos projetos, elaboradas a partir da consulta dos conteúdos do site institucional do PBS. O aprofundamento das questões sobre o método de análise de conteúdo limita-se à análise temática e categorial que, segundo Quivy e Campenhoudt (1998, p. 228), consiste em comparar a frequência de certas características, na maior parte das vezes, os temas evocados, baseando-se na hipótese segundo a qual a característica é tanto mais frequente citada quanto mais importante é para o locutor. A consulta efetuada no site institucional do PBS teve como objetivo examinar certos elementos constitutivos do discurso que, na nossa pesquisa, respalda na pesquisa de projetos de intervenção social ancorados na cultura e nas artes. Para a sinalização dos projetos realizados no âmbito do PBS, foram pré-determinados critérios a saber: diversidade territorial; heterogeneidade da natureza cultural e artística; heterogeneidade de públicos e comunidades envolvidas; a prevalência de um denominador comum – a inclusão social através da cultura e das artes.

Deste modo, a organização geográfica e a estrutura pela qual surgem enunciados os projetos no presente trabalho precedem da análise do site institucional do PBS. A partir das regiões de intervenção inscritas no PBS e tendo em conta a divisão do território continental de Portugal, a distribuição por projeto verifica-se nas cinco regiões fixadas: Região do Algarve; Região do Alentejo; Região de Lisboa e Vale do Tejo; Região Centro; e, Região Norte.

A referência ao elenco dos projetos surge também alinhada com a ordem adotada no programa: de Sul para Norte. Crivamos a avaliação de projetos que têm a cultura e as artes na sua essência, visando ativar a inclusão social e tendo como veículo um ecossistema criativo na lógica de ordenação sistematizada no PBS, sem qualquer hierarquização. Os projetos sinalizados para estudo foram os seguintes:

- **PorTiArtista** - Região do Algarve, território de intervenção Bairro Cruz da Parteira (Portimão).

- **BEJACOLHE** – Cultura e Diversidade – Região do Alentejo, território de intervenção Centro Histórico de Beja (Beja).

- **Rádio Pavão** – Região de Lisboa e Vale do Tejo, território de intervenção Bairro do Castelo (Lisboa).

- **Seixo Comunidade FIS** – Feliz Inclusiva Saudável, Região Centro, território de intervenção Seixo (Mira).

- **Os Leixões das Memórias** – Região Norte, território de intervenção Conjunto Habitacional Bairro dos Pescadores, Leça da Palmeira (Matosinhos).

Tendo em conta o desenho de investigação e sistematizados os projetos referidos, foram definidos os agentes e atores sociais envolvidos, determinantes para investigação. Mediante as opções metodológicas perscrutadas, procedemos à auscultação das coordenações locais e dos participantes dos projetos a partir dos guiões de entrevista semi-estruturada, elaborados por dimensões de análise (Cf. Anexos 3 e 4).

Com estes instrumentos de recolha de dados almejou-se obter informação nova e a clarificação de dados recolhidos anteriormente (Patton, 1980), designadamente, a informação obtida a partir da entrevista exploratória e a informação consultada sobre o PBS. O carácter de interação que permeia a entrevista, mais do que outros instrumentos de pesquisa, propicia uma atmosfera de influência recíproca, entre quem pergunta e quem responde, especialmente em entrevistas não totalmente estruturadas, pois não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista (Menga & André, 1986, p. 33-34). Sublinha-se a observação não participante, na aplicação das entrevistas aos participantes dos projetos, aplicadas no terreno durante as

atividades realizadas, que permitiram ampliar a percepção da investigação aos níveis individual e grupal, bem como dos seus contextos. Na aceção de Dias (2009, p. 201), a presença de uma relação direta entre entrevistador e entrevistado, constante na entrevista com observação, traduz-se num processo de intercomunicação que se converte num campo de intercâmbio psicológico com tudo aquilo que se supõe num plano de ação-reação, oferecendo vantagens quanto à certeza da fonte de informação (Gil, 1989, p.114; Ghiglione & Matalon, 1993). Em sùmula, a grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada:

“A entrevista semidiretiva, ou semidirigida, é certamente a mais utilizada na investigação social. É semidiretiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Tanto quanto possível, ‘deixará andar’ o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado deles se afastar e por colocar as perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível” (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp. 192-193).

A aproximação ao terreno e com suporte de meios audiovisuais para captação de imagem e vídeo, opera como salvaguarda na memória da investigadora permitindo entrar em sintonia com o ambiente vivenciado nos projetos e apreender sensações que dão suporte à observação e descrição dos três projetos. Os caminhos da linguagem visual, enquanto método, delimitam-se na percetividade construída do momento. Consideramos o posicionamento de Ipiranga (2016, p. 5) sobre o papel do pesquisador-fotógrafo, enquanto observador participante, que usa a fotografia para iluminar o problema da observação:

“(…) a fotografia, como imagem fotográfica, além da relação com um acontecido real para o qual aponta (*punctum*) – índice, apresenta uma relação de semelhança com o real, que lhe permite descrevê-lo, quase percecioná-lo. Estas características a situam na categoria dos ícones (Peirce, 1999) ao manter uma relação de semelhança com a realidade do mundo exterior. Para Eco (1987) os signos icônicos não possuem as propriedades do objeto representado, mas reproduzem algumas condições da percepção comum, com base nos códigos percetivos e selecionando os estímulos que permitam construir uma estrutura percetiva que possua uma base nos códigos da experiência adquirida, o mesmo significado da experiência real” (Ipiranga, 2016, p. 2).

Previamente à realização das entrevistas foram expostos os motivos para a sua realização, apresentados por e-mail ou contacto telefónico. Os agentes e atores entrevistados foram informados sobre os objetivos do seu depoimento e que o mesmo serviria estritamente para

o presente trabalho. A declaração de consentimento informado (Cf. Anexo 1) foi entregue em mão ou enviada por e-mail de acordo com as circunstâncias em que decorreram as entrevistas, verificando-se duas modalidades: *online* e presencialmente - interação mista com a coordenadora nacional e coordenadores locais; em relação aos participantes, conforme já vertido, a modalidade presencial foi transversal no diálogo com os participantes, uma vez que as entrevistas decorreram durante as atividades dos projetos.

As gravações dos áudios foram previamente aceites pelos(as) entrevistados(as) para posterior transcrição e análise. Segundo Menga e André (1986), ao lado da observação, a entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados; é, aliás, uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. O discurso verbalizado como expressão da verdade nas entrevistas foi registado (gravação áudio e anotações em suporte físico), analisado e interpretado, permitindo um maior controlo posterior sobre o trabalho de investigação (Quivy & Campenhoudt, 1998).

As gravações áudio foram transcritas e o tratamento dos dados foi sistematizado com a criação de um instrumento de análise dos discursos produzidos. Assim, foram construídas grelhas de análise vertical das entrevistas, desenvolvidas em correlação com os guiões de entrevista aplicados aos coordenadores locais dos projetos inseridos no PBS e participantes dos projetos inseridos no PBS.

Para o preenchimento das grelhas de análise vertical foram extraídas, das transcrições das entrevistas, as citações consideradas mais relevantes em cada dimensão, no sentido de dissecar o resultado dos discursos numa síntese interpretativa.

O grau de profundidade da informação extraída, produzida pelos entrevistados, foi determinante, para a interpretação, reflexão e análise sistematizada por dimensões. A especificidade e adequação das dimensões foram ajustadas ao papel dos entrevistados:

- Coordenadora nacional (CN) - Dimensão 1 Programa Bairros Saudáveis, Dimensão 2 Inclusão Social, Dimensão 3 Inclusão via cultura e artes, Dimensão 4 Boas práticas inclusivas, Dimensão 5 Impacto, Dimensão 6 Perspetivas futuras;
- Coordenadores locais (CL) - Dimensão 1 Projeto local inserido no Programa Bairros Saudáveis, Dimensão 2 Inclusão Social, Dimensão 3 Inclusão via cultura e

artes, Dimensão 4 Boas práticas inclusivas, Dimensão 5 Impacto, Dimensão 6 Perspetivas futuras;

- Participantes (P) - Dimensão 1 Projeto local inserido no Programa Bairros Saudáveis, Dimensão 2 Inclusão Social, Dimensão 3 Inclusão via cultura e artes, Dimensão 4 Perspetivas futuras.

A análise por dimensões, segundo Pires (2014, p.31), consiste em distinguir e definir diferentes categorias de fenómenos sociais, sendo os conceitos necessários para identificar de âmbito geral e abstrato, porém, diferente de serem imprecisos; os conceitos servem para designar classes específicas de fenómenos, não para erodir as diferenças entre essas classes. Consideramos esta análise um instrumento analítico de especificação do que é distintivo, não de diluição dessa distintividade, uma vez que estamos a abordar um fenómeno multidimensional, multissetorial e multitemático que requer complementos lógico-cognitivos (Alexander, 1987; Archer, 1995; Berthelot, 2001; *in* Pires, 2014)

Os protagonistas do estudo empírico foram: a coordenadora nacional do programa Bairros Saudáveis (doravante CN); o coordenador local do projeto PorTiArtista (doravante CLP); o coordenador local do projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade (doravante CLB); a coordenadora local do projeto Rádio Pavão (doravante CLRP); o coordenador local do projeto Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável (doravante CLSCF); a coordenadora local do projeto Os Leixões das Memórias (doravante CLOLM); a participante do projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade (doravante PB); a participante do projeto Rádio Pavão (doravante PRP); o participante do projeto Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável (doravante PSCF), nos quais recai a eleição justificada no percurso escolhido da investigação qualitativa e no sentido de serem alcançados os objetivos a que nos propusemos. Segundo Dias (2019, p. 248), a investigação social já é condicionada pelas prospetivas teóricas gerais e pelas hipóteses particulares e passa a sê-lo também no concerne à metodologia e à sua aplicação; para Santos (1987, p. 46), o dilema básico da ciência moderna reside na especialização – o conhecimento é tanto mais rigoroso quanto mais restrito é o objeto sobre que incide, o seu rigor aumenta na proporção direta da arbitrariedade com que espartilha o real. Neste sentido, com o tema proposto para estudo, perseguimos o cruzamento de disciplinas e métodos de abordagem, que reconhecemos em *Um Discurso sobre as Ciências* (Santos, 1987):

“Os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros. Ao contrário do que sucede no paradigma atual, o conhecimento avança à medida que o seu objeto amplia que, como o da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento de raízes em busca de novas e mais variadas interfaces. Mas sendo local, o conhecimento pós-moderno é total porque reconstitui os projetos cognitivos locais, salientando-lhes a sua exemplaridade, e por essa via transforma-os em pensamento total ilustrado. (...) O conhecimento pós-moderno, sendo total, não é determinístico, sendo local, não é descritivista. É um conhecimento sobre as condições de possibilidade da ação humana projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local. Um conhecimento deste tipo é relativamente imetódico, constituindo-se a partir de uma pluralidade metodológica. Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica” (Santos, 1987, pp. 46-48).

Em sinopse, almejamos que os princípios metodológicos adotados assegurem a coerência epistemológica do projeto de investigação, formulado a partir da pergunta de partida; pretendemos que o recurso à pesquisa bibliográfica interdisciplinar contribua para sustentação das diferentes teorias e cosmovisões; e, por último, que os caminhos metodológicos dos instrumentos aplicados no terreno para recolha, tratamento e análise de dados correspondam às exigências da investigação e resultem na clarividência sobre o impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas (Guerra, 2022, 2021).

4. UM PROGRAMA COMO *INTERFACE* E CINCO PROJETOS EM TRÂNSITO PARA A INCLUSÃO

A informação utilizada para a contextualização do PBS e dos projetos sociais que revestem práticas inclusivas através da cultura e das artes são contextualizados através da análise de conteúdo por consulta no site institucional do PBS¹⁶ complementada com os depoimentos inscritos na dimensão de análise 1.

4.1. Do contexto à análise: os projetos do Programa Bairros Saudáveis em foco

O PBS é uma iniciativa do Governo, incluída no Plano de Recuperação e Resiliência (PRR¹⁷), com período de duração estimado de um ano (site Bairros Saudáveis, 2021). A proposta do programa participativo encerra uma intervenção comunitária integrada, atualmente em execução, em vários concelhos do país com territórios diversificados (marítimos, envelhecidos, urbanos, rurais, etc.), com eixos de intervenção ao nível económico, social, saúde, ambiental e urbanístico.

4.1.1. Projeto PorTiArtista

PorTiArtista¹⁸(Fig. 3) está implementado na Região do Algarve, em Portimão, no Bairro Cruz da Parteira. O objetivo, no âmbito do PBS, foi obter apoio para a criação de um estúdio multimédia no centro comunitário existente no bairro. Este projeto surge da necessidade em apostar nas aptidões e potencialidades das crianças e jovens de extratos socialmente

¹⁶ Disponível em: <https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/index.htm>

¹⁷ O PRR é um programa de âmbito nacional, com execução prevista até 2026, visa implementar um conjunto de reformas e de investimentos destinados a impulsionar o país no caminho da retoma, do crescimento económico sustentado e da convergência com a Europa ao longo da próxima década, tendo como orientação um conceito de sustentabilidade inspirado nos ODS das Nações Unidas. O PRR está alinhado com os seis pilares relevantes da estratégia europeia 2030: transição verde; transformação digital; crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, incluindo coesão económica, emprego, produtividade, competitividade, investigação, desenvolvimento e inovação, e um Mercado Único em bom funcionamento com pequenas e médias empresas (PME) fortes; coesão social e territorial; saúde e resiliência económica, social e institucional, inclusive com vista ao aumento da capacidade de reação e preparação para crises; políticas para a próxima geração, crianças e jovens, incluindo educação e competências. Consultar <https://recuperarportugal.gov.pt/plano-de-recuperacao-e-resiliencia/>

¹⁸ Adaptação Cf. <https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/00000399/index.htm>

desfavorecidos, onde a oportunidade de acesso às artes é inexistente; pretende-se prevenir comportamentos desviantes através do encaminhamento dos destinatários para um espaço onde a criatividade poderá ser explorada e acompanhada nas seguintes ações: construção de conteúdos; desenvolvimento de produções musicais e coreografias.

Figura 3 Projeto PorTiArtista



Fonte: Postal do Algarve. Disponível em: <https://postal.pt/cultura/projeto-portiartista-vai-dar-voz-as-criancas-e-jovens-do-bairro-da-cruz-da-parteira-em-portimao/>

4.1.2. Projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade

Figura 4 Projeto BEJACOLHE - Cultura e Diversidade



Fonte: a autora.

Sob o lema “Porque quando Beja acolhe, Beja também colhe”, BEJACOLHE – Cultura e Diversidade¹⁹ (Fig. 4) designa-se por projeto de intervenção social concebido para interagir junto da comunidade imigrante com o objetivo de promover a sua integração através das artes. Fomentar a participação dos imigrantes e da população local como agentes da mudança é o contributo desta iniciativa, para que surjam novas formas de diálogo promotoras da inclusão social. O território de intervenção deste projeto é a zona velha da cidade de Beja, local histórico predominantemente constituído por edifícios museológicos e administrativos, atualmente frequentado por jovens imigrantes provenientes de diferentes países, como Senegal, Guiné-Conacri, Paquistão, Índia entre outros.

4.1.3. Projeto Rádio Pavão

Figura 5 Projeto Rádio Pavão



Fonte: a autora.

Rádio Pavão²⁰ (Fig. 5) é um projeto que se traduz na implementação de uma rádio local de cariz comunitário, concebida e produzida com os residentes do Bairro do Castelo (Lisboa) como instrumento de intervenção participativa. Neste projeto, a inclusão social é entendida sob múltiplas dimensões. Transformado em zona turística, o bairro enfrenta uma crise de identidade decorrente de uma descaracterização acelerada do bairro, que dificulta a apropriação do espaço público por parte dos seus habitantes, fragilizando os laços

¹⁹ Adaptação Cf. <https://candidaturas.bairrossaudaveis.gov.pt/candidatura/index.htm?pp=1;n=782>

²⁰ Adaptação Cf. <https://candidaturas.bairrossaudaveis.gov.pt/candidatura/index.htm?pp=1;n=148>

comunitários. Como resultado, uma população cujas coordenadas afetivas se encontram alteradas e cujos laços de pertença se esbateram. A promoção de um diálogo intergeracional, o acesso às atividades propostas, a recolha e o arquivo de memória, bem como a escuta ativa das emissões constituem-se como modos de afrontar as fragilidades diagnosticadas.

4.1.4. Projeto Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável

Figura 6 Projeto Seixo Comunidade FIS - Feliz Inclusiva Saudável



Fonte: imagens de Ricardo Marques e da autora.

Projeto integrado de desenvolvimento local e capacitação da comunidade ao nível da promoção da qualidade de vida e da saúde, Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável²¹ (Fig. 6) visa desenvolver ações de forma colaborativa, participada e inovadora. Parte dos 1234 habitantes serão envolvidos e beneficiários das atividades a desenvolver no projeto em torno da Casa Comunitária, que contempla também o Serviço de Apoio ao Imigrante. O projeto abarca os cinco eixos de intervenção previstos no PBS, para além da capacitação (inclui Formação Profissional Certificada) e ainda a criação de uma rede solidária de vizinhança onde se inscreve a mobilização dos seniores para a participação das iniciativas em comunidade, com vista a combater o isolamento e aprender com o seu saber-fazer.

²¹ Adaptação Cf. <https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/00000071/index.htm>

4.1.5. Projeto Os Leixões das Memórias

Figura 7 Projeto Os Leixões das Memórias



Fonte: a autora.

Construído para o PBS a partir de um diagnóstico social municipal, o Projeto Os Leixões das Memórias²² (Fig. 7) emerge das debilidades sociais no Bairro dos Pescadores - território de intervenção do projeto, detetando-se elevadas taxas de desemprego, baixos níveis de escolaridade e de rendimentos familiares. Frequentemente, vulnerabilidades geram sentimentos de incapacidade e desvalorização, baixa autoestima e inutilidade social que, a médio e longo prazo se concretizam em situações de exclusão/marginalização e isolamento social. Tomando como ponto de partida a forte dimensão identitária do bairro, assente na cultura marítima e piscatória, suas manifestações socioculturais, e na história do Leixões Club, o projeto procura atenuar as fragilidades diagnosticadas. Visa mobilizar e valorizar os conhecimentos, vivências, recursos, histórias e memórias dos residentes, fortalecendo o sentimento de comunidade, ativando o capital cultural/social e combatendo as fragilidades sociais identificadas, numa lógica participativa, de cocriação e de cooperativismo, contribuindo para a revitalização social do território e conduzindo à criação de retorno financeiro e à melhoria da qualidade de vida, contrariando as taxas de desemprego que se verificam no território.

²² Adaptação Cf. <https://candidaturas.bairrossaudaveis.gov.pt/candidatura/index.htm?pp=1;n=539>

4.2. Dimensões, particularidades e análises reticulares

4.2.1. Programa e Projeto local inserido no Programa Bairros Saudáveis

Na Dimensão 1 pretende-se assimilar as ações pelo olhar e pela voz dos entrevistados/as em relação ao PBS e projetos agregados. Na entrevista exploratória à CN foram considerados os seguintes parâmetros: ideia do projeto; construção do projeto e objetivos; identificação dos destinatários; missão última do programa; e, delimitação do PBS enquanto iniciativa política. Foram ponderados os mesmos parâmetros, para as entrevistas aos CL dos projetos, com exceção do último, substituído pelo parâmetro justificação do projeto. No que tange à ponderação dos parâmetros dos P foram incluídos: apreciação do projeto; processo de integração; relato da experiência de projeto; identificação do elemento diferenciador do projeto; e, propósito e objetivos na integração do projeto.

Ao enquadrar o surgimento do PBS, percebemos que surge como resposta ao agravamento das condições vida das pessoas, em contexto pandémico Covid-19:

“(…) começa-se a perceber que há um problema de vulnerabilidade maior de populações que vivem com condições mais deficientes quer de habitação, quer no dia-a-dia, nos transportes. Começou a ser deduzível, a partir dos médicos de saúde pública, que as pessoas não tinham condições de habitação não tinham onde se confinar” (CN, 20/04/2022, *online*).

O fosso entre as pessoas aumentou assolando criticamente alguns territórios, na partilha do CLB, “sendo também a pandemia uma razão para que os problemas do isolamento se agravassem, essa distância entre as pessoas aumentou ainda mais. Nessa altura, surge o PBS e achámos que poderíamos contribuir” (CLB, 28/04/2022, *online*). A conscientização para a mudança, transversal aos depoimentos colhidos, é determinante para a ação, contudo essa consciência deve assentar num movimento duplo de iniciativa e capacitação, porque intervir pressupõe disponibilidade de recursos:

“A saúde não é só a ausência de doença - sabemos que a saúde implica todo um conjunto de condições, um modo de vida, daí o nome do PBS e, conscientes de que esta população mais vulnerável, em situações mais precárias, precisava de mais apoio, criou-se este programa que tinha também uma componente muito importante de participação (...) as pessoas para poderem melhorar as suas condições de vida têm de ter algum poder e esse poder, na prática, é algum dinheiro” (CN, 20/04/2022, *online*).

Para sanar as vulnerabilidades imediatas é necessário dotar as organizações da sociedade civil, em particular as do terceiro setor, de meios para que alcancem o seu propósito de bem-comum junto da população vulnerável, tal implica ter impacto através da construção de ações transformadoras que capacitem o indivíduo e as comunidades. O PBS é destinado a um público numa condição de sujeição que é passível de ser mitigada através da

participação com capacitação, de acordo com a CN, “importa consolidar, junto das pessoas, a consciência de que elas podem ir mais longe e ganhar novas competências (...) mostrar à comunidade que se mobilizam para serem capazes de fazer e isso também vai capacitá-las em muitas outras coisas ao longo da vida” (CN, 20/04/2022, *online*). A questão da participação com um sentido é partilhada pela CLOLM, “o estímulo à participação, este talvez seja o cerne da questão, o segredo para que estas atividades sejam bem-sucedidas, ou irem ao encontro dos objetivos iniciais. Não é só a arte pela arte (...) é também atribuir algum sentido às atividades que são desenvolvidas” (CLOLM, 28/04/2022, *online*). Apreendemos as iniciativas como construção de ferramentas para a aquisição de competências em diversas dimensões do conhecimento, enquanto oportunidades para permitir ao indivíduo criar outra amplitude de horizontes no percurso de vida. Na lógica inclusiva dos projetos, a descoberta de aptidões confere ao indivíduo a autonomia para se movimentar junto das comunidades, dada a possibilidade de acesso a propostas relevantes na cultura e nas artes.

A História tem comprovado que a expressão mobilizar para concretizar ganha uma outra dimensão e sentido quando as conjunturas são complexas. Perante cenários de crises os públicos vulneráveis sentem a deterioração e a fragilidade das condições, adensa-se a invisibilidade. Criado para travar este ciclo, o PBS foi inspirado num modelo de programa já implementado com impacto reconhecido, o BIP-ZIP²³.

“BIP/ZIP, criado quando eu era vereadora (...) na altura da Troika (...) apercebemo-nos que não tínhamos capacidade de responder às necessidades das pessoas, então era necessário colocar dinheiro nas mãos das pessoas, porque elas é que sabem onde mais falta lhes faz. (...) A energia das pessoas é enorme e muitas vezes o setor público esquece-se desta energia” (CN, 20/04/2022, *online*).

O PBS enquanto iniciativa política distingue-se na transparência da comunicação e divulgação, na visão da CN, “as pessoas não sabem que este tipo de programas existe e, aqui, houve a possibilidade de elas terem conhecimento, mesmo grupos informais, desde que em parceria, podiam candidatar-se” (CN, 20/04/2022, *online*). Verificamos que

²³ Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária de Lisboa é um programa criado em 2011 pela Câmara Municipal de Lisboa tendo como objetivo estabelecer parcerias e intervenções locais, por parte das juntas de freguesia, associações locais, coletividades e organizações não-governamentais, contribuindo para o reforço da coesão socio-territorial no município para a melhoria do conjunto das condições e circunstâncias físicas e geográficas. Cf. <https://bipzip.lisboa.pt/conhece-os-bipzip/programa-bipzip/index.htm>

programas orientados para as pessoas devem ser estruturados contemplando entidades que estão próximas das comunidades, fundamental para a diluição de barreiras; a comunicação deve ser eficaz e eficiente disseminada por canais que garantem o acesso público à informação; a adaptação a carências reais e efetivas das comunidades, em articulação com a mobilização do indivíduo e das comunidades para o estímulo à mobilização para a criação de ideias empreendedoras respondendo, assim, aos problemas sociais.

Para além destas premissas na implementação de projetos sociais assinalamos a referência ao contexto nas intervenções analisadas. O cenário em que decorre o PorTiArtista caracteriza-se pela prevalência de delinquência juvenil, segundo o CLP, “O bairro de habitação social possui uma comunidade de etnia cigana muito grande (...). Há uma série de fatores a trabalhar. (...) envolver, mais ativamente, crianças e jovens, mas pretende-se que o projeto chegue a adultos e seniores também” (CLP, 12/04/2022, *online*). O alicerce do projeto é um estúdio multimédia no Centro Comunitário Bairro Cruz da Parteira desenvolvido pela convergência de dois fatores: o interesse da comunidade na área musical e o contexto socialmente desfavorecido de crianças e jovens onde o acesso às artes é inexistente:

“O projeto é direcionado para as artes, para desenvolver a componente artística. (...) o interesse neste tipo de iniciativas surge no próprio bairro (...) há muitas crianças e jovens já sinalizados pela CPCJ²⁴ (...) identificou-se baixa escolaridade e grande prevalência do abandono escolar. (...) importa tentar que os técnicos que o acompanham cheguem aos jovens sinalizados, aproximando-os ao centro comunitário” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Ao confrontar os depoimentos do CLP e CLB, acrescentamos ao contexto o fator liberdade de escolha quer na participação, quer no sentimento de devir da inclusão social junto dos participantes:

“Olhando para a experiência que temos da cidade, é que não se criam condições para as possibilidades e oportunidades porque se esquecem que as necessidades existem, mas a questão da democracia da arte e de todos terem direito à arte não significa que todos vão usufruir dela, porque também há pessoas que não se apercebem dela, ou não se interessam por aquilo que existe e podem ter, ou até nunca lhes foi permitido escolher”(CLB, 28/04/2022, *online*).

²⁴ Comissões de Proteção de Crianças e Jovens

O desafio da cultura e as artes também se discute no plano do ordenamento do território. As tipografias litoral e interior, urbano e rural, interferem quer na produção, quer no acesso a ofertas no setor da cultura e das artes, exercendo influência sobre as comunidades e na própria sociedade, até pela emergência de fenómenos como a glocalização. O PBS agrega este preceito da diversidade territorial e das propostas, aberto à expansão e diversificação o que leva à profusão de visões interdisciplinares, fluxos que interferem na rearticulação de necessidades e alteram as dinâmicas nas várias dimensões das comunidades que se projetam no indivíduo:

“A dificuldade de participação tem muito a ver com características intrínsecas às pessoas do Bairro do Castelo (...) e o projeto da rádio precisa da participação das pessoas, porque tem implícita a ideia de continuação, da autonomia do bairro. (...) sendo um projeto local, comunitário, para dar voz às pessoas, não havendo uma iniciativa e disponibilidade de participar por parte das pessoas, torna-se um obstáculo” (PRP, 1/07/2022, Lisboa).

Inferimos que a íntima relação entre identidade, património e memória, enquanto constructos sociais de representação coletiva, foi fragmentada o que justifica a resistência à participação. O PIC²⁵ teve como consequência fenómenos de *turistificação* e gentrificação do bairro, resultando na fratura identitária dos habitantes. O conceito da rádio foi testado em ambiente escolar (EB1 do Castelo, no âmbito das AEC²⁶), de pendor experimentalista, mas foram as carências detetadas durante o isolamento que provocaram a autonomização dos residentes enquanto instrumentos de ação:

“Debatemos muito a ideia de inclusão e de integração – é o primeiro objetivo com que nos debatemos, por isso, a meta é tentar que a Rádio Pavão seja feita pelo Bairro do Castelo e não para o Bairro do Castelo. (...) auxiliar a descristalizar algumas histórias, ideias a que os habitantes do bairro se agarram, mostrando que têm a possibilidade de fazer histórias não só de um passado, mas de um futuro” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

A intervenção participativa dos habitantes constitui-se como instrumento para a integração, como representação e valorização da memória viva da história do bairro, devolvendo o sentimento de orgulho na pertença, condição essencial para a inclusão social. Para demonstrar a influência do contexto na participação, opomos o caso do Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável. Na partilha do CLSCF, “a priorização da comunidade é o eixo mais importante (...) em particular os idosos, crianças, imigrantes e pessoas com deficiência”

²⁵ Projeto Integrado do Castelo, operação de reabilitação urbana levada a cabo pelo pelouro da reabilitação urbana da Câmara Municipal de Lisboa, com início em 1994).

²⁶ Atividades de Enriquecimento Curricular.

(CLSCF, 21/04/2022, *online*). Percecionamos a relevância do movimento associativo e do papel ativo das organizações da sociedade civil articulado com os órgãos de poder local junto da comunidade, que respalda na capacidade de mobilização da comunidade:

“Faz movimentar esta dinâmica social e cultural, aliás, o Seixo é uma referência cultural em toda esta região. Foi a associação que percebeu que tinha uma oportunidade para fundamentar e consolidar as suas atividades, em particular no que respeita à integração e inclusão social dos cerca de duzentos imigrantes que temos na comunidade do Seixo e que se percebeu ser um grupo à parte” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Compreendemos a convocação à relação íntima entre os habitantes e o território, pautada pelo enraizamento cultural e apego afetivo ao passado histórico, tradicionalmente manifestados em processos interativos com significação coletiva e reproduzida ao longo do tempo, na partilha do CLSCF “temos um grupo de teatro com mais de cem anos, temos um grupo de folclore, há o futebol, os escuteiros, e depois há também as instituições sociais e uma forte componente religiosa. Quando se propõe a uma comunidade construir algo e ela tem estas características, é pujante!” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). A religião desvela um papel importante no processo de construção identitária do Seixo, em particular na formação e educação dos seus habitantes e no desenvolvimento do município:

“É uma paróquia que deu vinte padres, tal é visto como um fenómeno que até foi retratado em livro, detalhando bem a própria influência da Igreja Católica (...) possibilitou ‘letrar’ algumas pessoas. (...) aquela influência para estudar, formar, o próprio acesso a cargos com mais estatuto, permitiu à comunidade uma evolução mais rápida. São fatores importantes que caracterizam, explicam e diferenciam a comunidade do Seixo” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Interpretamos a relevância das sociabilidades criadas através das instituições religiosas, enquanto património cultural constituem-se como meio de representação identitária do universo simbólico-religioso do território e na alteridade da memória coletiva, reproduzida na comunidade por meio da construção de relações orgânicas de solidariedade. Segundo o PSCF, “O projeto nasce de uma consciência e de uma estratégia que, de facto, a freguesia do Seixo tem há alguns anos, que assenta na valorização da cultura, da nossa identidade, dos nossos costumes e tradições, espaço de encontro, de partilha, mas também espaço de inclusão” (PSCF, 26/06/2022, Seixo). A dinamização com participação é um elemento diferenciador, assente nos objetivos da felicidade para concretizar objetivos, da inclusão social para garantir a participação dos grupos vulneráveis de forma igualitária na comunidade, traduzida na sensibilização, informação e no despertar de consciências, de

acordo com o CLSCF, “a inclusão como forma de recebermos bem as pessoas, todos os imigrantes (...) a comunidade brasileira, ucraniana, nepalesa, moldava - o importante é (...) conseguir colocá-los no meio da sociedade” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). Em consonância, a declaração do PSCF, “Se o Seixo sempre foi uma terra unida, solidária e onde todos se sentem pertença da terra, então há que conseguir fazer sentir a pertença dessa terra” (PSCF, 26/06/2022, Seixo). Inferimos que os laços de solidariedade nas comunidades e o sentimento de orgulho na pertença podem potenciar a empatia nas diferenças, designadamente, junto da comunidade imigrante desprovida de vínculos.

No projeto Os Leixões das Memórias um outro contexto, de acordo com a CLOLM, “Este bairro caracteriza-se por uma população mais envelhecida, de uma forma geral, com menos escolaridade e com problemas de desemprego” (CLOLM, 28/04/2022, *online*), como resultado uma comunidade fragilizada e esmorecida:

“A missão última do projeto (...) é promover a inclusão social a valorização e a autoestima das pessoas, dando visibilidade àquilo que elas conhecem sobre a sua terra e sobre o Leixões. (...) tornar esses saberes e essas representações públicas acessíveis a outras pessoas, de Matosinhos ou não, preservando a memória. (...) uma das nossas atividades é a constituição de um arquivo digital, uma forma de preservar e dar materialidade a essas memórias” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Assimilamos o processo de inclusão social do projeto alicerçado na reconstrução identitária por intermédio da afirmação do património cultural local, fortalecendo a representatividade das pessoas com ligação afetiva ao espaço. A expressão desta valorização verifica-se na atribuição de sentido às vivências dos habitantes e memória social do Bairro dos Pescadores numa construção coletiva que desenvolve a autoestima e o orgulho na pertença:

“Dar visibilidade, dar reconhecimento, valorizar as histórias, as memórias, os saberes, as experiências da vida destas pessoas. Isto é também uma forma de inclusão! (...) as pessoas do bairro sentirem que são úteis, que a sua experiência e os seus conhecimentos sobre a cidade, sobre o clube, sobre o bairro e a pesca são importantes e são valorizados” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Tal como no território do Seixo, o Bairro dos Pescadores encontra nos parceiros pilares fundamentais para a exequibilidade do projeto, na partilha da CLOLM, “a Câmara Municipal de Matosinhos, a Matosinhos Habit, a Junta de Freguesia da União de Freguesias de Matosinhos e Leça da Palmeira e o Leixões Sport Club são parceiros (...) estruturantes deste projeto” (CLOLM, 28/04/2022, *online*). Outra característica comum encontrada nos dois projetos é a promoção da inclusão social através da recuperação das memórias enquanto

mediação simbólica. O CLSCF aponta a recuperação da memória como substrato âncora do projeto, refletido no Centro de Interpretação da Casa e Cultura Gandaresa, epítome do património cultural da região da Gândara, onde se inscreve o Seixo. Apesar das múltiplas abordagens tendentes à inclusão social, com uma dinâmica que supera as atividades inicialmente consignadas à candidatura (Cf. Apêndice 1, disponibilizado pelo CLSCF):

“A Casa Gandaresa tem um sótão para salvaguarda das memórias, uma Biblioteca Comunitária e a Videoteca, o Centro de Memórias e os Encontros Intergeracionais. É um projeto multifacetado que envolve muita gente – a intergeracionalidade está presente, assim como a componente cultural e das artes” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Salientamos o Serviço de Apoio ao Imigrante, integrado na casa comunitária, que tem como função acolher e orientar os imigrantes que chegam ao território, causa e motivo da criação do projeto e merece a reflexão sobre as formas de inclusão social adequadas aos públicos, segundo o CLSCF, “uma questão que nós evidenciámos na candidatura foi termos bastantes imigrantes (...) com o contexto da guerra na Ucrânia, já conseguimos dar resposta a situações de imigração e a estas pessoas também, no sentido de inclui-las” (CLSCF, 21/04/2022, *online*); reconhecemos a correlação na identificação de problemáticas efetivas e a criatividade ilimitada que daí emerge para encontrar soluções a problemas multidimensionais. Outro ponto em comum: da mesma forma que o Centro de Interpretação da Casa e Cultura Gandaresa é ponto focal para o encontro da comunidade imigrante do Seixo, também o Ponto do Encontro se afirma como tal em Beja. A materialização de um espaço promotor da narrativa do encontro foi um dos objetivos concretizados no BEJACOLHE – Cultura e Diversidade. A essencialidade de um espaço comum, aberto à comunidade, é analisado sob duas perspetivas:

“É um espaço de criação para o desenvolvimento de atividades, como as oficinas, sendo muitas destas baseadas em artes performativas (...) objetivo é reunir neste espaço um pouco de tudo, mas que esse tudo esteja a caminhar junto para um fim comum, como uma performance a apresentar ao público. (...) outra perspetiva do espaço, levá-lo ao encontro das escolas, levando o conhecimento das Oficinas do Mundo que têm um cariz multicultural (...) são formas de viajar e fazer o intercâmbio do conhecimento com os saberes e artífices de outras crianças, de outras culturas do mundo. (...) Isto faz-nos perceber que na diferença somos todos iguais” (CLB, 28/04/2022, *online*).

O espaço físico é compreendido como meio para ampliação da troca e do conhecimento através de um exercício percetivo de diluição das barreiras entre indivíduos. Nestas inter-relações o participante é fruidor e intérprete, as performances fazem a intermediação com

a inclusão social, alterando as ligações entre a comunidade através da comunhão e sinestésias artísticas e culturais resultantes. Nesta aproximação ao Outro a atitude é de partilha de referenciais heterogéneos com a finalidade da criação – uma “viagem” urdida em coletivo:

“O BEJACOLHE, acolhe todas as pessoas, indiferenciadamente (...) acolhe toda a comunidade de Beja, da cidade, para que todos se sintam à vontade. Não é um projeto de africanos, de imigrantes, é de todos para todos, para além dos que já estão aqui, há a oportunidade de acolher, de incluir mais pessoas” (PB, 28/05/2022, Beja).

O encontro surge como solução apontada para a inclusão social, na partilha do CLB, “A arte ajudou-nos a nós, no sentido da inclusão, sendo todos artistas de vários países (...). Também nós sentimos na pele o poder da arte no encontro!” (CLB, 28/04/2022, *online*). Concluímos também que o encontro subsidia a experiência transversal ao corpo de artistas envolvidos, que no confronto das suas experiências incitam a inclusão social dos imigrantes e da comunidade local, concretizando a mudança implícita a qualquer projeto social. Da narrativa representativa da construção de alianças num espaço para a diversidade e democracia, multiculturalismo e interculturalismo, produtivo e transformador, é percebido o lugar onde a arte emerge como contributo para a desconstrução de problemáticas através da transcendência de complexidades provocada por sensações:

“Quando estamos a olhar para a atuação de uma banda não se coloca a questão da cor, porque o que estamos a sentir é o mais importante, o que nos transmitem é o que se sobrepõe, são as sensações, também estas provocadas pelo encontro entre as várias culturas com algo em comum. (...) Nos momentos de manifestação artística não há diferenças, tudo se dissipa, significa que com as artes as diferenças diluem-se. O projeto é uma tentativa de transportar o ambiente do Festival Músicas do Mundo, trazer essas experiências aí vividas” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Inferimos a diluição de obstáculos via manifestações culturais e artísticas, comunitárias e participativas, como meta do projeto, pelas sensações sinestésicas que atravessam as diferenças e se pretendem assemelhar à aura de misticismo e carisma do Festival Músicas do Mundo²⁷. A importância do espaço é também um ponto focal do PorTiArtista:

²⁷ “O FMM Sines - Festival Músicas do Mundo é um festival de música realizado no concelho de Sines, Costa Alentejana, Portugal, todos os meses de julho. Organizado pela Câmara Municipal de Sines, é um festival de serviço público cultural povoado por espectadores-descobridores. Adotando ‘Música com espírito de aventura’ como assinatura, define-se por uma programação diversificada apresentada em cenários históricos e urbanos de grande beleza e autenticidade, próximos de uma costa com paisagem protegida. A programação do FMM abarca a largueza da world music e transcende as suas fronteiras.

“Começar a trabalhar com o público que está no centro comunitário e ampliar para mais públicos. (...) dinamizar o centro, que é o espaço mais controlado que existe, e tentar que o projeto seja coordenado a partir dali com outras entidades. (...) trazer mais crianças e jovens para o próprio centro, para haver maior participação” (CLP, 12/04/2022, *online*).

A criação do estúdio multimédia visa, assim, afirmar um espaço de criatividade por excelência, para explorar as potencialidades dos beneficiários através de práticas artísticas, designadamente, produções musicais, coreografias, fomento da escrita, construção edição e gravação de conteúdos que, em contexto de aprendizagem, estriba-se em criar outras paisagens e potenciar práticas éticas e estéticas, numa lógica inclusiva. A priorização dos destinatários numa lógica de participação aberta a todos/as, é fundamental também para o CLB, “o importante é que todos, comunidade local e imigrante, ocupem um espaço igualitário, daí a importância de ter um espaço físico” (CLB, 28/04/2022, *online*); depreendemos o sentido de (uso)fruir de um universo harmónico como garante da representatividade de uma minoria – espaço de equidade:

“Todas as ramificações e colaborações revestem em si a forma de promover o encontro, seja um participante local ou imigrante, até porque depois temos as apresentações inclusivas em que juntamos todos, membros da comunidade local e imigrante, para ter uma experiência diferente”, compreendemos que este compromisso se tem revelado profícuo, com base na afirmação do CLB, “Tínhamos decidido fazer uma apresentação mensal, mas o que está a acontecer é que estamos a fazer mais! É um bom indicador do envolvimento da comunidade!” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Entendemos o envolvimento das comunidades como premissa fundamental para cumprir os preceitos da inclusão social, mas o apoio institucional potencia um maior alcance e agilização para suprimir as necessidades diferenciadas dos públicos vulneráveis:

“Há o fator da inclusão social da comunidade imigrante, mas também a comunidade de pessoas com deficiência que tem uma parte ativa neste projeto (...) integrarmos várias instituições na nossa comunidade e tentarmos fazer um projeto transversal a toda a comunidade, e com a participação de toda a comunidade, que envolvesse toda a comunidade” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Constatamos os fatores universalidade e democratização no acesso como características marcantes nas atividades tendentes à inclusão social, o que exige a mobilização de várias

Abre-se à folk, ao jazz, à música alternativa, à fusão e às músicas urbanas. Mais do que um festival de world music ou música de raiz tradicional, o FMM Sines é um festival que procura as músicas do mundo reais como são feitas e vividas no nosso tempo: músicas miscigenadas, marcadas pelos contactos entre artistas de origens geográficas e culturais diferentes, devedoras dos movimentos de ideias e pessoas que definem a contemporaneidade” (S/A, s/d). Cf. <https://www.fmmsines.pt/pages/945>

estruturas das comunidades para que haja um comprometimento efetivo com os projetos de intervenção social. Cumulativa e transversalmente, o contexto de alguns territórios e o abismo na socialização, dilatado pelo contexto pandémico, traduzem-se em dificuldades na recuperação da interação entre indivíduos. Promover a ética nos encontros pode ser também uma forma alternativa de propor:

“Recuperar aquilo que se perdeu, o encontro entre as pessoas. (...) a questão social e da humanização (...) das atividades que vamos desenvolvendo, mas também do Centro de Partilha, uma ferramenta que já existia, mas quisemos valorizar. (...) no Natal passado, conseguimos recolher com o contributo de toda a população (...) alimentação e roupa; com a ajuda do programa fomos comprar alguns alimentos e distribuímos não só pelas famílias mais carenciadas, mas também pelas famílias isoladas (...) há esta componente social visível (...) mas há também a questão do isolamento e é necessário este afeto (...) através do tempo dedicado a estas pessoas” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Consideramos o esforço para ressignificar atividades, como estimular a socialização e as interações intracomunitárias, a humanização dos serviços que respaldam em demonstrações de afeto, consubstanciadas na dedicação de tempo e valorização dos públicos mais vulneráveis como portais para a inclusão social.

4.2.2. Da diversidade à inclusão passando pela articulação

Na Dimensão 2 Inclusão Social foram aferidos os seguintes parâmetros transversalmente aos entrevistados: articulação dos eixos de intervenção com a diversidade dos projetos com e face à inclusão social. Especificações atribuídas aos CL centraram-se: no contributo do PBS para a inclusão social; na relação das dimensões dos projetos com a inclusão; no contributo efetivo das intervenções do projeto; e, na diferenciação das soluções oferecidas do ponto de vista da eficiência e eficácia. Na parametrização dos P foram aferidas: influência do projeto na inclusão social – nível individual, comunitário, institucional; exemplificação do contributo do projeto para a inclusão social; diferenciação da proposta na resposta ao contexto; e, mais-valia da intervenção.

Partindo de uma perspetiva macro do PBS, percebemos a preponderância da inclusão social transparecida na elegibilidade das candidaturas e na natureza da atividade das entidades promotoras, “Na origem do programa esteve a seleção de territórios vulneráveis os territórios elegíveis que tinham de obedecer a determinadas características e as entidades sem fins lucrativos também, sendo que a maior parte delas já tem no objetivo social a inclusão, é inerente” (CN, 20/04/2022, *online*). Depreendemos a relação intrínseca do PBS

com e face à inclusão social, uma vez que, segundo a CN, “(...) a maior parte dos projetos são de inclusão social” (CN, 20/04/2022, *online*).

Afunilando para os múltiplos eixos de intervenção - social, saúde, económico, ambiental e urbanístico, algo inédito neste tipo de programas participativos, inferimos que a criatividade ilimitada é profícua e surpreendeu a própria autora, de acordo com a CN, “O cruzamento dos eixos de intervenção tem-se revelado muito interessante e tem sido uma experiência única, não só ao nível dos projetos como ao nível das equipas que se têm formado. (...) Procuramos ser criativos e imaginativos cumprindo sempre a lei” (CN, 20/04/2022, *online*). A articulação dos projetos com os eixos de intervenção é um processo natural, de acordo com o CLP, “o projeto tem o interesse da própria comunidade, inclui faixas etárias diferentes, também trabalha no sentido da inclusão, acho que só facto de existir o projeto já faz a sua quota-parte” (CLP, 12/04/2022, *online*), significa que a dinâmica inclusiva se encontra facilitada, uma vez que iniciativas comunitárias levadas a cabo têm como base estruturante a inclusão social. A plasticidade das atividades também pode ser adaptada aos eixos de intervenção, na partilha do CLB, “Na articulação do projeto com o eixo social, que é prevacente, posso dizer que todas as atividades têm na sua essência uma aproximação a outras culturas, o que reveste uma forma de inclusão social!” (CLB, 28/04/2022, *online*), assimilamos a premissa fundacional do projeto a aproximação ao Outro e a outras culturas. Na mesma linha de ação a CLRP, “a ideia da inclusão e da integração – é o primeiro objetivo com que nos debatemos! (...) Quanto aos eixos de intervenção a dimensão social é a mais forte”; inferimos a inclusão social e a mitigação do isolamento como impulsos para a existência do projeto, construído no seu entorno, mas o desejo de fortalecer o eixo económico, em articulação, está planeado “através da criação de postos de trabalho, mas no imediato não é possível. (...) temos uma série de iniciativas pensadas para autofinanciamento” (CLRP, 1/04/2022, Porto). Acrescentamos que a vertente económica em projetos sociais pode ser entendida como estratégia para a participação, podendo adquirir um significado social pelos vínculos sociais que se estabelecem a trabalhar com uma finalidade comum, pela dinamização nos fluxos de atividade em diferentes setores traduzidos em estímulo ao empreendedorismo e inerente empoderamento das comunidades, o sentido de autonomia no indivíduo pela abrangência da capacitação e da

aprendizagem que potenciam outras visões nos percursos de vida e a possibilidade de cocriar futuros imaginados.

A atribuição de maior peso ao eixo social é também apontada pelo CLSCF, “Na relação qualitativa entre os eixos de intervenção é o eixo social aquele que tem maior peso, o mais importante é a inclusão social. (...) é para aquilo que trabalhamos juntos” (CLSCF, 21/04/2022, *online*), evidenciamos a constatação relativa à capacidade de estruturar as ações envolvendo todos os eixos de ação:

“Incorporar tudo isto num projeto, num desafio, num objetivo único, que é sempre este: que a terra seja feliz, inclusiva, saudável e sustentável também. Esta capacidade de integrar todas as atividades que estão previstas no projeto como um corpo único a caminhar para o mesmo objetivo é um desafio e julgo que o projeto é um êxito a esse nível” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Na ponderação dos eixos de intervenção o CLP assume que “o eixo social tem o peso da inclusão, da integração e da interação dos vários públicos, por isso seria o social – é o foco principal, e o da saúde por inerência” (CLP, 12/04/2022, *online*), um momento experienciado reverbera na afirmação:

“Na inauguração do estúdio multimédia, os jovens compuseram uma letra para o hino e fizeram uma primeira gravação (...). A própria inauguração do estúdio multimédia, como teve a cobertura da comunicação social e a participação do executivo camarário, tem um peso na dimensão social (...). Há uma sensação de orgulho, um reforço na autoestima que se consegue logo perceber pela forma de estar dos participantes no projeto e no bairro (...). Este é capaz de ser o maior projeto inclusivo que o Bairro Cruz da Parteira já teve, porque ele envolve o bairro, as crianças e jovens do bairro” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Terminámos, defendendo a existência de condições fundamentais para a inclusão social, como a autoestima e o sentimento de orgulho na pertença fruto da aproximação à comunidade, quer no centro comunitário onde foi instalado o estúdio multimédia, quer entre pares e parceiros. A interseção de diferentes eixos de intervenção, na perspetiva da CLOLM, “(...) era enriquecedor para o projeto, para incluir o que consideramos o nosso público-alvo e também para conseguir, na candidatura, obter um resultado mais robusto. (...) sem dúvida que o foco central é o eixo social” (CLOLM, 28/04/2022, *online*), é possível inferir que a diversidade de eixos previstos no PBS se revelou um estímulo à criatividade nos processos de idealização dos projetos. O eixo social é, unanimemente, o mais importante em todos os projetos, todavia, a CLOLM, o CLB e o CLSCF não desconsideram os outros eixos de intervenção porque funcionam como mecanismo transversal de resposta às

necessidades da inclusão social dos públicos vulneráveis e inspiram a criar formas alternativas e enriquecedoras de propor. Relativamente ao contributo efetivo e diferenciador das intervenções, a CLOLM discorre, “a diferenciação faz-se através da aproximação à valorização das histórias e das memórias e de trabalhar isso através das artes e da cultura. Todas as atividades deste projeto estão ligadas às artes e à cultura” (CLOLM, 28/04/2022, *online*). As soluções oferecidas pelo projeto Os Leixões das Memórias esteiam no trabalho de natureza cultural e artística que transborda na materialização e reconhecimento das memórias. Em sintonia com a valorização cultural, enquanto solução do ponto de vista de eficiência e eficácia para a problemática da inclusão social, a importância da ligação aos quadros de referência mentais enraizados nas tradições das comunidades. Na partilha do CLP, “uma das técnicas que trabalha no bairro é de etnia cigana e é moradora do bairro (...) sabendo que muitas vezes os estudos não são muito bem vistos pela comunidade cigana (...) já facilita! É um exemplo vivo, mostra aos jovens outro tipo de realidades a que é possível ter acesso, um percurso que é possível fazer” (CLP, 12/04/2022, *online*), interpretamos este artifício como uma forma de estabelecer uma ponte com as raízes culturais da comunidade. Esta intermediação pode revelar-se vantajosa para a inclusão social pela proximidade e conhecimento efetivo dos problemas sociais que assolam o território, bem como pela validação atribuída perante conflitos emergentes, além disso, a exemplaridade de um percurso profissional alternativo pode surgir como estímulo para outras resoluções junto dos participantes, pois:

“A própria filosofia do programa, que incide na capacitação das pessoas, envolve formações e aprendizagens, vai permitir aumentar a inclusão social. Depois, o programa tem também uma forte componente participativa, que permite as pessoas trabalharem umas com as outras, ajuda muito, ninguém fica para trás, e isso também contribui para fortalecer a inclusão social” (CN, 20/04/2022, *online*).

Em harmonia com esta asserção estão o CLP, o CLB e o CLSCF, visível nas linhas de ação dos projetos que coordenam, com forte componente em dinâmicas de participação e capacitação. Numa cartografia de possibilidades as práticas são contributos na cocriação de outras realidades, segundo o CLP, “(...) o acesso às oportunidades é importante, não só para a mentalidade inerente, mas também fora do bairro” (CLP, 12/04/2022, *online*), depreendemos, assim, o acesso às oportunidades como um diferencial, uma vez que as propostas culturais e artísticas eram praticamente inexistentes. Contudo registamos a necessidade de uma ação fundamentada de propor, assente nas idiossincrasias da

comunidade - ação que pode ser aperfeiçoada através de uma atitude de percepção consciente do mediador entre a provocação estética e estésica. A observância de questões culturais e do direito à diferença leva-nos a compreender que o processo expositivo do projeto se desenrola como opção e não determinação, algo basilar para a inclusão, uma especificidade asseverada pelo CLP, “há situações em que o ‘colocar de parte’ tem a ver com a própria cultura” (CLP, 12/04/2022, *online*). Tal, remete para a vigilância dos referenciais culturais da comunidade que através da música e na dança superam condicionamentos, na medida em que se envolvem na criação inspiradora conducente à ação reflexiva que revela indícios de mudança:

“(…) têm como referência de êxito o cantor Nininho (Vaz Maia), que é de etnia cigana, e isto, para eles, acaba por ser também uma mudança de paradigma (...). (...) podem admirar um cigano sob um prisma artístico, eles sentem ‘não são só os outros que têm sucesso, nós também podemos ter’” (CLP, 12/04/2022, *online*).

A mudança para incluir pode assumir várias vias como a inspiração através de referências em artistas aos quais se atribui significado, mas também da proximidade e das permutas entre criadores e protagonistas dos processos de criação:

“O teatro, para as pessoas que gostam de ir, apreciam a questão da oralidade, tentam perceber a narrativa, propicia as comunidades a conviver. (...) nestas apresentações, também damos a conhecer as oficinas, buscamos interagir com os públicos para haver interação com o espaço, portanto, o eixo social tem maior peso. A interação com o espaço tem várias formas, uma delas é o voluntariado, quando há falta de pessoas para alguma atividade também vão lá apoiar; outra hipótese de interação com o espaço é só o convívio (...) há uma conexão espontânea e também provocada com o espaço” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Não obstante a diversidade nas metodologias de abordagens, manifestações artísticas e culturais têm como consequência o desenvolvimento do sentido de reciprocidade e de comunidade multicultural. Nas apresentações públicas a tônica está no processo e na concretização da performance, preponderantes sobre o produto final. Entendemos que as barreiras se diluem nas formas alternativas de expressão porque levam à interação espontânea e, por conseguinte, ao desbloqueio dos participantes que se permitem comunicar através de outras linguagens. Outra inferência deduzida é a oferta de um espaço de criação convergente à aproximação, reflexão pela experiência. Desta simbiose, nascem ligações orgânicas entre indivíduo, comunidade, espaço. Da sinergia criada o resultado quali-quantitativo refletido no número de voluntários e disponibilidade crescente para

ajudar quando há falta de recursos - aumento da cooperação. Por outro lado, urgem soluções para a principal barreira encontrada, na constatação do CLB, “(...) os imigrantes não falam português e a população local também não fala, não pode responder, então há uma distância e um desconhecimento do Outro”, contudo, o CLB acrescenta, “Nestes momentos de encontro não há barreiras, há uma linguagem comum que nos une!” (CLB, 28/04/2022, *online*), concluímos que os problemas de comunicação e interação, provocados pela ausência de um idioma comum entre as comunidades, obrigam a procurar um código inteligível como ferramenta para a inclusão social. A resposta aos problemas de comunicação encontra-se na vivência da arte que surge como solução alternativa, linguagem comum, una e unificadora:

“Quem quiser participar inscreve-se para ensinar e aprender dança, e é logo incluído nas aulas, também estão aqui participantes dessa oficina. Isto é inclusão! Estão ali muitas nacionalidades que foram ensaiadas para participar, para dançar em conjunto, já não vamos ter o grupo das pessoas que vieram (à oficina) há um entrosamento de todos numa linguagem universal, que é a dança e a música que nos une” (PB, 28/05/2022, Beja).

As múltiplas abordagens à inclusão social desenvolvem-se em atmosferas de criação abertas onde coabitam e partilham modos de sentir e pensar:

“Na exposição de projetos na Casa Gandaresa, (...) participou toda a comunidade, surgiram projetos de muitas instituições e também de particulares. Foi um estímulo à criatividade e à participação (...) muitos diferentes, oriundos de outras nacionalidades, respeitando-se a inclusão da diferença nas questões culturais e religiosas de cada participante, sendo que muitos dos participantes na criação de presépios associaram-se e, só isso, é muito bom” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Entendemos as atividades que apelam à participação coletiva impulsos para processos criativos interativos, sobretudo quando a partilha envolve a comunhão com o sensível. Na construção coletiva de um artefacto interpretamos o caminho de incluir pela aproximação entre indivíduos com referenciais múltiplos e heterogêneos. Auscultar os desejos da comunidade imigrante e concretizar as suas necessidades culturais tem significado quando representado em ações, porque transmite, em particular ao público vulnerável, a valorização das suas necessidades:

“(...) abriu-se a atividade de basquetebol devido à procura deste desporto por parte das famílias brasileiras (...) e também de alguns angolanos que vivem cá. Penso que pode ser uma forma de integração das crianças e dos pais. (...) a biblioteca comunitária que é um espaço intergeracional (...) já permitiu e vai permitir aprofundar o encontro entre gerações, onde os idosos contam contos (...). O Sótão das Memórias é algo que nos identifica muito

com a nossa identidade e cultura (...) É importante que os mais novos também percebam e conheçam, desde cedo, a cultura e a identidade do Seixo – do que fomos para o que somos hoje e para o que queremos ser no futuro, só se conhecermos e levarmos as crianças a conhecer é que permanece o património” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Extraímos a mais-valia de intervenções com intencionalidade na inclusão social pelo facto de se cruzarem as necessidades intracomunitárias. Ir ao encontro dos gostos e singularidades são formas de incluir os imigrantes, promover o contacto intergeracional com vista ao envelhecimento ativo sobre a socialização e a partilha de memórias pela reprodução das idiossincrasias identitárias, visando ainda preservação do património cultural. Também a mobilização para o convívio através do desporto contribui para incluir e alterar dinâmicas territoriais que podem ser estruturantes para incluir e cobrir diversos públicos vulneráveis:

“(…) das últimas atividades que organizamos, e até replicamos pelo enorme sucesso, foi uma caminhada comunitária e quem ia na frente da comunidade era um grupo de dez utentes da Cercimira. (...) utentes têm o próprio centro de dia e o centro formativo, mas estas crianças que raramente saíam do edifício (...) estão a participar nas atividades que promovemos. (...) a questão dos imigrantes, a integração na receção, o apoio dos serviços de encaminhamento, se necessitam de ajuda nas Finanças ou na Segurança Social são acompanhados, na Junta de Freguesia para atestar a residência, para preencher papéis e os ajudar na burocracia, têm todo o apoio. (...) rede de vizinhança e o trabalho com a Rede Social de Mira, com a Associação Empresarial, com o Gabinete de Inserção Profissional, são exemplos” (CLSCF, 21/04/2022, online).

Integrar e incluir passa por amenizar desigualdades aferindo os segmentos de vulnerabilidade para solucionar carências imediatas. Para a comunidade imigrante se sentir integrada, numa primeira instância, importa acautelar respostas de encaminhamento para a sua legalização e integração profissional com capacitação:

“Existe também a formação de proximidade em que se trabalha a capacitação com o acompanhamento do Ensino do Português para Estrangeiros, para ultrapassar a barreira da comunicação. (...) muitos dos trabalhadores das empresas da região não tinham competências, habilitações, certificação para as atividades que estavam a exercer. Foi organizada formação (...) para que haja uma habilitação profissional no exercício das atividades com a devida legalização” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Compreendemos a perceção consciente das necessidades dos públicos mais vulneráveis como fator importante para a integração e inclusão social, sendo a aproximação fundamental para mitigar as barreiras na comunicação, a formação essencial para capacitar para empregabilidade como um instrumento de empoderamento na aquisição de capital humano e autonomia do indivíduo pela mobilidade. As mobilidades podem ser entendidas

de duas formas, externas pela fluência que o indivíduo adquire para se movimentar no espaço, ou internas pela capacidade adquirida de mudar comportamentos:

“A rádio está a tentar abarcar todos os eixos de intervenção porque é aberta. (...) a Rádio Pavão foi feita para pensar a cidade. (...) foi quase como um exercício de sair da “contaminação do bairrismo”, para construir uma rádio aberta e expansiva. (...) É nesta medida que a Rádio Pavão assume um contributo efetivo para a inclusão social” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

Percebemos o contributo para incluir através da evasão do autocondicionamento, através da interação de ideias e posicionamentos diversos geram a discussão sobre a identidade, diversidade das comunidades e território para além das políticas urbanas e narrativas do mercado especulativo que assolam o bairro. Mas também “a inclusão é trazer e levar algo a estas pessoas no sentido do bem-estar, incluir será transformar o processo de envelhecimento em algo de substancialmente qualitativo” (CLRP, 1/04/2022, Porto), conforme já vertido, colmatar necessidades dos públicos vulneráveis aquilo a que mais falta faz, no caso do Bairro do Castelo, segundo a CLRP, “perguntei o que lhes tinha feito mais falta e responderam o barulho das crianças, os gritos, os risos” (CLRP, 1/04/2022, Porto), interpretamos falta de companhia e solidão. As Janeiras foi uma atividade icónica do projeto, durante ninguém se sentiu “à margem”:

“As crianças prepararam esta atividade na escola, fizeram a letra, as professoras fizeram parte da melodia e depois andamos de porta-a-porta. (...) Sente-se a reação dos habitantes do bairro com as crianças a cantar e a dançar, foi muito puro. (...) ao ouvirem os miúdos cantar as Janeiras a loja ofereceu pastéis de nata a toda a gente e ainda levaram para a escola! Isto é bairro, isto é inclusão” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

A inclusão social adquire significado nos momentos de interação crianças e seniores, manifestação mútua de afeto e alegria, alteração do estado de espírito das pessoas por osmose – integração expandida, mas não meramente simbólica. Do ponto de vista da eficiência e eficácia para incluir a resposta diferenciadora da Rádio Pavão consiste em dar voz aos habitantes do bairro numa dimensão mais profunda, que ressoa na essência da interioridade do indivíduo pela possibilidade de se ouvir a si mesmo:

“Esta rádio é para as pessoas do bairro serem participantes, ser a voz delas que passa e isto para elas é muito real ao nível do património, da identidade, mas há uma dimensão ainda mais interessante - as pessoas ouvirem-se! (...) O que vai de fora para dentro, de dentro para fora e de dentro para dentro. (...) dimensões muito ligadas porque só se as pessoas tiverem a capacidade de se ouvir é que elas podem ter a noção da sua resistência. (...)”

Interessa-nos que possam crescer, que tenham qualidade de vida, que tenham um processo de envelhecimento ativo” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

Depreendemos que a sensibilidade para acolher as dissidências sociais emergentes através do debate plural, num exercício para ouvir e ser ouvido(a), cria dinâmicas que identificam, mas também estabelecem uma relação de teor emocional revelador das próprias resistências identitárias, das emoções que se alimentam do efeito que causam no Outro. Para a PRP, “o objetivo é que se possam criar diálogos, perceber interesses comuns, maior aproximação de comunidade que possa servir para haver uma participação política do bairro em relação a qualquer situação que possa vir a acontecer” (PRP, 1/07/2022, Lisboa), depreendemos que na plasticidade dos encontros se reajustam condições sociais de existências como contributo para a inclusão, resultado do diálogo e do confronto - com a individualidade, na interação com grupos heterogêneos, com a multiplicidades de interesses e as diferentes temporalidades, emergindo a priorização do questionamento em torno de um objetivo uno e comum centrado na mobilização para a participação social. O pensamento reflexivo sobre a experiência de fruir a partir de provocações envolve a troca de interpretações, a partilha de conceitos, a ampliação de perspetivas e a descoberta de outras possibilidades de sentir. Esta reconstrução coletiva de memórias é o contributo para a inclusão social do bairro:

“(…) estamos a trabalhar com o arquivo fotográfico, as pessoas estão a falar sobre as fotografias que veem, aqui sim, sinto que há um sentimento de ampliação do sentimento de pertença, de recordação das pessoas, e penso nisso como inclusão social, as pessoas voltarem a sentir que fazem parte deste sítio (...) muitas das nossas aulas tinham a ver com exercícios físicos, do treino da corporalidade, treino da comunicação, exercícios de grande aproximação e partilha, como dar sentido a gestos (...) um dia, no final das aulas, em que nos sentámos no pátio do Grupo Desportivo (do Castelo), a conviver e a conversar (...) tinham sido os exercícios da aula a despoletar aquele momento de partilha (...). As próprias pessoas estão envolvidas nas práticas artísticas, as pessoas estão envolvidas no processo de construção das narrativas, as pessoas estão a fazer” (PRP, 1/07/2022, Lisboa).

Inferimos evidências pela transformação social em consequência de práticas artísticas conducentes à aproximação, na partilha, na comunicação, na socialização e na construção de narrativas com uma finalidade comum.

4.2.3 A cultura e as artes como um veículo promotor de inclusão social

Na Dimensão 3 Inclusão Social via cultura e artes foram aferidos os seguintes parâmetros à CN e CL: os fatores-chave para a inclusão via cultura e artes; a acessibilidade às propostas - intervenções criativas/ artísticas/ culturais – enquanto contributo para a inclusão das comunidades; e, a essencialidade da criatividade/ cultura/ artes na inclusão social dos públicos vulneráveis. Aos CL acrescem os indicadores: percepção de evidências gerais relativas à transformação da realidade social, construção de conexões sociais, reabilitação da socialização, mudanças na participação, questionamento de narrativas, novas perspectivas de futuro, criação de oportunidades, geração de instrumentos inovadores para alterar e criar políticas públicas; percepção de evidências específicas decorrentes de expressões e manifestações criativas/ culturais/ artísticas ao nível intrapessoal, interpessoal, comunitário e institucional. Na abordagem aos P os parâmetros considerados foram os seguintes: percepção das manifestações criativas/ artísticas/ culturais orientadas para a inclusão, centradas no desenvolvimento das seguintes referências – i. comunicação/ expressão [resistência aos processos artísticos, formas de expressão emocional, formas na expressão escrita e oral, recurso a figuras de estilo, capacidade discursiva, resposta aos estímulos], ii. processos criativos [estímulo da criatividade, capacidade para a criação e associação livre, fluxos na imaginação, transporte de sensações, transições emocionais, autoconsciência, transcendência/ explorar mundos desconhecidos], iii. reflexão e conhecimento [capacidade de reflexão, recuperação de memórias, capacidade de construir respostas refletidas, capacidade de resposta através de uma manifestação artística/ cultural, novas aprendizagens, diferentes leituras e interpretações], iv. relações, socialização, participação [identificação, criação de ligações, sintonia com o Outro, integração em grupos, isolamento, sentimentos de pertença, sentimentos de rejeição, tensão, exclusão], v. mudança, transformação, impacto [autoconsciência, autoconfiança, autoexpressão, autodescoberta, capacidade de encontrar respostas ou soluções, (re)integração – social, emocional, comunitária, conexões, recuperação ou reativação de memórias, narrativas e histórias, dialética, dinâmicas, ruturas, resoluções, possibilidades, escolhas, conhecimento, testemunhos e outras observações]; percepção de evidências nas referências - transformação da realidade social/ construção de conexões sociais/ reabilitação da socialização/ mudanças na participação/ questionamento de narrativas/ novas perspectivas de futuro/ criação de oportunidades/ geração de instrumentos inovadores para alterar e criar políticas públicas; e, percepção de evidências nas expressões criativas/ culturais/ artísticas nos níveis intrapessoal, interpessoal, comunitário e institucional.

Não sendo a cultura um eixo de intervenção contemplado no PBS a vitalidade do setor surpreendeu pela dimensão ocupada nos projetos:

“Sinto mesmo que a componente cultural está muito presente nos projetos (...). É a prova de que quando dizemos: ‘está aqui o dinheiro, o que é que as pessoas conseguem fazer com isto? - aí puderam sonhar e, normalmente, as pessoas quando sonham são criativas. É o prazer de fazer e de aprender a fazer” (CN, 20/04/2022, *online*).

“O acesso à arte é a possibilidade de experimentar, é a possibilidade de fruir, é a possibilidade de estar rodeado de manifestações artísticas, ou mesmo de poder participar na sua construção, no fundo é uma forma profunda de realização do ser humano; a arte assume, em si, uma forma muito importante de inclusão social” (CN, 20/04/2022, *online*).

A peculiaridade da inclusão social através da cultura e das artes é o pressuposto do desenvolvimento de outras dimensões, que se manifestam no quotidiano do indivíduo, consigo mesmo e com o Outro, reproduzindo formas de realização profunda do Homem. Foram apontados alguns fatores-chave para incluir:

“Chegar às pessoas (...) incluir no PorTiArtista, é caminhar no sentido dos interesses dos participantes do projeto. Encaminhar os participantes do projeto pela melhor via possível é também mostrar os caminhos corretos a par dos seus interesses (...) fator-chave para a inclusão social nestas áreas é haver vontade para poder existir a pertença” (CLP, 12/04/2022, online).

Interpretamos que para incluir, a par da aproximação aos beneficiários, é necessário conduzir o argumento dos processos criativos, seduzindo por sinais culturais que exalem formas de ser e estar no mundo, ressoando na liberdade de escolha - a retórica determinante para o envolvimento da comunidade do bairro. Se o CLP aponta a aproximação, o CLB aponta aproximação e encontro; se o CLP refere liberdade de escolha, o CLB refere a liberdade do Outro. Estes elementos coincidentes são apontados como essenciais:

“No encontro para criar algo estamos a promover a aproximação com o Outro, respeitando a liberdade do Outro, sem interesse ou julgamento, (...) importa o exercício da criatividade para atingir um objetivo que é comum. (...) há a capacitação das pessoas e a chamada à livre participação” (CLB, 28/04/2022, online).

Entendemos assim que a proposta de atividades criativas redimensiona a aproximação ao Outro, respeitando-o na sua individualidade e liberdade, em sincronia com a totalidade de um objetivo comum - estimular a participação, além disso, a convocação para uma dinâmica de capacitação exponencia a inclusão. Na apreciação dos fatores essenciais para a inclusão a CLRP afirma, “encontra-se no cunho da utilização da criatividade. Acreditamos que através da criatividade, no teatro, na filosofia, na escrita, na música, promovemos um objetivo que é o acesso à cultura” (CLRP, 1/04/2022, Porto), percebemos no uso da criatividade e na promoção do acesso à cultura elementos centrais para a problemática da inclusão social. Segundo a CLRP, “A rádio é um projeto cultural com uma identidade própria, isso já é cultura. Se todos os intervenientes puderem ter os seus horizontes expandidos tanto melhor, é uma rádio aberta a todos, intergeracional e intercultural” (CLRP, 1/04/2022, Porto), um duplo fortalecimento pela oportunidade criada no acesso a experiências e na

coesão social. Uma ponte para incluir pode ser a componente simbólico-afetiva de um espaço:

“O preponderante, que possibilitará dinamizar a questão da cultura e das artes é o próprio edifício da Casa Gandaresa. É a âncora para todo o projeto! (...) Serve de base, de sede para o projeto, a própria arquitetura, a requalificação, a biblioteca comunitária faz parte da cultura identitária da região da Gândara e de Mira” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Revitalizar um espaço e devolver-lhe a vida, com o envolvimento da comunidade local e dos agentes sociais, é também uma ferramenta apelativa à participação e cria laços. A este elemento associamos o encontro de motivações, pela possibilidade de perpetuar a memória social e materializar o património cultural, influenciando o sentido de identidade e a consciência coletiva de pertença tal como vimos com Peralta e Anico (2006). A ampliação de funcionalidades, pela promoção das relações sociais, a dinamização no setor artístico e cultural que pode gerar empregos e rendimentos e o acesso à diversidade de experiências, pode expandir vocações e habilidades envolvidas com a cultura e as artes. Para além destas valências a oferta de um espaço criativo no território obriga a descentralizar as iniciativas dos centros urbanos. A cultura e as artes também podem ser entendidas como potenciadoras da inclusão social pela envolvimento no apelo à ação participativa comunitária, com uma finalidade comum. Expressões desta natureza não passam incólumes pelo indivíduo, enquanto catalisadores de emoções e sensações, presidindo o êxito de várias experiências sociais pela multiplicidade de dimensões que alcançam no indivíduo, na comunidade e na sociedade, proporcionando um sentido à ação desenvolvida:

“A criatividade, as artes e a cultura têm um potencial enorme no sentido da inclusão social (...) não só para o público-alvo com as características do projeto (...) mas de uma forma abrangente, porque têm a capacidade de tocar em todas as pessoas. (...) Cultura envolve muita coisa, no extremo é tudo (...) projetos assentes na criatividade, cultura e artes são extremamente apelativos, despertam atividades e são fáceis de trabalhar, dado esse lado mais atrativo que é puxar pela criatividade” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Tentamos perceber esse sentido da ação através da experiência vivida nas manifestações artísticas e culturais:

“A percepção que eu tenho, em torno das atividades, é que de uma certa forma nessa hora esquecemos todos os problemas que estão a acontecer. (...) todos juntos, focamos na música que nos une e representa como um só, não tem a questão da língua como obstáculo. Como eu estou a ver aqui agora, temos indianos, turcos, senegaleses! Por ser difícil a comunicação, por causa da língua, a única forma de estarmos todos juntos, mas unificados

num só, tem de ser mesmo através da arte, nomeadamente, a música, a dança, aí não tem língua já” (PB, 28/05/2022, Beja).

Compreendemos o desígnio da arte emancipadora como contributo para a inclusão social, que respalda na diminuição dos obstáculos à comunicação, mas também na manifestação da expressão emocional - o transporte de sensações pelo som e pelo movimento leva a uma união, à espontânea criação de ligações livres e identitárias numa sintonia com o Outro (Guerra & Fernandes, 2022). Outra perceção pode ser obtida através da oralidade:

“Houve uma abertura da porta emocional. Quando gravamos (...) essa dimensão oral traz várias camadas de perceção que o texto não traz. (...) os próprios participantes, ou outras pessoas que vão conhecer o projeto, quando ouvem falar percebem a carga emocional daquilo que a pessoa está a dizer (..) isto tem um efeito na maneira como nós percecionamos os outros e damos sentido àquilo que estamos a assistir” (PRP, 1/07/2022, Lisboa).

Inferimos a expressão artística e cultural em campo expandido, a expressão oral resulta em expressão emocional perceptível na rádio pela atribuição de sentido a um estímulo. Criar espaço e tempo para a pluralidade de vozes é também fator de inclusão social. A partilha das histórias de vida e a criação de momentos intimistas levam ao surgimento de conexões, a empatizar, à aceitação do Outro na sua diferença, ao respeito pela diversidade cultural como defendem Guerra e Figueredo (2021). Segundo o CLB, “a partilha do conhecimento da cultura do Outro passou a fazer parte de conversas informais (...) é muito interessante porque surge de forma informal e ali há uma disponibilidade para incluir” (CLB, 28/04/2022, *online*), apreendemos um lugar de fala de memórias, identidade e património cultural, na sua íntima relação, que é divulgada e partilhada de forma orgânica criando laços sociais e a integração na comunidade. A partilha e a disseminação do conhecimento, ínsitos ao processo de integração surgem, assim, como evidências na inclusão social através da cultura e das artes. De acordo com o CLSCF, sendo a casa comunitária a representação das manifestações artísticas e culturais do Seixo, “a base para a reunião”, nas palavras do CLSCF, “responde à questão da cultura museológica, do património, da inclusão social” (CLSCF, 21/04/2022, *online*), compreende-se aberta a todos, para além da marca simbólica com assumido significado nos referenciais identitários e preconiza a relação do território com a criatividade, a cultura as artes. Observamos a apropriação da casa como caleidoscópio - ponto de apoio ao imigrante, ponto de encontro para atividades criativas artísticas e culturais, porto de articulação de diversos modelos colaborativos que vinculam as relações

sociais da comunidade, porta da evasão para novos horizontes. Contudo, apesar da relevância atribuída à cultura e às artes no projeto, a opinião é divergente em relação a todos os outros CL, na partilha do CLSCF, “a criatividade, a cultura e as artes são ferramentas muito importantes (...) ligando à questão da inclusão, acho que é muito importante ter uma participação ativa, logo, estas ferramentas não digo que são indispensáveis, mas são muito importantes” (CLSCF, 21/04/2022, *online*), apesar de refutar a essencialidade da cultura e das artes para a inclusão social, em complemento:

“A criatividade, a arte e a cultura são também maneiras de conviver com as pessoas, de estar em contacto com a população (...) pode-se tentar a inclusão social, não perfeita, sem estas ferramentas, agora que são muito importantes são! Se calhar não se consegue ter uma inclusão plena sem as pessoas terem esta participação” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Frisando uma opinião contrária, a CLOLM não deixa de salvaguardar a particularidade do contexto (que pode resultar em interferência):

“A inclusão social aqui também muito no sentido do reforço desta autoestima que diminuiu, depois de um período tão grande de pandemia e isolamento, em que o contacto social foi diminuído e reduzido ao essencial (...) atividades servem para trabalhar a conexão com as pessoas que sofreu um impacto forte. A receção tem sido muito boa! O documentário ainda está em preparação, mas o *podcast* é um *work in progress*, já está a acontecer e já há divulgação e a receptividade tem sido muito boa” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Inferimos que, não obstante a importância da cultura e das artes para a inclusão social dos públicos mais vulneráveis, há que atender ao contexto em que decorrem as intervenções do projeto pós pandemia o que na prática se traduz num esforço redobrado para contrariar os hábitos de isolamento e aumentar a receptividade, algo conseguido com atividades que trabalham a reconexão dos habitantes do Bairro dos Pescadores e o reforço da autoestima. Outra opinião que sublinhamos está ligada à gratuidade no acesso à cultura e às artes, porque o acesso a alguns equipamentos implica disponibilizar um valor pecuniário que faz falta ao consumo de bens essenciais dos públicos mais desfavorecidos. De acordo com o CLB, “Se as pessoas souberem que há um espaço onde se pode fazer, onde se pode aprender e interagir, em que se pode exercitar a criatividade sem pagar (...) é fundamental” (CLB, 28/04/2022, *online*), dado que, os serviços prestados pelo projeto à comunidade não fazem parte do discurso nem da estratégia de atuação política da cidade e são agora outorgados graças ao apoio do PBS.

Outro motor considerado para a inclusão via cultura e artes é a abordagem participativa com a presença de artistas convidados e o contacto com outras organizações. De acordo com o CLB, “os artistas que estão a colaborar criaram cerca de duas oficinas e, mediante a disponibilidade, elas são executadas, são mostrados os processos onde decorre a interação, são apresentados espetáculos, as pessoas são convidadas a participar para promover a partilha e o conhecimento” (CLB, 28/04/2022, *online*). Depreendemos que o testemunho dos processos de criação dos artistas permite maior envolvimento (o beneficiário é participante e criador) pela meditação dinâmica que leva à conscientização de outras vozes enquanto estímulos para a diversidade e porque as práticas trabalham a liberdade de expressão e de criação em interação, além disso, a presença de artistas com competências diversas e a aproximação a outras organizações permite estreitar relações sociais e alargar a rede de vizinhança, evidenciando bem as potencialidades das criatividades rizomáticas referidas por Deleuze e Guattari (1995). Na esteira da substancialidade da cultura e das artes, enquanto ferramentas indispensáveis para a inclusão social, identificamos as múltiplas abordagens na aprendizagem e capacitação.

“A criatividade, a cultura e as artes podem dar ferramentas aos públicos vulneráveis. Sobretudo em ambiente de aprendizagem (...) dar-lhes a capacidade de perceberem que dentro deles está uma série de possibilidades, para trabalharem, para fazerem, ao contrário de impor (...). A criatividade tem de ser estimulada! Luto essencialmente para isso, para os estímulos” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Os projetos que envolvem a educação pela arte parecem ter a capacidade de provocar impacto no indivíduo, na compreensão do mundo pelas trocas e partilhas, no encontro das respostas para inquietações, na criação e construção coletiva do saber, ser e estar. A experimentação sonora ou musical e corporal, despontam sentimentos e sensações, percebemos, assim, que a moldagem da experiência pode moldar a própria identidade. A importância da mediação artística e cultural em projetos sociais é sustentada:

“Acho que é indispensável pela facilidade no relacionamento criada (...). Tenho conhecimento de outros projetos e de outras organizações que têm mesmo de recorrer à criatividade, à cultura e às artes, de alguma maneira, para alcançar a inclusão dos públicos mais vulneráveis!” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Abordagem diferenciadora para a inclusão social pode ser a expressão da facilidade em estabelecer relações interpessoais, de comunicar através de múltiplas linguagens e

transmissão de conhecimento. A cultura e as artes podem ser consideradas como instrumentos facilitadores com impacto na mudança para incluir:

“Nós queremos que qualquer pessoa do Bairro do Castelo tenha ferramentas culturais, artísticas e criativas porque são fundamentais! Não há comunidades, nem sociedades, sem cultura. No caso da Rádio Pavão as emissões são o impacto real. As pessoas do bairro vão construir uma coisa! Existe o teatro, uma experiência, mas o teatro não é de quem sabe ver teatro, é de quem quer ver teatro (...) isto é um diferencial no acesso à cultura - permitir e dar espaço para que mais um interesse se crie, a diversidade. Não queremos uma bolha, mas várias bolhas em interação. (...) dar existência à experiência para que não seja uma experiência individual, mas social (...). Acreditamos que a mudança promovida pela criatividade, cultura e artes se especifica na abertura de espaço para uma existência de diversidade maior” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

A PRP salienta que é necessário derrubar a barreira do preconceito em relação às artes, padronizada em algumas gerações, mas dado o salto para experimentação com o devido alheamento a valores e princípios cristalizados, a mudança ocorre:

“É necessário haver interesse para as práticas artísticas, depois o convívio, mas nas idades mais avançadas há algumas barreiras até pela educação em relação às artes destas gerações. (...) Quando uma rádio propõe outro tipo de conhecimento as pessoas perguntam-se ‘para quê?’; na realidade pensam que há coisas muito mais importantes, mas se vão um dia voltam e saem de lá felizes” (PRP, 1/07/2022, Lisboa).

O impacto visível na felicidade dos participantes reside, em particular, na alteração de dinâmicas, nas escolhas, na autoexpressão, autoconfiança, autodescoberta, autoconhecimento, na perceção da PRP, “Se através das práticas artísticas existe um corpo, ou uma voz, ou um gesto, tem um outro entendimento. (...) ouvir é um processo de reflexividade e nós não temos consciência no momento, a rádio pode contribuir muito para isso, para as pessoas se ouvirem e ouvirem os outros” (PRP, 1/07/2022, Lisboa). As práticas artísticas e culturais envolvem instrumentos que são estímulos para os fluxos de imaginação, para a associação livre a recursos simbólicos, para o transporte e transcendência de emoções nem sempre conscientes, mas o ‘processo de ouvir’ tem contribuído para a reflexividade e evasão para outras interpretações, representado no exercício de empatia para com o Outro. Pensamento comum à PB, que perceciona sensações para além do som e do movimento, algo a transcende e conduz à livre expressão, no coletivo sente-se uma sintonia; para o CLP:

“Todo o mundo se sente integrado, porque é algo que nós sentimos na alma! Não é pelos ouvidos, é uma comunicação de alma não verbal que de uma certa forma faz-te sentir, ou faz-te fazer parte daquilo. (...) isto já é tão bom! As artes têm a capacidade de unir as pessoas

sem que as pessoas falem a mesma língua, sem mesmo as pessoas terem de se conhecer, só isso é a representação da arte num sentido próprio da unificação das pessoas” (PB, 28/05/2022, Beja).

“Os participantes ainda não estão na fase de ter a percepção de outras visões, da alteração do mundo interior. Acho que a forma de chegar aí é dar-lhes liberdade de criação e alguma orientação (...). Para estimular a criatividade tem de haver liberdade e no projeto há uma liberdade orientada” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Encontramos alguma similitude na opinião do PSCF, “são processos lentos, demorados, que não se compadecem com o tempo da duração de um projeto como este, que é de dez ou onze meses. (...) o tempo da integração e da inclusão não é o tempo do projeto, vai para além do tempo” (PSCF, 26/06/2022, Seixo), concluímos um descompasso ajuizado entre o tempo de duração do projeto com o tempo para a inclusão social dos beneficiários, pois, o PSCF sustenta, “Há participação, há mudança, mas este projeto é um apoio, é um instrumento e um passo para andar para a frente que nós temos, mas percebemos, claramente, que os tempos são tempos diferentes” (PSCF, 26/06/2022, Seixo). Apesar das evidências demonstradas na participação, na diminuição das barreiras à comunicação, no aumento da socialização e na predisposição para a mudança há a suspensão do tempo:

“O projeto ajuda para nós irmos captando e conquistando passo a passo, pessoa a pessoa (...) não podemos pensar que os cerca de duzentos imigrantes ficam integrados. (...) mas estas mudanças estão a ocorrer e são visíveis em coisas tão simples como passarmos na rua uns pelos outros e saudarmo-nos (...) Conquista-se a comunidade com a iniciativa, com a abertura, são pequenas manifestações que não se expressam no projeto, são difíceis de traduzir, porque não são números, mas eu sinto que são resultados” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Compreendemos a percepção na criação de ligações, da sintonia com o Outro, e da integração em grupos na inclusão social através da cultura e das artes, com a devida salvaguarda às linhas que se cozem com o tempo. Há a essencialidade do tempo para a inclusão social, no sentido de solidificar a capacidade de encontrar respostas, da integração – social, emocional, comunitária dos beneficiários do projeto, da recuperação ou reativação de memórias, de encontrar dinâmicas próprias na vivência do território.

Na aferição de evidências, especificamente decorrentes de manifestações culturais e artísticas, analisamos que o envolvimento das iniciativas com comunidades externas ao território de intervenção pode ser um indicador do alcance e impacto, na medida em que provoca mudanças na construção de conexões sociais e na socialização para além das comunidades dos territórios de intervenção:

“Houve uma turma que fez uns instrumentos de percussão, um dos professores fez a melodia e a letra, então decidiram gravar uma música; sugeri que fosse no estúdio musical do bairro para tentar integrar os jovens participantes do projeto naquele trabalho e os alunos também irem ao estúdio do centro comunitário para gravar. (...) envolvemos de duas formas (...). É uma forma de aproveitar o estúdio multimídia em colaboração com os jovens do bairro, envolver a comunidade, para que se possa perceber este lado da edição musical e da gravação musical” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Relativamente a alterações estruturantes ou sistémicas no tecido social pode ser prematura uma avaliação, na partilha do CLB, “transformação da realidade social das comunidades participantes é prematuro dizer” (CLB, 28/04/2022, *online*), contudo há outras evidências:

“Há participação nas atividades, logo, penso que este ponto leva a todos os outros! Estamos a falar em muitas pessoas que estão numa situação de desvantagem, timidez, fechamento, então estamos a quebrar tabus e ajudamos à socialização para quando as pessoas estiverem na rua se sentirem bem. Há abertura! (...) pergunta sobre o questionamento de narrativas é muito interessante, porque é efetivo. (...) “Há descoberta de potencialidades, mas o que na minha opinião irá fazer a diferença é o ‘à vontade’ que imerge nas pessoas ao participarem no projeto, destes encontros pode surgir tudo e mais alguma coisa. O que fazemos é em ponto pequeno, como as mostras e as apresentações, mas o que sentimos ao olhar para os participantes é que eles ganham um empoderamento! (...)” (CLB, 28/04/2022, *online*).

A tónica da aproximação dos participantes às suas raízes e tradições culturais é percebida como forma de valorização, eleva o orgulho na pertença pelo reforço identitário, paralelamente, dar a conhecer expressões multiculturais e artísticas através de performances criativas proporciona a toda a comunidade um maior envolvimento com a multiculturalidade, para além de despertar o interesse pelo conhecimento de outras culturas como defendem Alvino-Borba e Mata-Lima (2011). Nas palavras do nosso entrevistado:

“Os imigrantes da Guiné-Bissau e do Senegal têm a cultura Mandinga em comum, há uma identidade comum, até mesmo pela língua, os ‘Netos de Bandim’ (grupo de dança e percussão da Guiné-Bissau) virão cá em breve e trazê-los cá é trazer referências dos imigrantes destes países, é proporcionar uma identificação. (...) Vemos nestas iniciativas formas de acarinhar os imigrantes, de valorizar diferentes culturas e memórias, enquanto para outros são formas de viajar. Então o trabalho é unir comunidade local, que neste momento é a maioria que nos procura, com a comunidade imigrante com menor participação.” (CLB, 28/04/2022, *online*).

A intervenção dos projetos pode manifestar-se assim em diferentes níveis (intrapessoal, interpessoal, comunitário e institucional), adquirindo ainda a capacidade de interlocução de narrativas territoriais:

“Quanto à construção de conexões sociais sim, em certa medida, e também reforço das existentes, assim como a reabilitação da socialização e na participação, isso já se nota nas atividades. (...) questionamento das narrativas também, mesmo numa perspectiva individual e de recuperação de uma memória, por exemplo, às vezes as pessoas lembram-se de uma determinada história e dos intervenientes e a dada altura da conversa há um reequacionar” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

A demonstração das evidências, decorrentes das ações baseadas na cultura e nas artes, incidem também na criação de novas perspetivas sobre o futuro e que podem ser mostradas na motivação para realizar atividades e na reorganização do dia-a-dia:

“As evidências obtidas não são no sentido de ter um emprego, mas sim de ocupação e de uma motivação para o dia-a-dia. (...) as entrevistas são o cerne de todas as atividades do projeto, são a principal fonte de informação e todas as atividades e de todos os outputs que estão a ser gerados pelo projeto. (...) como o documentário e os painéis artísticos, ainda estamos em fase de produção. (...) a seleção de materiais para o arquivo, a identificação das pessoas que farão parte da caderneta de cromos, etc. (...) O podcast é a atividade com maior projeção (...), as outras atividades estão a ser maturadas” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

As entrevistas aos habitantes do bairro são a base comunitária da iniciativa e funcionam como repositório da informação do património marítimo ou piscatório, refletindo os resultados das atividades; mediante processos em curso é possível observar a alteração de dinâmicas e monitorizar de forma regular o território, sendo prematura uma análise de pormenor sobre evidências.

4.2.4. A relação entre a inclusão social e as boas práticas

A Dimensão 4 Boas práticas inclusivas foi aplicada somente à CN e CL. Os parâmetros considerados nos depoimentos da CN e dos CL foram os seguintes: indicação de boas práticas inclusivas; validação do trabalho em rede na resposta a problemas sociais com enfoque na criatividade/ cultura/ artes; e, importância da disseminação das iniciativas para a mudança no tecido social. Aos CL inquirimos também sobre: a obtenção de referências quanto ao potencial do projeto para a sua replicabilidade; e, mitigação dos desafios da inclusão social.

Manifestações culturais e artísticas promovem a exaltação para a criação e as sensações são exponenciadas, sobretudo, quando há um envolvimento direto e cursam com representações identitárias que respaldam na representação e valorização de uma comunidade, fundamentais para fortalecer a autoestima e o sentimento de pertença:

“(…) um projeto de inclusão social através das artes baseado na pintura de grandes murais do bairro, mas a pintura está relacionada com as pessoas do Bairro do Fim do Mundo e isso desencadeia uma emoção enorme, onde a própria comunidade se revê; confere às pessoas

uma sensação de valorização e orgulho na comunidade (...). orgulho na pertença considero uma boa prática inclusiva - é a chave. E, a arte, é uma das coisas que mais permite sentir e ter esse sentimento de pertença, porque usufruir ou criar uma obra artística permite a pessoa sentir-se orgulhosa daquilo que criou, é bonito, é bom, é grande, tem impacto.” (CN, 20/04/2022, *online*).

Construções estéticas ou demonstrações artísticas, para além da cultura visual, podem repercutir modos de ação uma vez que possibilitam o encontro do indivíduo e da comunidade com os seus referenciais. Entendemos como boa prática inclusiva, pois pode conduzir à mudança pela ressignificação do papel do indivíduo na comunidade, já que depreendemos o reforço da autoestima e a promoção do orgulho da pertença pedras basilares para incluir grupos vulneráveis:

“Há muitos anos, um arquiteto americano que estava a apresentar a história do processo de reabilitação um bairro muito decadente, em Baltimore, nos Estados Unidos, cuja reabilitação foi um sucesso total, sucesso esse refletido também num crescimento louco ao nível do turismo dessa zona. O arquiteto resumiu a reabilitação de Baltimore na seguinte frase: ‘The story of Baltimore is a story of local pride’” (CN, 20/04/2022, *online*).

A reabilitação urbana ou a revitalização da imagem de um espaço têm inerentes a melhoria de estatuto de quem as habita e transcendem a dimensão física, porque abarcam consequências em outros domínios (social, económico, ambiental). No caso paradigmático de Baltimore, uma cidade muito degradada ao nível sociocultural, a intervenção arquitetónica gerou atratividade no ambiente, com efeitos indiretos no turismo o que significa crescimento económico e aumento da empregabilidade. O registo inspirador, partilhado pela CN, mostra que lugar também é história, memória e experiência, vias de reforço identitário com impacto na inclusão social. Opinião idêntica é compartilhada pela CLOLM e pelo CLB, uma vez que encontram na valorização cultural, por entre linguagens artísticas e abordagens estéticas representativas da identidade dos participantes dos projetos, referências de boas práticas. A atribuição de valor a recordações, hábitos culturais e memórias através da sua materialização são práticas inclusivas, de acordo com a CLOLM, “a questão de valorizar hábitos, como o colecionismo. (...) recordações e memórias, que vão desde um recorte de jornal ao bilhete de um jogo a que foram assistir, a uma fotografia, vamos transformar estas memórias em arquivo digital” (CLOLM, 28/04/2022, *online*). O CLB também identifica a sensibilidade às questões culturais e o fomento da socialização em ambiente de proximidade enquanto boas práticas para incluir:

“(…) há um respeito pelas questões culturais e idiossincrasias do outro. (...) o concerto que uniu, organicamente, a comunidade local com a comunidade imigrante; (...) o nosso espaço do encontro aberto a todos; os Jogos do Mundo que levam o conhecimento de outras culturas a crianças; os Sabores do Mundo; as Histórias na Língua de Camões; a Primeira Cena que são oficinas de teatro comunitário; os Corpos Sonoros; a atividade Cenografando que tem a ver com a reutilização de matérias; o encontro das mulheres no chá para o convívio em que se ultrapassa o isolamento, etc.” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Entre a CLRP e o CLP encontramos opiniões semelhantes no entendimento de práticas inclusivas efetivas, designadamente, o facto de se partir para a ação com base nos gostos e interesses das comunidades para quem estas se destinam. De acordo com a CLRP, “Nós tentamos, antes de resgataremos pessoas para uma atividade, perceber se essa atividade dirá alguma coisa a essa pessoa. Até nos censos, tivemos o cuidado de dar toda a liberdade de resposta, sem sermos intrusivos” (CLRP, 1/04/2022, Porto), inferimos a importância de ir ao encontro dos gostos pessoais dos beneficiários em intervenções, isto para que haja identificação ou sentido nas atividades e permita a esperada mudança, a ressignificação de conceitos, preservando o sentido de liberdade sem condicionar ou imiscuir nas escolhas dos participantes; na opinião convergente do CLP, “se forem ao encontro dos interesses das comunidades a disseminação é feita de dentro para fora e é um trabalho no sentido de mudar o tecido social” (CLP, 12/04/2022, *online*), entendemos que a mudança no tecido social será mais fecunda se partir de um diagnóstico de interesses e verificação de necessidades, ou seja, se essa disseminação assentar em iniciativas construídas de dentro das comunidades para fora, a partir das prioridades de determinada comunidade. Sobre a importância do nexo de causalidade entre interesses e disseminação de iniciativas:

“A disseminação destes projetos é importante para a mudança no tecido social e deve ser feita da forma mais clara e o mais transparente possível, idealmente, logo desde o início dos projetos, e da ação, e ao longo de todas as suas fases (...) com uma comunicação honesta e clara que também se adapte às formas de comunicar do público a que quer chegar” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Esta questão da transparência, no sentido do esclarecimento dos objetivos possíveis de alcançar, é também apontada como uma das características do PBS, pois, segundo a CLRP, “dá uma leveza à concretização dos projetos porque não impõe parcerias, se as houver melhor, mas não é uma imposição, não é obrigatório. (...) as pessoas podem dispensar a sua atenção para o projeto e não para as obrigações do projeto” (CLRP, 1/04/2022, Porto). A peculiaridade das parcerias, intrínsecas ao PBS e essenciais para o cumprimento dos objetivos, metas e missão de cada projeto analisado é referida por todos os CL, sem exceção.

No entendimento da CN, “parcerias permitem encontrar diferentes respostas nos mais diversos domínios. As organizações têm de se capacitar e pedir às pessoas para olharem à sua volta para ver o que se pode fazer em conjunto” (CN, 20/04/2022, *online*), discurremos que o trabalho em rede possibilita, a partir de diferentes perceções e referenciais heterogéneos, resultados baseados numa procura acurada de soluções e na construção coletiva de respostas a problemas sociais. Assim, enquanto boa prática inclusiva, apontamos o trabalho colaborativo como mais profícuo para encontrar respostas face a problemas sociais multidimensionais, com particular referência ao papel dos órgãos de poder local:

“O trabalho em rede é sempre mais produtivo. A Câmara Municipal de Portimão e as juntas de freguesia são elementos fundamentais para o projeto PorTiArtista e estiveram representados na inauguração. Os intervenientes no projeto fizeram-se representar o que neste tipo de iniciativa é importante. Eu acho que há uma preocupação real das entidades responsáveis na integração das comunidades destes bairros” (CLP, 12/04/2022, *online*).

A importância de outras organizações da sociedade civil para aumentar a rede de recursos, ou o envolvimento em movimentos colaborativos e de voluntariado, bem como o convite de pessoas externas à comunidade podem ser boas práticas estimulantes à participação e criação coletiva. O CLB refere que “(...) temos muitas colaborações esporádicas, voluntários (...). Depois tentamos trazer sempre pessoas de fora para intensificar o desenvolvimento que também são estímulos para a criatividade, chamamos à participação, a convite, artistas externos” (CLB, 28/04/2022, *online*), a intenção de dilatar as intervenções para além dos limites territoriais numa interação provocada com outras comunidades, permite testar a capacidade de expansão do projeto e a perceção perante a diversidade de públicos. Esta boa prática inclusiva ocorre em mais projetos:

“O cruzamento da comunidade escolar com a comunidade do bairro (...) parece-me uma boa prática. (...) a inauguração já foi um exemplo de boa prática inclusiva! Já integrou vários elementos fora da ‘comunidade bairrista’, abriu a participantes de várias faixas etárias, (...) incluiu diversas pessoas de fora do bairro. Começa a existir aqui algum tipo de integração, mas percebendo-se claramente que para chegar a uma inclusão de facto será um processo a ter de começar de dentro do bairro para fora do bairro. Tal, depende da resistência dentro do bairro” (CLP, 12/04/2022, *online*).

A abertura da comunidade a outros participantes gera a diversidade de contactos com outras realidades; a interação com a comunidade escolar ‘extra bairro’ uma prática inclusiva apontada como exemplar, no entanto estas experiências carecem de bom senso devido às resistências, ligadas a incompatibilidades emergentes entre as famílias da comunidade.

Estabelecer parcerias colhe consenso como boa prática inclusiva, segundo o CLB, “As parcerias, sem dúvida, são muito importantes! (...) a prova disso são as ligações com as escolas, a ligação com a rede social aqui de Beja, os movimentos associativos, as associações de estudantes, a comunidade artística, etc.” (CLB, 28/04/2022, *online*). Na validação da relevância nas parcerias, encontramos o acesso a experiências que mitiga o isolamento social e viabiliza o acesso a experiências:

“Fizemos várias parcerias, sendo uma delas foi com teatros da zona, inclusive o Teatro São Luís. Já levamos ao São Luís habitantes do bairro, eles assistem a uma peça (antes da estreia) e depois ficam responsáveis pela agenda cultural do bairro. São elas que falam da experiência e fazem as recomendações. A questão do acesso à cultura é muitas vezes debatida, mas na minha opinião é isto: possibilitar o acesso para que se possam transmitir percepções e sensações de um ponto de vista próprio” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

Depreendemos que o foco na criatividade, na cultura e nas artes é mais frutífero porque é emancipador e permite que das vivências se extraia sentido. As parcerias construtivas configuram boas práticas inclusivas quando assumem a mesma missão na partilha de recursos, responsabilidades e na resiliência necessária para promover a inclusão social:

“Por via da parceria com a Cercimira, encerra a questão da inclusão social das pessoas que são um pouco diferentes, nas caminhadas comunitárias com a participação dos utentes (...). (..) uma campanha de sensibilização para a vacinação Covid-19, A Semana da Saúde, em que o Centro de saúde também é parceiro. (...) praticamente todas as iniciativas encerram boas práticas que estão orientadas para a questão da inclusão social e aproximar as pessoas é uma boa prática! (...) Natal Solidário que verteu dos presépios para o Centro de Partilha, parece-me uma boa prática ir ao encontro das pessoas em vez de serem elas a virem ter connosco” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Deduzimos que as parcerias permitem solucionar a diversidade de vulnerabilidades dos públicos-alvo nas suas necessidades mais prementes, percecionando carências de índole intrapessoal profunda, provendo afeto, dedicando tempo para auscultar as dores do Outro humanizando o plano de ação do projeto como uma boa prática. O trabalho em rede pode ser mais frutífero se tiver foco na criatividade e nas artes, porque esta tríade tem a capacidade de afirmação perante as resistências, segundo o CLSCF, “São eixos muito importantes no desenvolvimento da comunidade, a criatividade serve de base à construção das iniciativas para as artes, para a cultura, para a parte mais recreativa e muito importantes na dinamização das sociedades. São eixos de animação constante dos territórios!” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). Perceção idêntica têm a CLOLM e o CLB assumindo que a constituição parcerias se tem mostrado fundamental para o desenvolvimento dos projetos, o trabalho

colaborativo dinamiza a implementação e facilita na prossecução dos objetivos em questões simples como desbloquear barreiras de pessoas estranhas ao território:

“Este projeto não se estaria a desenvolver como está se não fosse o trabalho em rede (...). Seja para um melhor conhecimento, quer para uma melhor aproximação às pessoas e ao terreno (...) os problemas sociais são complexos, têm múltiplas dimensões, tanto neste projeto como no geral, o trabalho em rede permite contacto com entidades, com atores diferenciados, o que permite esse complemento, de ter diferentes perspetivas sob diferentes pontos de vista. Se o problema é complexo as soluções também têm de ser e ficamos todos a ganhar se conseguirmos ter essa multiplicidade nas perspetivas de como resolver aquele problema” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

“Se a cultura e as artes podem contribuir para as coisas acontecerem, nós, enquanto artistas, podemos promover as boas práticas, encontrando respostas e soluções eficazes - vamos partilhar as nossas experiências, criar juntos ideias, encontrar mecanismos para obter valências na agregação dos conhecimentos a partir de várias pessoas” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Da confluência de vontades, união dos artistas e legitimação dos participantes para a mudança, pode advir a procura constante de soluções e respostas eficazes para os problemas que se apresentam. Segundo o CLB, “estas iniciativas têm impacto, ou têm de ter! (...) considero que somos veículos potencializadores desse encontro. Como a nossa ferramenta são as artes, as oficinas são uma forma de disseminação para atingirmos os objetivos” (CLB, 28/04/2022, *online*), inferimos potencial de exemplaridade para mitigar os desafios da inclusão social. Reconhece-se o potencial de exemplaridade de projetos alicerçados na cultura e nas artes para serem replicados em outros contextos, segundo o CLP, “Se há coisas que têm capacidade de mudar mentalidades e orientações, claramente, são o desporto e as artes. (...), abrindo horizontes, encaminhando para se agarrarem a algo (...) sobrepondo-se a tudo o resto” (CLP, 12/04/2022, *online*); o mesmo sucede na partilha da CLRP, “Sim, já pensei levar o projeto a outras escolas por todo o país. Podia ter sido esta opção (...). Eu pensei mais em bairro local e fazer rádio para essas pessoas” (CLRP, 1/04/2022, Porto); de acordo com o CLSCF, “(...) estes projetos podem ter muita importância para as comunidades onde são implementados e para a mudança de consciências ou para a consolidação de hábitos e boas práticas” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). Concretizando a plenitude da afirmação na capacidade de replicabilidade dos projetos analisados no âmbito do PBS na salvaguarda da matriz identitária de um território, na partilha da CLOLM, “adaptando sempre ao caso concreto, ao território. (...) a ideia de replicar este projeto aplicando-o a outros territórios e contextos teria de passar por identificar a matriz do

próprio território e das pessoas em questão, penso que seria bastante interessante pensar nisso” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Concluimos que as intervenções para a inclusão social são iniciativas necessárias e que a cultura e nas artes funcionam como instrumentos pela natureza participativa e pela facilidade em congregar grupos heterogêneos de pessoas, que de outra forma não se reuniriam, através da criatividade nas dinâmicas. Outra inferência é a vontade de mudança entre mediadores das iniciativas, beneficiários e parceiros, o facto de se trabalhar em coletivo com uma finalidade comum potencia resultados que se manifestam na intenção de estender os projetos.

4.2.5. Impactos e sustentabilidade dos projetos

A Dimensão 5 Impacto foi aplicada somente à CN e CL. Os parâmetros considerados no depoimento da CN foram os seguintes: sustentabilidade dos projetos; impacto das parcerias entre entidades na resposta aos problemas sociais; percepção das políticas no âmbito das ICC para a obtenção de financiamento enquanto alternativas para a criatividade/ cultura/ artes; dinamização da economia local e social enquanto elemento diferenciador para a inclusão dos participantes; impacto esperado junto dos participantes e enquadramento do espaço ocupado pela criatividade/ cultura/ artes. Os parâmetros considerados no depoimento dos CL foram os seguintes: cumprimento de objetivos e metas; indicadores de referência; impacto do trabalho colaborativo na resposta a problemas sociais; percepção das políticas no âmbito das ICC para a obtenção de financiamento enquanto alternativas para a criatividade/ cultura/ artes; dinamização da economia local e social enquanto elemento diferenciador para a inclusão dos participantes; impacto esperado junto dos participantes com enquadramento do espaço ocupado pela criatividade/ cultura/ artes; e, autodefinição de impacto.

Tendo em consideração do impacto do PBS na sustentabilidade dos projetos, a CN considera-a uma preocupação pelos recursos humanos alocados. Na partilha da CN, “este projeto viabiliza ocupar muita gente que pode ser paga para fazer o que é necessário fazer e isso não é garantia de que, quando acabar o programa, possam continuar a ter esse posto de trabalho”, contudo, a CN afirma que “Muitos projetos estão já a criar formas para poderem continuar, ou através das redes que se criam, ou através de produtos criados dentro do próprio projeto para rentabilizar” (CN, 20/04/2022, *online*). Depreendemos que os projetos buscam alternativas para subsistir nos territórios, quer através da procura de parceiros, quer pela dinamização da economia local e social com iniciativas empreendedoras para a criação de negócios com produtos locais. A economia criativa e

social pode ser um elemento diferenciador para a inclusão social, uma vez que esta também depende de fatores económicos:

“Considero um elemento diferenciador porque há uma energia disponível, há capacidade para o fazer, mesmo nestes territórios, sobretudo, nestes territórios mais vulneráveis. (...) Há muitos projetos ligados à criação e reabilitação de infraestruturas das quais se prevê retirar o futuro proveito; existem projetos que envolvem a troca dos produtos criados, criação de mercados locais, produção agrícola, hortas comunitárias e urbanas” (CN, 20/04/2022, *online*).

O próprio ambiente criado a partir das iniciativas estimula o incremento das ICC, a criatividade que dinamiza a economia criativa e social dos territórios assume, assim, preponderância para a inclusão social, de acordo com a CLOLM, “É um elemento diferenciador para a inclusão e é também um fator motivacional. A dinamização da economia social e local traz uma motivação acrescida para o envolvimento neste projeto” (CLOLM, 28/04/2022, *online*). Outro elemento fundamental apontado para a sustentabilidade dos projetos é a dinamização de parcerias e o trabalho em rede:

“O trabalho colaborativo e em rede acaba por ser um pretexto para criarmos as soluções juntos! (...) O espetáculo ‘Descontos, Contos sobre a Imigração’ (...); o ‘Karingana e a Batucada de Contos’ também, ambos eram formas de interação com comunidades. (...) é um trabalho frutífero, as peças de teatro em que estou envolvido são sempre com interação, transmissão cultural inerente, com trabalho de adaptação e preocupação na criação de histórias com uma moral sensibilizadora para as questões pertinentes dos públicos” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Inferimos que o impacto é mais evidente quando o foco envolve a cultura e as artes pela plasticidade de soluções que oferecem, expressões artísticas e culturais permitem responder a uma diversidade de questões através da interação orientada aos interesses e necessidades dos públicos vulneráveis (Estivill, 2003). O parecer positivo em relação ao impacto das parcerias é orgânico, segundo a CLRP, “As parcerias não eram obrigatórias (...). Já se cruzaram várias oportunidades de o projeto crescer para outras possibilidades, mas este projeto tem de sair fora, completamente, daquilo que já é feito. E este é um processo natural!” (CLRP, 1/04/2022, Porto); na mesma corrente de pensamento, o CLSCF “(...) sou totalmente a favor das parcerias, em tudo!” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). O trabalho colaborativo é mais eficaz e eficiente na resposta aos problemas sociais e reflete-se também numa maior dinamização dos territórios:

“O PBS tem esta complexidade original – é um programa que depende de sete ministérios; quando eu vi a Resolução do Conselho de Ministros e me apercebi que eram sete

ministérios pensei: com um às vezes é tão complexo, com sete como será? Acabou por ser mais fácil! (...) estão sempre coisas a acontecer nos projetos o que cria uma certa empolgação (...) imprime uma certa dinâmica aos próprios projetos (...) começam já haver iniciativas conjuntas entre projetos que estão na mesma região, ou que estão a tratar do mesmo assunto e são estímulos” (CN, 20/04/2022, *online*).

No âmbito da perceção sobre as políticas para obtenção de financiamento de projetos, enquanto alternativas para impactar o setor das ICC, encontramos unanimidade nas opiniões colhidas. Estas disposições possibilitam maior equidade no setor e também configuram uma vantagem enquanto via alternativa para a criatividade, na cultura e nas artes. Nas palavras da CN, “Acho fundamental a criação destas políticas para dinamizar, criar os públicos, criar a ‘vontade de’, para depois haver uma oferta para a procura que se está a criar” (CN, 20/04/2022, *online*). Compreendemos os projetos colaborativos e as políticas para a obtenção de financiamento no âmbito das ICC, enquanto tendência, mostram o reconhecimento da criatividade em intervenções por projeto e acrescentam uma evolução na dignificação da cultura e das artes:

“Mostrar união no caminho da interação, é um caminho que fortalece. (...) Ser reconhecido é uma vitória! Estes caminhos (...), tendências, políticas, são pequenos passos para mostrar que a criatividade e as artes são viáveis. Não nos podemos esquecer dos estigmas! (...) Todas as políticas que dignificam e elevam as artes, e a criatividade também, vão colaborar para o reconhecimento, vão contribuir, quanto mais não seja, para as gerações futuras” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Esta viragem para projetos colaborativos no âmbito das ICC que gozam de apoios é considerada uma importante via alternativa para o incremento do setor, não obstante, salienta-se uma peculiaridade observada, designadamente, sobre os financiamentos não serem predominantes no setor em Portugal, onde se regista maior prevalência de apoios às infraestruturas e ao ambiente:

“(...) acho que são importantíssimos como via alternativa para a criatividade e artes. Embora eu ache que em termos de financiamento e fundos comunitários não é o forte do nosso país (...) alguns fundos comunitários, como o Portugal 2020, o PRR (...) está tudo muito virado para infraestruturas, para a questão ambiental. Não existem assim tantos programas que possam dotar a comunidade associativa e o simples cidadão de poder usufruir destes financiamentos e deste input da criatividade e das artes. (...) conheço um pouco do que é a realidade dos financiamentos em termos do país e, com pena minha, não existem assim tantos projetos nesta área” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Para além desta perceção, um exemplo concreto e com impacto no território de intervenção é aflorado pelo CLSCF, “O Cultura em Rede (...) foi importantíssimo e é uma alavanca brutal

para nós conseguirmos dinamizar as artes, a cultura, a criatividade (...)” (CLSCF, 21/04/2022, *online*), inferimos a importância das políticas públicas para a promoção da equidade em territórios de menor dimensão pela descentralização deste tipo de iniciativas, comumente associadas aos centros urbanos. É também uma via alternativa para conseguir gerar uma plataforma de contacto com a cultura e as artes, fundamentais na procura da vitalidade dos municípios e na adoção de estratégias para o desenvolvimento de estratégias de integração social. Em particular no que tange ao PBS, segundo o CLSCF, “Não é uma questão de igualdade, mas sim de equidade, no sentido de possibilitar aos municípios terem diferentes experiências culturais. (...) ter atividades à nossa dimensão” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). As políticas públicas do setor podem ser uma via alternativa para estimular o investimento na criatividade, cultura e artes, mas também podem acrescentar mais aos cidadãos porque se podem constituir como instrumentos de apoio à concretização de projetos com um significado social. A oferta cultural e artística também pode estimular o consumo de produtos diversificados, influenciando as práticas comunitárias no gosto dos públicos, formando outras consciências e sensibilidades. De forma equitativa, estes apoios conseguem chegar a públicos vulneráveis, habitualmente sem acesso a oportunidades e escolhas, que são realizadas por muitas organizações da sociedade civil:

“Surgimos como uma ferramenta de apoio, a partir da qual também outras organizações possam promover a aproximação dos públicos vulneráveis. (...) não havia em Beja! Existiam já grupos de teatro, mas são grupos que trabalham de dentro para fora e nós estamos virados para esses públicos, para a arte comunitária participativa - com a comunidade, da comunidade e para a comunidade” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Estas iniciativas conseguem atuar em várias dimensões, colmatando lacunas e substituindo, por vezes, as funções do Estado. Depreendemos que o acesso ao financiamento do PBS permitiu trabalhar ‘na comunidade para a comunidade’, numa envolvente de partilha que robustece mutuamente a inclusão social e a criatividade, a cultura e as artes. Segundo o CLB, “os projetos colaborativos e as políticas, aproveitando o que traz a comunidade e disponibilizando o que é necessário para aquilo que temos para oferecer, promovem a troca, a partilha de conhecimento e afetos para haver mais interação, formam-se elos de entreajuda” (CLB, 28/04/2022, *online*). Enfatizamos, assim, a carência e a vulnerabilidade como catalisadores para a mudança:

“O descontentamento, o desconforto, a sensação de que se pode melhorar, são situações que podem gerar energia para a ação de ‘vamos mudar’ (...) um fator importantíssimo para

a inclusão social a possibilidade de poder sonhar coisas diferentes e futuros diferentes para os seus bairros. Não é uma forma de mudar o tecido social, não é o que se pretende (...) o que pretendemos é que os participantes descubram as suas próprias capacidades e potencialidades, bem como a potencialidade da própria comunidade para colocar em ação essa dinamização que as próprias comunidades têm potencial para fazer” (CN, 20/04/2022, *online*).

Assumimos que o impacto do PBS não tem a pretensão de mudar o tecido social, mas dinamizar iniciativas que visam alterar as más condições de vida, promovendo o bem-estar social; provocar estímulos na experimentação de alternativas possíveis, ou abrir o portal da possibilidade para sonhar diferentes cenários, porque a descoberta de capacidades e potencialidades no indivíduo e na comunidade, resulta no empoderamento que é fator de inclusão social. A análise de impacto para a mudança nos públicos vulneráveis é favorável e através de caminhos que assumem várias formas:

“(...) moldar os desejos para que os participantes percorram o caminho certo. Isto é um ideal! (...) o que eu quero é que eles sejam boas pessoas e que a arte lhes molde os feitos para perceberem que existem vários instintos a seguir. Fazer com que alguns ensinamentos, que apreendem neste caminho, sirva um propósito no futuro (...). Passar-lhes princípios importantes, através de atividades mais lúdicas, mostrando que podem vir a ser desportistas, artistas, dançarinos, músicos, mas que tudo está ligado a ensinamentos e caminhos (...). (...) o que eu tento fazer é com que haja compromisso com a arte, com o trabalho” (CLP, 12/04/2022, *online*).

Concluímos, desta afirmação, que o impacto desejado para o projeto se fixa no encaminhamento dos participantes para percursos de vida com um sentido. A convicção firme de que a arte provoca a mudança na personalidade do indivíduo (no autoconhecimento, na autoconsciência, e no autoconceito) assevera-se numa aprendizagem com liberdade criativa orientada, imprimindo junto dos participantes um compromisso com e pela arte que pode imergir num propósito que interfere no futuro profissional de crianças e jovens. Outra perspetiva para a mudança:

“A principal mudança ocorre na sequência do encontro entre as pessoas, na evolução do contacto com o desconhecido. O lugar da criatividade, da cultura e das artes é a possibilidade da descoberta! Neste lugar, as pessoas ultrapassam os próprios objetivos que tinham para consigo mesmas, algo desconhecido, um lugar de descoberta das potencialidades em si” (CLB, 28/04/2022, *online*).

A similitude nas convicções e na expectativa da principal mudança esperada com os projetos assenta na ‘descoberta do desconhecido’ como um lugar fértil para se ultrapassarem desafios, concretizarem objetivos e de revelação de potencialidades. A consideração tecida

sobre o impacto ou mudança esperada junto dos participantes também se prende com o impacto na autoestima:

“Eu acho que está ligada à valorização, auto e hétero valorização e percepção desses saberes, dessas histórias, dessas memórias. A valorização e a percepção da sua importância - dos saberes, histórias, memórias; do contributo e do papel que aquela pessoa ou aquele grupo tem, na história que se conta, sobre a sua cidade, o seu bairro, a sua terra, o seu clube. (...) o principal fator de mudança ou a principal área de impacto (...) a pessoa sentir-se reconhecida e reconhecer-se a si própria, reconhecer o seu saber, reconhecer a importância do seu saber, a importância da sua experiência para contar uma ou outra história, se quisermos, uma história alternativa que não costuma ser contada, não por estas pessoas (...). Esta é a ‘pedra-de-toque’ do projeto Os Leixões das Memórias, o nome vem daí também!” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Depreendemos o impacto através do enaltecimento de saberes de pessoas invisibilizadas, expresso na percepção do valor do seu conhecimento e na materialização da história e memória de cada indivíduo, conducente à mudança do autoconceito. No ponto de vista da CLRP e do CLSCF, as percepções sobre o impacto e mudança estão correlacionadas aos contextos dos territórios e enraizadas nas crenças dos participantes:

“Ter estas pessoas com mais intervenção, gozando menos do conforto da idade, sem preconceito para com o mesmo, uma vez que a maior parte destas pessoas viveram em ditadura e agora têm liberdade. A mudança esperada era que as pessoas percebessem esta liberdade, até para optarem por consumos mais sustentáveis, mais saudáveis” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

A principal mudança esperada é o estímulo para a intervenção através do meio rádio que permite o debate, a discussão e a diversidade de opiniões, desfrutando da liberdade que a possibilidade de escolha propicia - uma mais-valia no bem-estar quotidiano. No que concerne à especificidade do lugar ocupado pela cultura e pelas artes para o impacto, entendemos a função auxiliadora na desconstrução de processos destrutivos, aceitando o passado, vivenciando o presente na sua plenitude que passa por problematizar e debater as questões sociais, as relações com o espaço público, ou o que realmente importa para que as pessoas do bairro consigam produzir novas sínteses:

“Auxiliar a des-cristalizar algumas histórias, ideias a que os habitantes do bairro se agarram, mostrando a que têm a possibilidade de fazer histórias não só de um passado, mas de um futuro. (...) Importa também pensar a cidade, quando se fala de urbanismo são casas, habitação e pessoas - pensar nisto sem a questão social não faz sentido. Esta é uma das rúbricas da rádio, perceber o espaço público, espaço privado. (...) obviamente que a rádio vai colocar na mesa o tema da gentrificação” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

“O Seixo tem sempre uma exigência um pouquinho maior! Está sempre à espera que aconteça um conjunto de atividades. Algumas atividades foram interrompidas e a comunidade ficou privada durante este período de tempo (pandemia) (...) mas o impacto terá a ver com a participação. O impacto é positivo” (CLSCF, 21/04/2022, *online*).

Entendemos a definição de impacto conexa ao número de participantes ainda que a garantia da qualidade nas atividades seja salvaguardada e sobreponível ao indicador quantitativo. O impacto do projeto junto nos participantes é conjuntamente determinado pela inclusão com participação, tendente a uma mudança na ação construtiva, na medida em que são os participantes que validam as intervenções. A importância da participação é bem acolhida pela CN:

“A palavra-chave é a inclusão com participação. Temos muita inclusão de ‘mão beijada’ de índole caritativa, de subsídio, de ajudas múltiplas para determinados públicos-alvo (...). Aqui são os participantes que fazem o programa! Há descoberta de vocações, permite aos participantes fazerem coisas. Nesse âmbito específico, as pessoas têm a possibilidade de fazer aquilo que gostam e que ainda não fizeram por questões que têm a ver com a sua própria história, ou percurso de vida. Isso tudo aparece e existe, há a capacidade de se concentrarem num foco e progredir” (CN, 20/04/2022, *online*).

A afirmação supra esboça a mensurabilidade do impacto pela questão da participação, aproximando-se do entendimento do CLSCF, mas distancia-se da definição de impacto do CLB, “a desconstrução automática das diferenças”, idealizando uma fórmula automática para a inclusão:

“(...) no fim de tudo, o impacto geral seria, numa cidade como Beja, alcançar uma fórmula automática de inclusão. Seria algo como, as pessoas chegarem a Beja e sentirem que estão incluídas, porque a cidade passou por um processo de desconstrução automático das diferenças” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Ao ultimar a análise da Dimensão 5, importa referir a perceção sobre o alcance das metas e objetivos dos projetos à data da realização das entrevistas. Na apreciação do CLP, do CLB, do CLSCF e da CLOLM, os projetos estão a decorrer conforme o previsto no sentido da prossecução das ações previstas:

“(...) o projeto está a correr bem. (...) diria que estão a ser cumpridos os objetivos iniciais. (...) indicadores vêm das pessoas no decorrer do projeto, é algo mais orgânico. (...). Fundamental é a participação, a qualidade dessa participação e da perceção da avaliação que as pessoas fazem de forma mais orgânica e qualitativa até, mais subjetiva” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Salienta-se a perceção da CLRP, relativamente ao alcance de objetivos e metas do projeto Rádio Pavão, situada num percurso suspenso, pois, “Ainda tentamos perceber como fazer,

tem a ver com a estratégia. (...). Não temos capacidade de gerar conteúdos como gostaríamos” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

4.2.6. Prospetivas

Na Dimensão 6 Perspetivas Futuras os parâmetros considerados na análise da partilha da CN foram: perspetivas de continuidade do PBS; e, ponderação do reforço na criatividade/ cultura/ artes. Adaptados aos CL, os parâmetros inscritos foram: perspetivas de continuidade para além do PBS; viabilidade da sustentabilidade financeira do projeto; e, verificação do reforço na criatividade/ cultura/ artes. Aos P foi solicitada referência à avaliação de pontos fortes e fracos e as perspetivas de desenvolvimento do projeto em que estão envolvidos.

A intenção de perenizar o PBS e os projetos analisados foi unânime entre as nove pessoas entrevistadas. Na abordagem ao PBS, salienta-se o escopo da CN, “Poderá haver continuidade. O Governo anterior criou este programa experimental (...) a Ministra da Presidência (...) criou também, dentro do Plano de Recuperação e Resiliência, as Operações Integradas das Áreas Metropolitanas” (CN, 20/04/2022, *online*). A continuidade do PBS é uma hipótese tendo já ramificações inspiradas no programa, escaladas para projetos com uma intervenção mais alargada; apurámos também a viabilidade de um rumo possível que passa pela integração do PBS num estudo, sobre impactos e contributos dos projetos na perspetiva do cumprimento dos ODS, na partilha da CN, “(...) um caminho muito interessante porque nos permite fazer comparações entre projetos diferentes, tamanho e características diferentes, eixos diferentes, mas se tiverem como matriz comum os ODS, consegue-se perceber quais destes projetos contribuem para o quê, exatamente” (CN, 20/04/2022, *online*). Na interpelação aos CL, a totalidade das opiniões colhidas quanto à continuidade dos projetos analisados, para além do PBS, foi consensual:

“Claramente que é para continuar, já existia um trabalho antes no Centro Comunitário e a colaboração vai permanecer. (...) o maior apoio necessário, estava ligado ao arranque” (CLP, 12/04/2022, *online*);

“Estamos a trabalhar para a continuidade do projeto e a pensar como é que isso será possível” (CLB, 28/04/2022, *online*);

“Estamos a fazer tudo para aguentar este projeto que é feito para e pelas pessoas, há a possibilidade de este projeto ser agarrado por pessoas reais e não ser um serviço de reportagem a dizer que foi feito para as pessoas” (CLRP, 1/04/2022, Porto);

“(...) o projeto é um sucesso e é para continuar (...) queremos que algumas atividades sejam constantes, tenham uma periodicidade (...). Já nos pediram caminhadas comunitárias para todas as semanas!” (CLSCF, 21/04/2022, *online*);

“A expectativa é que o projeto tenha algum tipo de continuidade, provavelmente sem a mesma consistência que este financiamento permite, sem a mesma intensidade. (...) O arquivo esperamos que seja uma coisa que fique e que seja alimentado pelas pessoas, mesmo quando o projeto terminar” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

Já no que concerne à viabilidade propriamente dita, assevera-se como uma questão de fundo que pode comprometer a intenção da contiguidade de alguns projetos. Encontrámos perspectivas divergentes, indissociáveis da sustentabilidade financeira, nomeadamente, para o CLP e para o CLSCF, o investimento do apoio financeiro está alocado a infraestruturas concretizadas; na partilha do CLP, “(...) o estúdio multimédia está inserido no centro comunitário (...) ter o projeto como uma rampa e não ficar, apenas e só, por aqui (...) é para acrescentar, para tentar que este faça parte da comunidade, das atividades e dos interesses comunitários” (CLP, 12/04/2022, *online*), compreendemos que a questão financeira não é uma preocupação, logo a sustentabilidade do projeto não compromete a extensão do projeto; situado na mesma premissa, encontra-se o CLSCF, uma vez que o investimento em infraestruturas foi aplicado e os custos de manutenção são marginais, de acordo com o CLSCF, “essas condições vão ficar criadas (...) para a biblioteca comunitária a nossa ideia é criar uma bolsa de recursos humanos (...) custos, estes serão de desgaste pelo uso, eletricidade” (CLSCF, 21/04/2022, *online*). A sustentabilidade financeira pode ser uma preocupação, mas não impede a proatividade nem a procura ativa de novos parceiros, referindo-se a resiliência (Guerra & Figueredo, 2020) como característica dos artistas na promoção e disseminação do projeto:

“(...) estamos a trabalhar para conseguir apoios. (...) temos já apalavradas parcerias com as Juntas de Freguesia (...) o que seria uma grande ajuda (...). (...) isto conspirará para que a continuidade do BEJACOLHE seja viável. (...) nós também somos artistas e queremos continuar a desenvolver atividade, pelo que teremos de continuar a promover as nossas atividades no sentido da continuidade do projeto” (CLB, 28/04/2022, *online*).

Apreciação idêntica, na dificuldade de sustentabilidade e busca de alternativas para a partilha de recursos do projeto, é assumida pela CLOLM, “(...) questão financeira é uma dificuldade (...) há também uma forte rede de parcerias acreditamos que o Arquivo Digital possa ficar alojado e ficar a gestão sob a responsabilidade da entidade promotora ou outra entidade parceira e, dessa forma, possa ter continuidade” (CLOLM, 28/04/2022, *online*). Na perspectiva da CLRP, a sustentabilidade financeira é determinante para a contiguidade do projeto, segundo a CLRP, “estamos a tentar ser realistas, se não houver dinheiro não vamos

continuar” (CLRP, 1/04/2022, Porto), denota-se uma preocupação lamentada, dado o esforço reconhecido do PBS para uma efetiva intervenção social:

“Um programa com esta flexibilidade, para mim, espelha a vontade de intervenção social, política social bem feita, ou ‘tentativa de’. (...) Foi um esforço que valeu muito a pena até agora, mas chegamos a um ponto em que precisamos de ajuda. (...) Tem potencial social, político e o maior de todos o social porque pode ser feito por todos (...)” (CLRP, 1/04/2022, Porto).

Entendemos um esforço reconhecido para a intervenção social com resultados, mas carece de apoio financeiro para sobreviver. Sem embargo, identifica-se a mesma resiliência do CLB, na busca de soluções alternativas, segundo a CLRP, “vamos ver que tipo de resistências vamos ter a nível local e estamos em Lisboa, há muitas rádios. Vamos ver se estes projetos estão disponíveis para se juntar” (CLRP, 1/04/2022, Porto). Inferimos que a continuidade de alguns projetos depende da concretização de parcerias, da rentabilização de recursos, de lograr mais apoios financeiros, do autofinanciamento, num impulso para se solidificarem estratégias. Neste momento da nossa análise, importa passar de distopias práticas à auscultação das perspetivas de desenvolvimento, sob a visão dos participantes envolvidos nos projetos. A PB, destaca a valorização da cultura e da arte, particularizando a humanização e a sensibilidade mostradas para com os contextos das comunidades envolvidas:

“A arte é uma forma de as pessoas se sentirem representadas, uma forma de dizerem e sentirem ‘eu estou lá, eu faço parte, é nosso, é único’. Sinto que há uma valorização das próprias raízes culturais, da autoestima e da partilha. (...) estamos na Semana d’África, imagina isto tudo a acontecer aqui para um africano, é um orgulho enorme nós estarmos representados aqui, a mostrar o que somos nós, o que sabemos fazer, a partilhar algo que nos representa. Não somos o que as pessoas acham por parte da história que conheceram, ou que se mentalizaram. Há uma mudança nas relações entre as pessoas e de cada um consigo próprio!” (PB, 28/05/2022, Beja).

Da reflexão entendemos a profundidade do projeto enquanto estímulo à imaginação crítica em várias dimensões (indivíduo, comunidade e sociedade), no sentido da capacidade de problematizar processos e questionar a lógica binária dos pensamentos e emergente decolonialidade (Guerra, 2021). Ao perscrutar os pontos fortes e fracos dos projetos, a PRP aponta como negativo o fator tempo, demasiado curto para a implementação e execução do projeto Rádio Pavão; e, os contextos (território pautado pela turistificação e gentrificação; participantes marcados pelo PIC e perdas inerentes da identidade e do sentimento da pertença; pequenas comunidades desagregadas), segundo a PRP, “Ao nível

do programa já falei na questão do tempo e do projeto os contextos como pontos fracos” (PRP, 1/07/2022, Lisboa). É de notar a observação partilhada pelo PSCF, e a mesma referência ao tempo:

“Uma mensagem de reflexão (não é minha) de todos nós que participamos em projetos deste género e dos próprios financiadores: o tempo da integração e da inclusão é diferente do tempo dos projetos e não se compadece com o tempo dos projetos. Pensar que nove ou dez meses é o tempo suficiente para um projeto destes? Não é!” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Depreendemos uma advertência sobre o tempo das intervenções de índole social que requerem a observância de múltiplas dimensões e podem incorrer no descompasso da integração e da inclusão social. Acrescentando as resistências que limitam a Rádio Pavão, nas palavras da PRP, “A nível de bairro, infelizmente, será difícil, portanto, acho que o projeto vai ter de abrir a outras pessoas e outros bairros para acontecer(...) Podemos contribuir para algumas mudanças, mas não vamos mudar o contexto” (PRP, 1/07/2022, Lisboa), inferimos que a continuidade do projeto será difícil no mesmo território, dado o peso do contexto, contudo será viável se estender para outras comunidades.

No elenco das fragilidades do Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável, também se descrevem a morosidade no arranque do projeto, o contexto pandémico, a adesão da comunidade imigrante às intervenções ter ficado aquém das expectativas iniciais, na partilha do PSCF, “Os pontos fracos (...) a demora no arranque no projeto, no qual a questão do Covid também teve importância (...) a adesão dos imigrantes a algumas atividades ficou aquém do esperado”, por outro lado, “os pontos fortes são a adesão da comunidade, a participação de todos, a multiplicidade de iniciativas, sendo todas elas com um fim comum, a participação de todos os parceiros foi fundamental” (PSCF, 26/06/2022, Seixo), da afirmação do PSCF, concluímos que a participação da comunidade e o envolvimento dos parceiros foi uma resposta ao estímulo inscrito nas múltiplas iniciativas do projeto, tendo na inclusão social o denominador comum:

“(…) os imigrantes do ponto de vista da saúde não existiam, não tinham assistência. Foi através desta identificação que se organizou uma campanha de sensibilização com a distribuição de folhetos porta-a-porta e com o apoio do Centro de Partilha, onde são distribuídos bens alimentares, móveis e vestuário, que se foi fazendo a advertência para a vacinação, informando sobre a importância para a saúde deles e para a vida comunitária” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

As intervenções de cada projeto podem trazer vantagens colaterais sendo crucial para identificar lacunas na rede social de apoio aos públicos vulneráveis. A falta de assistência aos cuidados de saúde da comunidade imigrante foi detetada durante uma atividade e permitiu a sinalização, encaminhamento e registo dos beneficiários no SNS²⁸ um trabalho em cooperação possível devido ao envolvimento dos parceiros. No cômputo geral, assumimos que o PSCF emite uma avaliação positiva sobre o impacto do projeto, sobretudo tendo em conta a imaterialidade que caracteriza a proposta - uma ponderação atribuída como justificativa para um resultado tão satisfatório:

“Avaliando este projeto, acho que ele está extraordinário, sobretudo, porque é um projeto que não assenta em parte material (...). Há ideias para a inclusão que já sei serem bem acolhidas pelos imigrantes (...) tem de ser alimentado, tem de ter vida e para isso é importante darmos alguma continuidade na recolha de memórias e histórias, para termos um repositório cultural documentado (...). Há pessoas que são autênticas bibliotecas, repositórios de memórias dos quais gostaria que ficasse o testemunho, que deixassem as suas histórias de vida para o futuro (...) não há ninguém que tenha esse conhecimento, o saber fazer, o conhecimento de vida, pessoas marcantes da comunidade do Seixo. Este património imaterial morrerá com as pessoas se não ficar registado, documentado, vivenciado, experienciado no Sótão das Memórias” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

Colocando o ónus da continuidade do projeto nas mãos das pessoas, verifica-se a importância atribuída à ao arquivo na forma de ser e estar no mundo, da comunidade, para expandir a compreensão das práticas representativas da narrativa territorial. Na fuga à modernidade líquida, desperta a urgência para a preservação do património e das memórias do Seixo enquanto espelhos para ativar contributos à dinâmica social - chave para a inclusão social:

“A perceção da possibilidade da perda destas memórias e património ficou mais presente (...) de repente percebemos a urgência. O objetivo cultural que o Seixo tem é que este acervo, depositado em alguns dos seus habitantes, não morra com eles porque é uma chave para a inclusão social, para a integração das novas gerações, para a continuidade da identidade e do espírito que habita o Seixo, enquanto território que não se deixa imobilizar, enquanto terra de cultura, enquanto terra de esperança no futuro também, mas que vem do passado e que queremos que continue” (PSCF, 26/06/2022, Seixo).

A atribuição de sentido conferido pelo projeto, estribado em manter viva a cultura como um instrumento de partilha do conhecimento, ao serviço do indivíduo e da comunidade, com significado essencial na consolidação do sentimento de orgulho na pertença. Numa

²⁸ Sistema Nacional de Saúde

outra perspetiva, sobre os pontos fortes da Rádio Pavão, a PRP afirma, “têm a ver com a documentação que pode ser criada, uma espécie de base de dados em que se descreve o contexto, estratégias que se tentaram adotar, o que não resultou, o que este projeto diz sobre ferramentas necessárias para aplicar em projetos comunitários” (PRP, 1/07/2022, Lisboa), entendemos que a experiência no terreno permitiu obter o conhecimento necessário para a produção de documentação útil para projetos vindouros a implementar num território e comunidades singulares, aliada à possibilidade de definição de estratégias a implementar que possam influenciar a alteração de políticas públicas; e, também o contacto com outros projetos do PBS se revela uma mais-valia pela partilha de conhecimento e recursos, pois, segundo a PRP, “criar um vínculo para este bairro estar em contacto com outros bairros e com as possibilidades que existem para mais práticas comunitárias, perceber até contextos semelhantes, ter um diálogo e trocar ideias sobre problemas comuns entre bairros” (PRP, 1/07/2022, Lisboa). Na ponderação sobre o reforço da criatividade, cultura e artes, no âmbito dos projetos de inclusão social analisados, as analogias entre os CL são evidentes:

“A criatividade, a cultura e as artes saíam reforçadas, necessariamente” (CLP, 12/04/2022, *online*);

“A inclusão só pode ser feita com o indivíduo que experimenta, transmite e ainda se vai ouvir. (...) reforço que este projeto permitirá, na criatividade, na cultura e nas artes é no sentido de capacitar, se os habitantes quiserem, para descristalizar, para reverter o processo de algumas histórias e fazer histórias novas. Permitir que os habitantes façam histórias novas!” (CLRP, 1/04/2022, Porto);

“Sim! Acho que o projeto tem essa vertente e consequência positiva, pelo tempo em atividade que temos para proporcionar ações culturais e artísticas em várias frentes. O concerto acústico na Casa Gandaresa, o lançamento de um livro, e uma comemoração do 25 de abril, por exemplo, torna-se um espaço reforçador destas áreas” (CLSCF, 21/04/2022, *online*);

“(...) objetivamente falando, isso é possível. Pode ser uma semente para o futuro. (...) além do arquivo, os painéis pintados para o estádio será algo que vai ficar, não são efémeros e pode ser um ponto de partida para trabalhos semelhantes do ponto de vista artístico e das práticas comunitárias para desenvolvimento do território. (...) há potencial para o reforço!” (CLOLM, 28/04/2022, *online*).

A partir das afirmações supramencionadas, inferimos que o reforço da criatividade, na cultura e nas artes nos projetos analisados se assume como uma evidência como advogam

vários autores (Guerra & Figueredo, 2021; Sousa *et al.*, 2022, Guerra, 2022, Guerra & Fernandes, 2022), visto que os projetos congregam artefactos que ficarão na comunidade, as ações reproduzem-se como memória simbólica expressa nas práticas artísticas comunitárias e participativas, encaradas como uma “semente” plantada para um desenvolvimento futuro, ou a provocação de “estímulos” para outras práticas inclusivas. O instrumento de análise contempla, assim, um exercício final de reflexão, vertido em mecanismo retórico, sobre a verificação de um reforço na criatividade, na cultura e nas artes. Acolhemos a percepção:

“Vão ter de sair reforçadas e, sobretudo, abrem novas dimensões. A cultura está na vida para abrir novas dimensões e as questões que nós temos para vencer muitas vezes são, antes demais, questões culturais. A ignorância, o desconhecimento, a desinformação, levam a que as pessoas não valorizem aquilo que é um dos grandes recursos em termos nacionais que é a afirmação cultural portuguesa. Esta afirmação da cultura portuguesa transcende, largamente, a sua dimensão populacional. (...) costumo citar muitas vezes o Milan Kundera, ele diz que: ‘A cultura é uma luta da memória contra o esquecimento’ – é disto que precisamos, porque quem não tem memória não tem futuro” (CN, 20/04/2022, *online*).

Aferimos a legitimação do reforço da criatividade, da cultura, das artes com a implementação do PBS, bem como a importância da cultura, na vida de todos os dias, pela abertura de dimensões e horizontes para a resolução de múltiplas questões e a relevância da afirmação da cultura portuguesa enquanto recurso transcendental para a evolução do Homem.

Mediante o ensejo de realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa orientada para os métodos de investigação aplicados em ABR, a tessitura de resistências na análise de dados centra-se na complexidade dos fenómenos observados, no questionamento e na inquietude das incertezas. Investigar, com base nestes axiomas, permite assomar a uma diversidade de públicos e formas de expressão que nos emancipam de algumas condicionantes inerentes ao formalismo do texto científico, no qual o hibridismo da nossa abordagem qualitativa se inscreve. A abrangência de um estudo oferece, invariavelmente, limitações. No presente trabalho, identificamos como limitação a coleta de dados em dois momentos: na intermediação para chegar ao público sujeito que limitou a aproximação às percepções e sensações decorrentes das atividades dos participantes; no acesso aos planos de ação dos projetos para aferir a diversidade de propostas efetivamente realizadas, limitando a

4.3. O delineamento de uma síntese analítica

Figura 8 Nuvem de palavras



Os projetos PorTiArtista e BEJACOLHE – Cultura e Diversidade (exemplo Semana d’África, Fig. 9), propõem atividades orientadas para arte comunitária e participativa a partir da educação pela arte e performances, já os projetos Os Leixões das Memórias (Fig. 12), Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável (Fig. 11) e Rádio Pavão (Fig. 12) têm como pontos

focais a valorização, preservação e materialização das memórias nos territórios de intervenção.

Figura 9 Semana d'África no Projeto BEJACOLHE – Cultura e Diversidade



Fonte: da autora.

O CLP afirma que a comunidade requer uma abordagem sensível, dada a ancestralidade das raízes culturais da comunidade cigana; o CLB avalia Beja como um território desprovido de iniciativas inclusivas e ofertas culturais e artísticas; a CLRP intervém num território marcado pela gentrificação e turistificação; o CLSCF avalia o Seixo como dinâmico e permeável a iniciativas alternativas, onde a religião ocupa um papel central no processo de construção identitária, em particular na educação dos habitantes e do desenvolvimento do município; e, a CLOLM compreende que o contexto esmorecido e desmoralizado do Bairro dos Pescadores, carece de uma aproximação que transmita confiança e, ao mesmo tempo, seja estimulante, onde os parceiros ocupam um papel estruturante para a implementação do projeto.

Na identificação de características comuns, a Dimensão 1 responde: a reconexão entre indivíduos e comunidades para combater o isolamento, chamando à participação e socialização através de propostas criativas e construções coletivas; capacitar como forma de promover a autoestima e autonomia do indivíduo; fortalecer questões identitárias através de representatividade da memória social e do património cultural; harmonizar necessidades das comunidades e revitalização dos territórios tendo em vista o interesse

coletivo; considerar o contexto ou cenário das intervenções e a liberdade de escolha do indivíduo.

O desfasamento nos discursos é mais evidente em relação aos contextos e nas expressões usadas em relação à natureza dos processos de inclusão (Guerra, 2012), assim: o contexto idiossincrático em que decorre cada intervenção adquire um peso substancial nos discursos produzidos obrigando a uma adaptação na abordagem aos destinatários. Os elementos diferenciadores dos projetos centram-se nas abordagens, destacando-se as referências às sensações provocadas por manifestações artísticas e culturais, o peso atribuído ao espaço físico para o encontro e a humanização nos serviços e atividades como elementos fundamentais para a inclusão social (Quintela & Ferreira, 2018; Guerra & Figueredo, 2021).

Na Dimensão 2 analisamos a inclusão social, base sobre a qual se constitui o PBS, desde logo, pela elegibilidade dos projetos com tónica na vulnerabilidade territorial e pela natureza da função social das entidades promotoras. A diversidade incomum dos eixos de intervenção do PBS articula com soluções tendentes à inclusão social, um fenómeno multidimensional, multitemático e multisetorial que requer múltiplas soluções. Na articulação dos projetos com os eixos (social, saúde, económico, urbanístico, ambiental) descobriu-se ser um estímulo à criatividade ilimitada, profícua na procura de mecanismos de resposta para as problemáticas sociais que também decorrem por múltiplas circunstâncias e fatores. Perfazendo o pleno em todos os projetos analisados, o eixo social é aquele que mais importância adquire de Norte a Sul do território continental. Apesar do peso atribuído ao eixo social, todos os projetos percorrem o âmbito de ação daqueles a que se propuseram, adaptando-se às dinâmicas surgidas, designadamente, no que tange ao contexto pandémico; algumas atividades previstas, no âmbito da saúde, foram adaptadas devido à mitigação das medidas de contingência. A CLRP, o CLSCF e a CLOLM, salientam a importância do eixo económico como fator motivacional para a inclusão social, uma vez que são indissociáveis (Guerra & Zánko, 2019).

Os contributos e elementos distintivos, no sentido da inclusão, cruzam a essência dos projetos e cosmovisões dos interlocutores. Salienta-se a filosofia do PBS, que envolve a capacitação para a aquisição de habilidade e conhecimento que, aliada à componente participativa, se constituem como contributos para fortalecer a inclusão.

Quanto à discriminação por projeto: o CLP indica que a cartografia de possibilidades se configura na cocriação de outras realidades e o acesso às oportunidades é um diferencial, já que as propostas culturais e artísticas eram inexistentes; regista a necessidade de sensibilização na ação de propor e vigilância das idiosincrasias da comunidade (Guerra & Fernandes, 2022). A observância de questões culturais, no âmbito do direito à diferença, é algo basilar para a participação e inclusão, se tivermos em conta os referenciais culturais da comunidade do bairro que superam estes condicionamentos através da música e da dança.

O CLB e PB afirmam que todas as atividades têm na sua essência uma aproximação a outras culturas, o que reveste uma forma de inclusão social - assimilação da interculturalidade, pela partilha e aquisição de conhecimentos do Outro e de outras culturas. A referência ao encontro e ao espaço comum, é subliminar para a ocorrência de interações e conexões, espontâneas ou provocadas; atividades orientadas para promover a inclusão social através da cultura e das artes, como oficinas, teatro comunitário, ou apresentações públicas, são pontos focais do projeto, porque além de envolverem a capacitação e a descoberta de habilidades, são formas alternativas de expressão que permitem a comunicação – principal barreira encontrada no território de Beja. A interrelação da comunidade através de outras linguagens promove a inclusão pela aproximação, reflexão e experiência; a arte como linguagem comum una e unificadora.

As CLRP e PRP referem que o contributo do projeto consiste em dar voz aos habitantes do bairro numa dimensão mais profunda que ressoa na essência da interioridade do indivíduo pela possibilidade de se ouvir a si mesmo (exemplo Rádio Teatro, Fig. 10). Segundo a CLRP, a diferenciação encontra-se nas temáticas das emissões da Rádio Pavão no sentido de ultrapassar fronteiras delimitadas, sentir a cidade e extravasar a “contaminação do bairrismo” pela interação e discussão sobre identidade, diversidade das comunidades e território para além das políticas urbanas e narrativas de mercado que assolam o bairro, estigmatizado pela gentrificação e turistificação. Na partilha da PRP, são os momentos de encontro o maior contributo do projeto para a inclusão, que se revelam no diálogo e no confronto, emergindo a priorização do questionamento em torno de um objetivo comum, centrado na mobilização para a participação social. Também o pensamento reflexivo sobre a experiência de fruir a partir de provocações estéticas, envolve a troca de interpretações,

a partilha de conceitos, a ampliação de perspetivas, e a descoberta de outras possibilidades de sentir, no sentido da reconstrução coletiva das memórias do bairro.

Figura 10 Rádio Teatro no Projeto Rádio Pavão



Fonte: da autora.

Os CLSCF e PSCF apontam o trabalho articulado nas atividades que percorrem todos os eixos de intervenção como contributo para a inclusão social; e, a dinamização com participação como desafio para que o território do Seixo seja feliz, inclusivo, saudável e sustentável também (exemplo *Trail Terras da Gândara Seixo - Mira*, Fig. 11). Como elementos diferenciadores apontam-se a aproximação entre os participantes nos momentos de encontro para o convívio, sobretudo através do desporto e, as medidas específicas para a inclusão social da comunidade imigrante, entre as quais, a constituição de um espaço para o acolhimento no sentido de aferir carências imediatas e auxílio no encaminhamento para a legalização e integração profissional com capacitação. Outro elemento diferenciador do projeto é a perceção consciente das necessidades dos públicos mais vulneráveis, designadamente, a necessidade de uma aproximação e humanização nos serviços para mitigar as barreiras na comunicação, a aprendizagem da língua como essencial para a comunicação e a capacitação para empregabilidade - um instrumento fundamental para o empoderamento da comunidade imigrante.

A CLOLM aponta que a diferenciação se faz através da aproximação à valorização das histórias e das memórias das pessoas com ligação ao Bairro dos Pescadores e de reconhecer

e representar através das artes e da cultura, uma vez que todas as atividades do projeto envolvem estas práticas.

Figura 11 *Trail Terras da Gândara Seixo – Mira no Projeto Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável*



Fonte: da autora.

Na Dimensão 3 concluímos que a cultura e artes são veículos promotores da inclusão social, uma vez que pressupõem o desenvolvimento de outras dimensões no indivíduo e a neurodiversidade, que se manifestam no quotidiano consigo mesmo e com o Outro, reproduzindo formas de realização profunda do Homem. A autoestima e o empoderamento são elementos essenciais para incluir. Foram identificados diversos fatores-chave para inclusão social via cultura e artes: a aproximação aos beneficiários síncrona com a argumentação conduzida nos processos criativos, ressoando na liberdade de escolha; a aproximação da comunidade pela promoção do encontro, redimensionando o respeito pela diversidade, individualidade e liberdade do indivíduo, através de convocações baseadas em propostas criativas, numa dinâmica de capacitação. Também identificamos a importância atribuída ao espaço e ao tempo para a pluralidade de vozes como fatores de inclusão social, na legitimação de um lugar de fala de memórias, identidade e património cultural, na sua íntima relação, partilhada de forma orgânica. A abordagem participativa nos processos de criação e o tempo para testemunhar os processos criativos dos artistas permite a meditação dinâmica, a conscientização de outras vozes para além dos territórios delimitados, a mundividência e a flexibilidade para “estar entre” propiciando à interação e socialização.

Encontramos algumas especificidades nos depoimentos, designadamente, gratuidade no acesso à cultura e às artes como fator-chave para incluir públicos mais desfavorecidos foi (evidenciada pelo CLB) e o reconhecimento do uso da criatividade na promoção do acesso à cultura enquanto elemento central para a problemática da inclusão, um duplo fortalecimento pela oportunidade criada no acesso a experiências e na própria coesão social. A componente simbólico-afetiva de um espaço comum pode perenizar uma comunidade com a ampliação das interações, experiências e acesso a manifestações artísticas ou culturais (referida pelo CLSCF), para além da marca simbólica com assumido significado nos referenciais identitários, preconizando a relação do território com a criatividade, a cultura as artes no sentido da inclusão social, observamos a apropriação da casa como caleidoscópio - ponto de apoio ao imigrante, ponto de encontro para atividades criativas artísticas e culturais, porto de articulação de diversos modelos colaborativos que vinculam as relações sociais da comunidade. Outro veículo para a inclusão é a envolvimento no apelo à participação e criação, sustentado pela CLOM, com fundamento na cultura e nas artes como catalisadores de emoções e sensações que presidem o êxito de várias experiências sociais pela multiplicidade de dimensões que alcançam no indivíduo, na comunidade e na sociedade (exemplo da Exposição Álbuns de Família, Fig. 12), viabilizando um sentido à ação

Figura 12 Exposição Álbuns de Família no Projeto Os Leixões das Memórias



Fonte: da autora.

A ênfase no contributo da cultura e das artes é demonstrada na metáfora da abertura do portal para a inclusão social de forma orgânica, justificada no trabalho para a comunidade que tem na base do seu desenvolvimento um conhecimento profundo dos fios que a tecem,

sendo indispensável uma abordagem antropológica e um profundo conhecimento das representações do imaginário, das histórias e memórias dos indivíduos e da comunidade (Wang *et al.*, 2017).

Na esteira da substancialidade da cultura e das artes, enquanto ferramentas indispensáveis para a inclusão social, as inferências resultam numa afirmação positiva. As experiências têm a capacidade de moldar a própria identidade, sobretudo em projetos artísticos que envolvem pedagogia, funcionando como estímulos que alteram em profundidade o indivíduo na compreensão do mundo, no encontro das respostas para inquietações, na criação e construção coletiva do saber, ser e estar. A abordagem diferenciadora dos projetos é um instrumento facilitador da inclusão, traduzida na facilidade em estabelecer relações interpessoais, em comunicar e transmitir conhecimento. Além disso, criam-se espaços para abraçar uma diversidade maior interativamente, com resultado na transmutação de uma experiência individual para social. Particularizamos a percepção do CLSCF que, apesar da relevância atribuída à cultura e às artes no projeto, a opinião diverge em relação a todos os entrevistados, dado que refuta a essencialidade da cultura e das artes para a inclusão social, complementando que são ferramentas muito importantes sem as quais não existe uma integração plena, mas não indispensáveis no processo de inclusão social.

Relativamente às evidências percebidas através das manifestações artísticas e culturais, os participantes referem a experiência no transporte de sensações conducentes à união e criação espontânea de ligações livres e identitárias. Inferimos a evasão provocada da arte emancipadora como contributo para a inclusão social, que respalda na diminuição dos obstáculos à comunicação e expressão emocional. Outra especificidade identificada sobre a cultura e as artes como veículos para incluir foi a necessidade de derrubar a barreira do preconceito em relação às artes, padronizada em algumas gerações. Contudo, verifica-se durante a experimentação de atividades a mudança com um impacto visível na felicidade dos participantes.

Concluimos assim, que os processos criativos, nas práticas artísticas e culturais, envolvem instrumentos que são estímulos para os fluxos de imaginação, para a associação livre a recursos simbólicos, para o transporte e transcendência de emoções nem sempre conscientes (Diederichsen, 2019). As experiências coletivas com uma finalidade comum conduzem a uma sintonia harmónica entre participantes, com evidências na transformação

do indivíduo e das comunidades via cultura e artes, com reconhecimento na mudança da participação, construção de conexões sociais e reabilitação da socialização. Opinião divergente é proferida pelo PSCF, fundamentada na assincronia entre o tempo de duração do projeto com o tempo para a inclusão social, no sentido de solidificar mecanismos de resposta a problemas sociais; não obstante, sustenta evidências na participação e na mudança, visíveis ao nível da comunicação e da socialização, fundamentadas na percepção de ligações criadas, da sintonia com o Outro, e da integração em grupos.

Na aferição de evidências decorrentes de manifestações culturais e artísticas aponta-se o envolvimento com comunidades externas aos projetos, denunciando o impacto das ações na construção de conexões sociais e na socialização para além das comunidades dos territórios de intervenção. Posicionamentos relativamente à transformação efetiva da realidade social do indivíduo e da comunidade com demonstrações específicas da mudança (ao nível intrapessoal, interpessoal, comunitário, institucional) ainda são prematuras para o CLP e CLOM. Por outro lado, o CLB destaca a criação de oportunidades e novas perspetivas quanto ao futuro como cenários possíveis para os participantes, com visibilidade no empoderamento manifestado em apresentações públicas e subsequente melhoria da autoestima e da autonomia do indivíduo; expressões multiculturais e artísticas em *performances* criativas aproximam os participantes das suas raízes e tradições culturais, entendidas como forma de valorização e de elevação do orgulho na pertença, além do voluntarismo da comunidade para colaborar e integrar atividades que já deu lugar à criação de uma base de dados, útil para intervenções sociais futuras. A CLOLM, aponta as evidências do impacto da cultura e das artes com enfoque na geração de novas perspetivas sobre o futuro e na criação de novas oportunidades, demonstrada na motivação diária para uma ocupação – reorganização do dia-a-dia. Outras evidências mais específicas resultam das entrevistas aos habitantes do bairro, que funcionam como repositório da informação e reflexo dos resultados extraídos das atividades do projeto, que respaldam na produção de um documentário comunitário; na construção de painéis artísticos comunitários; nos álbuns de famílias de pescadores; na seleção de matérias para o Arquivo Digital Leixões de Memórias; entre outras ações, das quais destaca o *podcast* com base no *story telling* dos aficionados - atividade com maior visibilidade e notoriedade no momento.

Na Dimensão 4 verificamos a relação entre a inclusão social e as boas práticas aplicadas nas intervenções. O resultado da criatividade ilimitada é demonstrado na promoção do encontro do indivíduo e da comunidade com os seus referenciais, desencadeando o orgulho na pertença, por nós inferido como boa prática inclusiva. Manifestações artísticas e culturais viabilizam outras vozes interpretativas e potenciam outros modos de ação, pela valorização cultural em linguagens artísticas e abordagens estéticas representativas da identidade dos participantes dos projetos. A atribuição de valor e a materialização dos hábitos, recordações e memórias dos públicos vulneráveis representam boas práticas pela representatividade e fortalecimento da identidade (Rodrigues, 2017), da mesma forma, a valorização das questões culturais e idiossincráticas são entendidas como boas práticas inclusivas. Partir para a ação com base nos gostos e interesses das comunidades para quem se destinam e ir ao encontro dos gostos pessoais dos beneficiários permite a identificação ou sentido nas atividades para a mudança, na ressignificação de conceitos sem condicionar os participantes. Assim, concluímos que a disseminação dos projetos sociais ancorados na criatividade na cultura e nas artes é essencial para a mudança, mas será mais fecunda se partir de um diagnóstico de interesses e verificação de necessidades da comunidade. Salientamos a advertência da CLOLM sobre as formas de divulgação das iniciativas, devendo ser empreendidas com transparência nos objetivos e com recurso a canais de comunicação adaptados ao público que se pretende atingir. A transparência é também salientada pela CLRP, mas no âmbito do PBS enquanto referência a uma boa prática orientada para o cumprimento de objetivos e não obrigações (Guerra & Fernandes, 2022).

A importância das parcerias, intrínsecas ao PBS, é referida por todos os CL dada a influência para o cumprimento dos objetivos, metas e missão de cada projeto analisado. Para a CN, o trabalho em rede possibilita, a partir de diferentes perceções e referenciais heterogéneos, resultados baseados numa procura acurada de soluções e na construção coletiva de respostas a problemas sociais. O trabalho colaborativo como mais profícuo para encontrar respostas face a problemas sociais, multidimensionais, abordando a importância dos órgãos de poder local, movimentos associativos e de voluntariado enquanto estímulos à participação e criação coletiva. As ações com foco na criatividade, na cultura e nas artes são enaltecidas como mais frutíferas porque esta tríade tem a capacidade de afirmação perante as resistências e impõe-se na dinamização das sociedades e animação dos territórios;

emancipam e permitem que das vivências se extraia um sentido. As parcerias configuram, indubitavelmente, uma boa prática inclusiva, sendo destacadas as parcerias construtivas que assumem a mesma missão na partilha de recursos, responsabilidades e na resiliência necessária para promover a inclusão social, dada a essencialidade da humanização no apoio prestado aos públicos vulneráveis – para responder às necessidades mais prementes, para perceber carências de índole pessoal provendo o afeto e dedicando tempo para auscultar as dores do Outro.

Na análise das boas práticas inclusivas sob a perspectiva da sua disseminação para a mudança no tecido social e potencial de replicabilidade, destaque para opinião da CLRP, que considera a mudança com ritmo próprio e a disseminação de iniciativas deve percorrer um trajeto realista mediante a possibilidade de escolha nas experiências e interações propostas, reconhecendo o potencial de exemplaridade no projeto para ser replicado em outros contextos. Outro prisma é alavancado pela lente do CLB, sugerindo que a disseminação do projeto pode provocar uma mudança no tecido social por que se está a criar uma “ponte” de união entre as comunidades que favorece a inclusão social, sendo esta a fórmula encontrada para mitigar os desafios da inclusão social; o potencial de exemplaridade encontrado no projeto antevê a capacidade das pessoas para a mudança que, legitimada na união dos artistas, se expressa na procura constante de soluções e respostas eficazes para os problemas que se apresentam. A concordância do CLP é absoluta no reconhecimento do potencial do projeto para a mudança social, apontando o desporto e artes como fundamentais para a orientação de percursos de vida e de mudança de mentalidades; já o CLSCF, reconhece o potencial de exemplaridade do projeto pela eficácia possibilitada pelo apoio financeiro que permite uma maior plasticidade e criatividade nas ações, bem como a eficiência na mitigação dos desafios da inclusão social no despertar de consciências, na mudança de paradigmas instituídos, na legitimação de boas práticas inclusivas e na capacitação dos participantes. Concretizando a plenitude da afirmação na capacidade de replicabilidade dos projetos analisados no âmbito do PBS, a CLOLM considera que o projeto reveste potencial para ser replicável em outros contextos, dependendo da caracterização da matriz identitária dos territórios para mitigar os desafios da inclusão social.

Na Dimensão 5 aferimos o impacto e sustentabilidade dos projetos. Na referência aos indicadores de impacto há unanimidade entre os CL, relativa à preponderância atribuída à

qualidade da mudança ao invés da quantidade, tal significa que, não obstante o CLB, CLSCF e CLOLM refiram que as percepções também são baseadas no número de participantes, o critério da mensurabilidade não é o que define o impacto dos projetos. Analisamos o impacto do PBS na sustentabilidade dos projetos, uma preocupação assumida pela CN, causada pelos recursos humanos alocados. Contudo, tem constatado que muitos projetos encontram alternativas para a sua subsistência nos territórios, quer através da procura de parceiros, quer pela dinamização da economia local e social - um elemento diferenciador para a inclusão social dos participantes pelo impulsionar da criação.

No âmbito da percepção sobre as políticas para obtenção de financiamento de projetos enquanto alternativas para impactar o setor das ICC, encontramos unanimidade nas opiniões colhidas, no sentido de que estas possibilitam maior equidade no setor e configuram uma vantagem enquanto via alternativa para a criatividade, cultura e artes. Destacamos as opiniões do CLP, que compreende os projetos colaborativos e as políticas para a obtenção de financiamento no âmbito das ICC, enquanto tendência e, como tal, mostram valorização pelo reconhecimento da criatividade em projetos que envolvem a cultura e as artes, evidenciando a dignificação da arte; e, do CLSCF, cuja similaridade no posicionamento é evidente, considerando a tendência uma importante via alternativa para o incremento da criatividade na cultura e nas artes, referindo como exemplo o *Cultura em Rede* que foi fundamental para a promoção da equidade em territórios de menor dimensão e uma via alternativa para conseguir gerar uma plataforma de contacto com a cultura e as artes, fundamentais para a vitalidade dos municípios e para o desenvolvimento de estratégias de integração social. Na mesma senda, o CLB assevera que as políticas para o apoio ao financiamento de projetos podem ser uma via alternativa para a criatividade, a cultura e as artes, mas também podem acrescentar mais aos cidadãos como ferramentas de apoio à concretização de projetos sociais, pois conseguem chegar a públicos vulneráveis, habitualmente sem acesso a oportunidades e escolhas, comumente concretizadas por organizações da sociedade civil, substituindo-se às funções do Estado, na tentativa de robustecer, mutuamente, a inclusão social e a criatividade, a cultura e as artes.

Enfatizamos o parecer da CN, que refere a carência e a vulnerabilidade como catalisadores da mudança esclarecendo que o impacto do PBS não tem a pretensão de mudar o tecido social, mas dinamizar iniciativas que visam alterar as más condições de vida, promovendo o

bem-estar social, ou seja, provocar estímulos na experimentação de alternativas possíveis, ou abrir o portal para outros cenários e realidades, porque a descoberta de capacidades e potencialidades, no indivíduo e na comunidade, resulta no empoderamento que é fator de inclusão social.

No ponto de vista da CLRP e do CLSCF, as percepções sobre o impacto e mudança estão conexas aos contextos dos territórios e enraizadas nas crenças dos participantes. Assim, para a CLRP, o PBS tem um impacto real, uma vez que projeto decorre num espaço profícuo em questões idiossincráticas e a definição de impacto passa por conseguir debater questões de forma aberta através da rádio numa articulação triangular de interesses (cidadãos, bairro, cidade); a mudança esperada com o projeto é que os destinatários sejam mais interventivos desfrutando da liberdade que a possibilidade de escolha propicia e se traduz no bem-estar quotidiano, compreende também a função da criatividade, da cultura e das artes como um auxílio na desconstrução de processos destrutivos, aceitando o passado, vivenciando o presente na sua plenitude que passa por problematizar e debater as questões sociais, as relações com o espaço público, ou que realmente importa para que as pessoas do bairro adquiram a capacidade de produzir novas sínteses.

Na Dimensão 6 aferimos as prospetivas. A intenção de perenizar, quer o PBS, quer os projetos foi unânime entre as nove pessoas entrevistadas. Na abordagem ao PBS, a CN assume a continuidade como uma hipótese, uma vez que há ramificações, inspiradas no programa e escaladas para projetos com uma intervenção mais alargada (Operações Integradas nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto); apurámos também a viabilidade de um rumo possível que passa pela integração do PBS num estudo, sobre impactos e contributos dos projetos na perspetiva do cumprimento dos ODS. Na interpelação aos CL, a intenção de continuidade dos projetos a que estão agregados é consensual, na totalidade de opiniões colhidas. No entanto, a viabilidade alavancada à sustentabilidade financeira assevera-se como uma questão de fundo que pode comprometer alguns projetos. Encontrámos perspetivas divergentes: para o CLP e para o CLSCF o investimento do apoio financeiro está alocado a infraestruturas já concretizadas, logo, a questão financeira não compromete a extensão dos projetos; o CLB assume alguma preocupação na sustentabilidade financeira, mas não impede a procura ativa de novos parceiros, referindo a resiliência como uma característica dos artistas, fundamental para a promoção e

disseminação do projeto; a CLOLM também manifesta apreensão na sustentabilidade financeira do projeto, mas assegura que se manterá vivo através do arquivo digital e tem alternativas pensadas, assentes na partilha de recursos, para manter a dinâmica; e, para a CLRP, a questão financeira é determinante para a contiguidade do projeto porque carece de apoios para ser sustentável, tal depende do impulso para solidificar estratégias, designadamente, da concretização de parcerias, da rentabilização de recursos, de lograr mais apoios financeiros e do autofinanciamento. Note-se que a possibilidade de suspensão da Rádio Pavão é uma preocupação lamentada dado o reconhecimento do PBS para uma efetiva intervenção social.

Sob a lente dos participantes, auscultamos as perspetivas de desenvolvimento dos projetos em que estão envolvidos. Na perspetiva positivista da PB destaca-se a valorização da cultura e da arte, particularizando a humanização e a sensibilidade mostradas para com os contextos das comunidades envolvidas; desta representação reflexiva, entendemos o projeto enquanto estímulo à imaginação crítica em várias dimensões (indivíduo, comunidade e sociedade), no aprofundamento da capacidade em problematizar processos e questionar a lógica binária dos pensamentos e emergente decolonialidade. A PRP aponta como negativo o fator tempo, demasiado curto para a implementação e execução do projeto, bem como os contextos (território pautado pela turistificação e gentrificação, participantes marcados pelo PIC e inerente perda de identidade e sentimento da pertença e comunidades desagregadas emergentes), pelo que a continuidade do projeto aparenta ser difícil, contudo, cogita-se a viabilidade de extensão para outras comunidades; a experiência no terreno permitiu a produção de documentação útil para projetos vindouros a implementar num território e comunidades singulares, aliada à possibilidade de definição de estratégias a implementar que possam influenciar a alteração de políticas públicas; e, também o contacto com outros projetos do PBS se revela uma mais-valia pela partilha de conhecimento e recursos.

Detetamos a mesma referência ao tempo pelo PSCF, para quem as intervenções de índole social requerem a observância de múltiplas dimensões e podem incorrer num descompasso para a integração e inclusão social, referindo também o contexto pandémico e o facto de a adesão da comunidade imigrante ter ficado aquém das expetativas iniciais como pontos negativos, aos quais se sobrepõem os pontos positivos, designadamente, a participação da

comunidade e o envolvimento dos parceiros como evidências na resposta ao estímulo inscrito nas múltiplas iniciativas do projeto. O PSCF aponta ainda que o projeto trouxe vantagens colaterais e cruciais para identificar lacunas na rede social de apoio, pela falta de assistência nos cuidados de saúde dos imigrantes, permitindo a sinalização, encaminhamento e registo dos beneficiários no SNS. No cômputo é uma avaliação positiva sobre o impacto do projeto, sobretudo tendo em conta a imaterialidade que caracteriza a proposta; na fuga à modernidade líquida, manifesta a urgência para a preservação do património e das memórias do território para ativar contributos à dinâmica social, estribados em manter viva a cultura, um instrumento de partilha do conhecimento colocado ao serviço do indivíduo e da comunidade, com significado essencial na consolidação do sentimento de orgulho na pertença.

O instrumento de análise contempla um exercício final de reflexão, vertido em mecanismo retórico, sobre a verificação de um reforço na criatividade, na cultura e nas artes. Da CN percebemos a legitimação do reforço da criatividade, da cultura, das artes com a implementação do PBS, bem como a importância da cultura, na vida de todos os dias, pela abertura de dimensões e horizontes para a resolução de múltiplas questões e a relevância da afirmação da cultura portuguesa enquanto recurso transcendental para a evolução do Homem. Na ponderação sobre o reforço da criatividade, cultura e artes, as percepções entre os CL são idênticas e todas positivas, assumindo-se como uma evidência, visto que os projetos congregam artefactos que ficarão na comunidade, as ações reproduzem-se como memória simbólica expressa nas práticas artísticas comunitárias e participativas, encaradas como uma “semente” plantada para um desenvolvimento futuro, ou a provocação de “estímulos” para outras práticas inclusivas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visita a matriz da criatividade ilimitada, uma âncora simbólica para o cruzamento das manifestações da imaginação com a necessária resistência de intervenções sociais, em concretizações coletivas de transformação. A partir do PBS, acompanhamos outras mobilidades em territórios heterogêneos, narrativas redesenhadas e referências fluídas, numa abordagem híbrida que aspirou compreender a diversidade do impacto da cultura e das artes na práxis inclusiva de cinco projetos.

A abordagem teórica ao primeiro vetor de investigação resulta num repositório do fenómeno da inclusão social como efeito reflexo da exclusão social - plural, multitemática e multissetorial, cuja mitigação passa por iniciativas em prol da realização de atividades valorizadas pelas próprias pessoas, enquanto atores participantes numa comunidade e pelo provimento de recursos. Perante as idiosincrasias da exclusão, frequentemente associada à pobreza, Almeida (1993, p. 829) sugere a imersão nas causas, manifestações e incidências espaciais, procurando-se também identificar os grupos sociais mais ameaçados para chegarmos ao âmago da inclusão, cumulativamente, Guerra (2012) defende que a inclusão social perpassa pela aceitação da diferença em várias dimensões do indivíduo, o que implica o desenvolvimento humano, dependendo dos talentos, das competências, das capacidades, das escolhas na vida comunitária.

Apreendemos que a inclusão social se movimenta numa hélice dupla: constitui-se a partir da capacitação das pessoas e da criação de oportunidades nos sistemas e instituições sociais, tendo implícitas a equidade e a mudança, designadamente, a diferenciação positiva, a igualdade de oportunidades e condições de acesso (Capucha, 2010); e, pressupõe a inovação, a abertura e a imaginação, porque o mundo vive em e da crescente mudança, causa e resultado de realidades mais plurais e impermanentes, individuais e coletivas, que tendem à (des)construção e (co)criação de processos. A mudança opera a transformação do indivíduo e da sociedade, Xavier (2016, p.59) denomina “viagem do sujeito” da qual se depreende uma aptidão autorreflexiva e crítica numa transitoriedade apelativa a uma conscientização para novas abordagens e personalização de recursos (Guerra, 2021, 2022).

No segundo vetor da pesquisa adentramos no universo criativo de iniciativas providas da diversidade de linguagens e públicos, com recurso à experimentação de abordagens

artístico-culturais e socioeducativas diferenciadas com um denominador comum - inclusão social. Em teoria e na prática, aludimos a casos concretos para identificar os fluxos que norteiam estas inter-relações. No desdobramento dos mecanismos culturais e artísticos, acurados como subsídio para ressignificar tecidos sociais vulneráveis, percebemos que o impacto dos projetos sobre a cena pública pode vir da relação entre a autorrepresentação e a capacidade de ação. Partindo de Sovik (2014) o sentido social mais profundo dos projetos sociais advém da autoestima e empoderamento adquiridos, condição necessária para os grupos vulneráveis reconhecerem a própria capacidade na liberdade de agir para mudar as relações sociais.

A tendência atual para a reciclagem da função social em práticas colaborativas ou participativas e fomento de parcerias no trabalho em rede, num contexto em que a inclusão social é um dos ODS e o Estado-providência promove intervenções partilhadas na lógica de programas e projetos, desvela contingências na politização de iniciativas. A esta emergência, acrescem outros desafios que assombram a implementação de projetos inclusivos com essencialidade na cultura e nas artes: idealismo versus ceticismo. No equilíbrio entre empiria e as condições sociais das existências, os projetos referenciados demonstram que atividades como o T.O. contribuem para a construção de pontes sociais, desconstrução de preconceitos e configuram uma oportunidade para transformar a realidade social (Martins & Lucio-Villegas, 2014). Perante a perspectiva da instrumentalização da cultura e das artes enquanto alçada dos poderes públicos, entendemos que o impacto demonstrado dos projetos elencados é sobreponível, uma vez que a possibilidade de acesso dos públicos vulneráveis à fruição de expressões artísticas e culturais é, em si mesma, instrumento de inclusão social. Por outro lado, há também a vertente do fortalecimento mútuo dos setores, pelo estímulo à criação e valorização dos *inputs* artísticos e da própria dinamização da economia criativa e social, num fluxo de interações que eleva o escopo de resultados. Azevedo (2017) assevera que a interpretação do resultado do ofício de atores e criadores nas expressões culturais e artísticas com vista à inclusão permite observar o relevo dos percursos individuais, na relação direta e constante com essas práticas (Guerra & Figueredo, 2021).

No âmbito do estudo de caso PBS, o terceiro vetor da investigação, analisamos projetos com impacto na dinamização da cultura e das artes no combate à exclusão social. A abordagem

qualitativa e exploratória, sustentada na *arts-based research*, conduziu a uma sistematização da análise por seis dimensões, um instrumento de pesquisa de especificação do que é distintivo nos fenómenos observados (Alexander, 1987; Archer, 1995; Berthelot, 2001). No instrumento analítico entrelaçamos os testemunhos dos protagonistas com as inferências da pesquisa; o resultado esboça na resposta à questão de partida: De que forma os projetos sociais ancorados na criatividade, através da cultura e das artes, têm contribuído para a inclusão social das comunidades desfavorecidas?

A primeira forma assenta na predisposição para fazer com um propósito, construir para – com – entre pessoas e comunidades vulneráveis. A inclusão social é a base de justificação e missão última comum a todos os projetos analisados, construídos na emergência de sanar as vulnerabilidades expandidas pela pandemia Covid-19, tal como o PBS, ou reestruturados para combater o agravamento do isolamento social, a primeira característica comum. O contributo é a premissa fundacional. Como critério de elegibilidade, o PBS tem a vulnerabilidade dos territórios e a natureza social das funções das entidades promotoras envolvidas; os projetos ancorados constituíram-se a partir de diagnósticos de necessidades, formais ou informais, o que significa dar respostas segmentadas para carências efetivamente detetadas, a segunda característica comum.

Outra forma de subsídio é a diversidade incomum dos eixos de intervenção do PBS. A articulação dos projetos com os eixos, com e face à inclusão social, revelou-se um estímulo à criatividade ilimitada, profícua na procura de mecanismos de resposta para as problemáticas sociais que também decorrem por múltiplas circunstâncias e fatores. O eixo social colheu a unanimidade naquele que mais importância adquire de Norte a Sul do território continental, seguido do eixo económico através do qual se buscam formas de revitalizar a economia social e criativa local com artefactos produzidos em atividades, revestidos de representações com significado, ou na recuperação de tradições artísticas e culturais. A diferenciação nas expressões de luta e resistência, pelo carácter marcadamente contextual nas formas como se interpretam os problemas e como sentem, imaginam e concretizam soluções, são evidenciadas por Boaventura & Cunha (2022), pela construção de conhecimentos para pensar e fazer diferente, a partir da ação e reflexão de ativistas, intelectuais, povos e territórios, na fundação de uma economia de bem-viver que não desperdice este tipo de experiências.

Outro contributo é a alfabetização para outras visões, com formas alternativas de propor estímulos à criação e participação. Ações diferenciadoras, orientadas para arte comunitária e participativa, pressupõem o encontro a partir de aprendizagens, materializações ou performances e constituem-se como dinâmicas que promovem interações, conexões que reabilitam a socialização e a descoberta de talentos, tendentes à autonomia do indivíduo (Diederichsen, 2019). Ações diferenciadas que têm como pontos focais a valorização, preservação e materialização das memórias nos territórios, respaldam o esforço para alterar a liquidez identitária de alguns contextos, no reforço da autoestima e do sentimento de orgulho na pertença, essenciais para a inclusão social e cidadania cultural que Chauí (1995) traduz na afirmação dos direitos de acesso e fruição de bens culturais e informação, direito à criação cultural e ao reconhecimento do sujeito como criador da sua história pela ampliação do sentido de cultura e o direito à participação nas decisões públicas sobre a cultura.

Criar oportunidades e abrir o portal das possibilidades está na filosofia do PBS, envolvendo a capacitação para a aquisição de habilidades e conhecimento, que aliada à componente participativa, fortalece a inclusão social, impactada através da cultura e das artes. A criatividade cruza a essência dos projetos que respalda nas cosmovisões plurais dos protagonistas dos projetos. Considerando a pertinência da qualidade e volume de material colhido na investigação, sintetizamos algumas especificidades observadas no terreno intercaladas com análise para uma melhor visualização da diversidade de percepções.

No PorTiArtista a cartografia de possibilidades permite cocriar outras realidades e o acesso às oportunidades é um diferencial, pela inexistência de propostas culturais e artísticas. A sensibilidade na aproximação às referências culturais da etnia cigana e a vigilância das idiosincrasias são condicionamentos superados através da música e da dança na autorrepresentação. Fiamoncini e Galli (2006, p.1) defendem que o fenómeno da dança leva o homem a transcender sua identidade, pois a sua relação com o corpo e movimento cria um ciclo de complexidades humanas que desafia questões lógicas; citando Marx, “Só a Música desperta no homem o senso da música” (Marx *in* Hall, 2003, p. 123 *in* Sovik, 2014, p. 178) percebemos que a expressão através da música vem da experiência, no devir de sentir.

No BEJACOLHE – Cultura e Diversidade as atividades têm na sua essência uma aproximação à interculturalidade para incluir. A referência ao encontro multicultural é subliminar para a ocorrência de interações e conexões - espontâneas ou provocadas. As atividades são pontos focais que envolvem a capacitação e a descoberta de habilidades através de outras linguagens, promotoras da inclusão, porque a barreira da língua é ultrapassada - a arte é entendida como linguagem comum una e unificadora. Para Monteiro (1996, p. 294) há nas práticas artísticas uma parte de liberdade ou libertação que se joga no confronto da não coincidência, entre o sentido determinado e o imaginário informe, e no próprio trabalho de experimentação com as linguagens. A abordagem participativa e o testemunho dos processos criativos dos artistas permitem a meditação dinâmica, a conscientização de outras vozes para além dos territórios delimitados, a mundividência e a flexibilidade, aliadas à gratuidade no acesso à cultura e às artes, são essenciais para incluir públicos mais desfavorecidos.

Dar voz aos habitantes do Bairro do Castelo é a prática inclusiva da Rádio Pavão, numa dimensão profunda que ressoa na essência da interioridade do indivíduo, pela possibilidade de se ouvir a si mesmo através das emissões. Refletir e discutir sobre a apropriação do território e identidade é um desafio que pressupõe uma exploração aprofundada sobre a dimensão simbólica, artística e cultural (Oliveira, 2016, p. 5), que vai para além das políticas urbanas e narrativas de mercado que assolam o bairro, estigmatizado pela gentrificação e turistificação. Rodrigues (2017, p. 352) refere que a identidade é (re)negociada porque se vai transformando e (re)construindo ao longo do tempo; as identidades emergem assim da diferenciação nos processos interativos que os indivíduos experimentam na sua realidade quotidiana a partir de trocas reais e simbólicas. Neste sentido, o uso da criatividade serve a promoção no acesso à cultura, pela oportunidade criada no acesso a experiências e na própria coesão social. No diálogo e no confronto, há o questionamento em torno de um objetivo comum, centrado na mobilização para a participação social, um exercício perceptivo que envolve a troca de interpretações, a partilha de conceitos e a ampliação de perspetivas, no sentido da reconstrução coletiva das memórias do bairro.

No Seixo Comunidade FIS – Feliz Inclusiva Saudável a simbiose entre os eixos de intervenção assenta na dinamização com participação dos destinatários. A aproximação à comunidade é impulsionada por momentos de encontro, a humanização dos serviços e a capacitação

para empregabilidade são instrumentos para o empoderamento da comunidade imigrante e fatores-chave de inclusão social.

Nas evidências da pesquisa percebemos o peso da humanização e dos afetos via cultura e artes, Diederichsen (2019) aborda a filosofia deleuziana e articula que os perceptos não são mais percepções, os afetos não são mais sentimentos ou afeções, mas transbordam a força daqueles que são atravessados por eles (Deleuze & Guattari, 1992, p. 213, *in* Diederichsen, 2019, p. 69), é também a energia dos afetos que vincula as relações. A religião ocupa um lugar mítico e histórico no Seixo que se reflete na construção identitária como um dos principais meios de construção de solidariedades e representações (Jenkins, 1994; Fenton, 2004, *in* Rodrigues, 2017), tal implica uma mobilização específica da memória coletiva e da sua transmissão e reprodução social (Rodrigues, 2017, p. 4), explicando a forte ligação das pessoas à terra enquanto modo de construção social. Esta componente simbólico-afetiva do espaço reflete-se na casa comunitária, que preconiza a relação do território com a criatividade, a cultura as artes, como caleidoscópio que vincula as relações intergeracionais da comunidade para incluir.

O Leixões das Memórias valoriza as histórias e as memórias com representações identitárias das pessoas com ligação ao Bairro dos Pescadores. O apelo da cultura e das artes para a inclusão social catalisam emoções e sensações que presidem o êxito de várias experiências viabilizando um sentido à ação. No contexto esmorecido do bairro, as artes criam outras paisagens numa alegria dinâmica e colorida que diminui a indisposição face aos condicionamentos (Diederichsen, 2019, p. 68) e o mundo da criação artística abandona a materialidade para se converter num potencial corpo de relações. Ao desmontar o contributo da cultura e das artes para a inclusão social surge a organicidade que lhes é implícita, porque o trabalho para a comunidade está provido de um conhecimento profundo dos fios que a tecem. A abordagem antropológica e as representações do imaginário das histórias e memórias do bairro remetem para as comunidades imaginadas, expressão icónica de Benedict Anderson que resultou da possibilidade de criar uma nova narrativa sobre a igualdade do mundo, sustentada na pertença a um coletivo através de instrumentos de identificação e representação, com referências à antropologia cultural e às denominadas viragens linguísticas e discursivas (Curto *et al.*, 2016). O podcast do projeto é um exemplo da memória oral, referida por Rodrigues (2017), que relembra a definição de memória de

Halbwachs, como fenómeno social, coletivamente construída e reproduzida ao longo do tempo; sendo mutável e seletiva é importante que a memória fique registrada para a construção de uma narrativa sobre o passado porque a memória coletiva está na base da construção da identidade que reforça o sentimento de pertença identitária, garante da coesão e continuidade histórica da comunidade.

Para a criadora do PBS, a inclusão social através da cultura e das artes é uma via que encerra em si mesma uma forma de inclusão social, pela concretização da ousadia de poder sonhar e na abertura de possibilidades e oportunidades para os públicos vulneráveis; também Guetzkow (2002) e Santos e Guerra (2017) sustentam o impacto da cultura e das artes no desenvolvimento de outras dimensões no indivíduo que tem implícito um resultado, pressupondo uma mudança, no futuro. Como evidências destacamos a auto e hetero valorização; o aumento de sentimentos de orgulho na pertença; o fortalecimento da autoestima; a experimentação de novas emoções e sensações conducentes à união e criação espontânea de ligações livres e identitárias, da qual inferimos a evasão provocada da arte emancipadora como contributo para a inclusão social. Também a diminuição dos obstáculos à comunicação e expressão emocional; a capacidade na atribuição de sentido a estímulos, com um impacto visível na felicidade dos participantes expressas em dinâmicas, autoexpressão, autoconfiança, autodescoberta e autoconhecimento; estímulos para os fluxos de imaginação na associação livre a recursos simbólicos como contributos para a reflexividade foram evidenciados.

Observando o PBS enquanto mecanismo de políticas públicas, auscultamos as recomendações relevantes para implementação futura de projetos sociais que tenham um impacto efetivo sobre os beneficiários e as comunidades. Destacamos as boas práticas inclusivas assentes na constituição de parcerias construtivas; o trabalho em rede que consubstancia a construção coletiva de respostas a problemas sociais, manifestando a tríade criatividade, na cultura e nas artes uma capacidade de afirmação perante as resistências pela dinamização das comunidades; ações com base em diagnósticos de necessidades e interesses permitem ressignificar realidades sem condicionamentos; a disseminação de iniciativas deve ser empreendida com transparência nos objetivos e eficácia na comunicação; a construção de documentação útil, como planos de ação, bases de dados de voluntários, mapeamento de dificuldades e resistências nos territórios pode facilitar a

implementação de projetos futuros; adotar um espaço físico associado ao tempo do encontro é essencial como lugar de fala para a pluralidade de vozes e fomenta o diálogo entre as comunidades; abraçar uma atitude de abertura para o contacto entre comunidades, organizações da sociedade civil, artistas e projetos desdobra o escopo de possibilidades pela diversidade de realidades; incluir expressões artísticas e culturais em projetos de intervenção social viabiliza o contacto com outras vozes interpretativas que potenciam outros modos de ação; e, incluir a materialização de memórias e a valorização cultural através de linguagens artísticas e abordagens estéticas que representem a identidade dos participantes porque promove a autoestima e o orgulho na pertença.

Na deteção de carências sinalizamos que a falta de apoio por parte dos órgãos de poder local pode comprometer a execução plena dos projetos; o descompasso do tempo, demasiado curto para a afirmação de algumas ações; e, a ausência de uma abordagem antropológica prévia aos contextos que permita identificar estratégias para gerir resistências identitárias. Não obstante, a perspetiva sobre o potencial de replicabilidade dos projetos para mitigar os desafios da inclusão social em outros contextos é unanimemente favorável, sendo apontado como fundamental a caracterização da matriz identitária dos territórios.

Na abordagem ao impacto aferimos perceções sobre a natureza da mudança através de um modelo não linear, Roche (2000) refere que a mudança pode ser provocada por uma miríade de fatores que se combinam de determinada forma, ou seja, os mesmos *inputs* podem não implicar os mesmos *outputs*, a curto prazo e *outcomes*, a longo prazo, devido à natureza dos projetos e das organizações. O indicador de realização quanto ao alcance das metas e objetivos dos projetos cumpre o previsto, exceto um projeto que identifica obstáculos na definição de uma estratégia e na capacidade em gerar conteúdos. Quanto aos indicadores de resultados é unânime a preponderância atribuída à qualidade da mudança ao invés da quantidade, não obstante a referência ao número de participantes o critério da mensurabilidade não é o que define o impacto dos projetos.

A tendência na procura de financiamento para apoio a projetos no setor das ICC é percebida como fator de maior equidade e uma importante via alternativa para o incremento da criatividade, na cultura e nas artes. O apoio financeiro é um instrumento para a concretização de projetos realizados por organizações da sociedade civil, que por vezes se

substituem às funções do Estado-providência na tentativa de robustecer a inclusão social. Henriques (2002) e Guerra (2012) abordam este papel social do estado, no seu propósito múltiplo de salvaguardar a identidade nacional, de colmatar as deficiências da economia de mercado no setor específico das artes e de garantir a igualdade de oportunidades de acesso à vida cultural por parte de todos os cidadãos. Contudo, há ineficácia na democratização da cultura porque nunca se discute o princípio de que as sociedades democráticas devem ter como horizonte a igualdade de oportunidades no acesso. A experiência tem mostrado que, não obstante o financiamento público das artes e da cultura, a participação continua a estar circunscrita a alguns públicos o que levanta dúvidas quanto à justiça da afetação dos recursos de todos à satisfação das necessidades de alguns (Henriques, 2002, p. 69). Paradoxalmente, à bandeira hasteada dos grandes objetivos políticos da universalidade e democratização do acesso a bens culturais, a descentralização, a defesa do património e da identidade cultural e estímulo à criação artística, após 1986, os anos 1990 acentuam os valores pragmáticos do mercado na criação de arte para o público. Hoje, o pendor na proliferação de iniciativas sucedâneas ao PBS permite a criação com e entre os públicos; como bens meritórios, as artes e a cultura não têm um valor de mercado consentâneo com o seu valor intrínseco, na medida em que nem todos os indivíduos avaliam corretamente os benefícios privados e sociais que deles decorrem, competindo ao Estado zelar pelo usufruto e assegurar a disseminação o mais alargada possível destes bens e serviços (Henriques, 2002). Neste sentido, o PBS faz transparecer uma nítida aproximação ao Estado interventor, uma vez que impacto do programa não visa mudar o tecido social, mas dinamiza iniciativas que visam alterar as más condições de vida, promovendo o bem-estar social, através de estímulos e da experimentação de alternativas possíveis para outras realidades. É neste sentido que se verifica a mudança com os projetos analisados, no acesso à descoberta de capacidades e potencialidades, no indivíduo e na comunidade, no estímulo à imaginação crítica, visível na capacidade de problematizar processos e questionar a lógica binária dos pensamentos e emergente decolonialidade, bem como a expansão e compreensão das práticas representativas das narrativas dos territórios pela imaterialidade das propostas.

A legitimação do reforço na criatividade, na cultura e nas artes é uma evidência uníssona enquanto recurso transcendental para a evolução do Homem. Na sua diversidade os projetos congregam artefactos que ficarão na comunidade, as ações reproduzem-se como

memória simbólica expressa nas práticas artísticas comunitárias e participativas, encaradas como estímulos para outras práticas inclusivas. Evocamos os objetivos a que nos propusemos: identificamos a relação profícua dos fenómenos de inclusão social na cocriação de uma nova realidade, associada à cultura e às artes, para a comunidade beneficiária destes espaços/ serviços, comprovada através das evidências; identificar a operacionalização das práticas de inclusão social por meio da cultura e da essência da arte em diferentes geografias do território nacional percorrendo projetos e locais heterogêneos; reconhecemos a relação da criatividade na construção de novos horizontes e possibilidades e analisamos benefícios e entraves avaliando os efeitos que as ações enfrentaram junto das comunidades; comprovamos a(s) forma(s) de contribuição que as expressão artísticas e culturais podem alcançar enquanto instrumentos para a inclusão social.

Em conclusão, revisitamos as hipóteses: confirmamos que a fusão de ações que envolvem a criatividade com vista à inclusão social proporciona o acesso e promove o estímulo ao conhecimento porque, em primeira instância, existe a possibilidade de escolha e a oportunidade, além desta fusão ser um alfobre para a cidadania e democratização cultural e artística; a articulação de fatores como a proximidade e participação para a instrumentalização de programas inclusivos facilita o cumprimento dos objetivos com impacto real junto da comunidade e dos participantes é parcialmente confirmada, uma vez que depende das variáveis contexto da intervenção e tempo de duração; a dinamização de iniciativas sociais que incluem linguagens e ações diferenciadas pela vertente criativa, designadamente, culturais e artísticas, tem uma relação significativa com a inclusão social é parcialmente confirmada, porque depende da variável disponibilidade do indivíduo para a participação, porque a invisibilidade continuada dos vulneráveis também altera a crença, conforme Deleuze (1992):

“Acreditar no mundo é o que mais nos falta; nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrar novos espaços-tempos, mesmo de superfícies ou volume reduzidos” (Deleuze, 1992, p. 222).

Referências Bibliográficas

Argyris, C., Schon, D. A. (1978). *Organizational Learning: A Theory of Action Perspective*. Reading, MA: Addison-Wesley

Almeida, J. F. (1993). Integração social e exclusão social: algumas questões. In *Análise Social*, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Vol: XXVIII, nº 123-124, pp. 829-834. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/6775>

Alvino-Borba, A., Mata-Lima, H. (2011). Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. *Serviço Social São Paulo*, nº 106. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282011000200003>

Azevedo, N. (2017). Artes e Inclusão Social: projetos e ações enquanto experiências metodológicas. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Processos sociais e questões sociológicas, pp. 28-41. DOI: 10.21747/08723419/soctem2017a2

Barraket, J. (2005). Putting people in the picture? The role of the arts in social inclusion. *The Centre for Public Policy Melbourne. Social Policy Working Paper*, nº 4, pp. 1-19.

Bauman, Z. (2005). *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa. Ed. Relógio D'Água.

Bendassoli, P. F., Wood Jr., T., Kirschbaum, C., Cunha, M. P. (2009). Indústrias Criativas: definições, limites e possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, vol. 49, n. 1, pp. 10-18.

Capucha, L. (2010). Inovação e Justiça Social: políticas ativas para a inclusão educativa. In *Sociologia Problemas e Práticas*, 63/2010. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/2435>

Chauí, M. (1995). Cultura política e política cultural. *Estudos Avançados*, vol. 9, n. 23, pp. 71-84.

Curto, D. R., Domingos, N., Jerónimo, M. B. (2016). Benedict Anderson (1936-2015): sociologia histórica e imaginação social. *Análise Social*, vol. 51, n. 218. Instituto de

Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10316/40765>

Deleuze, G. (1992). *Conversações*. São Paulo. Editora 34.

Dias, M. O. (2009). O Vocabulário do Desenho da Investigação. A Lógica do Processo em Ciências Sociais. Viseu: Ed. Psico & Soma.

Diederichsen, M. C. (2019). Pesquisa Baseada em Arte: Criações Poéticas Desdobrando Mundos. *Palíndromo*, vol.11, n. 25 , pp. 64-84, set – dez.

Eisner, E.W. (1981). On The Differences Between Scientific and Artistic Approaches to Qualitative Research. *Stanford University*, vol. 10, n.4, pp. 5-9.

Estivill, J. (2003). *Panorama da Luta Contra a Exclusão Social. Conceitos e Estratégias*. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, Programa Técnicas e Estratégias contra a Exclusão Social e Pobreza.

Enzensberger, H. M. (2004). *Mausoléu. A história do progresso em trinta e sete baladas*. Lisboa: Edições Cotovia, Lda.

Faustino, P., Moreira, S. V. (2017). Indústrias Criativas – mídia, cultura, economia e criatividade. *Intercom – RBCC*, vol.40, n.3, pp. 211-220.

Ferreira, A. M. A. (2021). *A Ideia de Liberdade em Agostinho da Silva: uma perspetiva social e política*. [Dissertação de Mestrado em Filosofia Ética e Filosofia Política, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/138147/2/518062.pdf>

Fiamoncini, R. L. & Galli, S. R. (2006). Dança: movimento e identidade. *Revista Digital Efdeportes*, ano 11, n. 103. Buenos Aires, Online. Disponível em:
<https://efdeportes.com/efd103/moviment.htm>

Guerra, I. (2005). O Planeamento no Contexto de uma Sociologia de Ação. As Rearticulações Teoria-Prática no Campo da Sociologia e Planeamento. *Cidades Comunidades e Territórios*, Dossiê editorial, n. 10, pp. 13-24.

Guerra, P. (2022). Romper com a fragilidade: Do bairro para o mundo. *CesContexto Debates*, 32, pp. 36-50.

Guerra, P. (2021). So Close Yet So Far: DIY Cultures in Portugal and Brazil. *Cultural Trends*, 30 (2), pp. 122-138.

Guerra, P. (2020). Other Scenes, Other Cities and Other Sounds in the Global South: DIY Music Scenes beyond the Creative City. *Journal of Arts Management and Cultural Policy*, 1, Special Issue Creative Cities off the Beaten Path, pp. 55-75.

Guerra, P. (2012). Da exclusão social à inclusão social: eixos de uma mudança paradigmática. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 10. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ras/257>; DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.257>

Guerra, P. & Fernandes, A. M. (2022). Crying Jellyfish. Capicua at the Crossroads of Artistic Labour and Critical Pedagogies during the Pandemic. *Education Sciences & Society*, vol.13, n.º1, pp. 128-145.

Guerra, P. & Figueredo, H. G. (2021). Artes, trabalho criativo e empreendedorismo cultural e artístico. Alinhamento de possibilidades de uma retórica presente para um futuro decente. *NAVA. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens Instituto de Artes e Design: UFJ*, v. 7, n. 1, pp. 71-105.

Guerra, P. & Figueredo, H. G. (2020). Prosopografias clubbers em São Paulo e Londres: Moda, estilo, estética e cenas musicais contemporâneas. *Revista TOMO*, n. 37, pp. 215-252.

Guerra, P., & Quintela, P. (2007). A Cultura como alavanca de inclusão e de participação social: uma nova geração de políticas públicas de proximidade. *Atas do First International Conference of Young Urban Researchers, Lisboa, 11-12 junho 2007*. Lisboa: CIES – Centro de Investigação e Estudos em Sociologia.

Guerra, P., & Zańko, P. (2019). Educational contexts of cultural resistance in Poland and Portugal. An introduction to research. *Kwartalnik Pedagogiczny*, Issue 64 (3 (253), pp. 155-172.

Guetzkow, J. (2002). How the Arts Impact Communities: An introduction to the literature on arts impact studies. *Working Papers 44, Princeton University, School of Public and International Affairs, Center for Arts and Cultural Policy*. Disponível em: https://culturalpolicy.princeton.edu/sites/culturalpolicy/files/wp20_-_guetzkow.pdf

Henriques, E. B. (2002). Novos desafios e orientações das políticas culturais: tendências nas democracias desenvolvidas e especificidades do caso português. *Finisterra*, vol. 37, n.73, pp. 61-80.

Ipiranga, A. S. (2016). A Imagem Fotográfica como uma Questão de Método. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, RS, Brasil, 19-21 outubro 2016. UECE. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/230/222>

Lamarque, G. (1995). *L'Éclusion*. Paris: PUF

Leite, P.P. (2018). Indústrias Culturais e Criativas em Portugal. Las Industrias Culturales y Creativas En Iberoamérica: Evolución y Perspectivas. Disponível em: https://www.academia.edu/38037525/Industrias_Culturais_e_Criativas_em_Portugal

Mafrá, J.F., Romão, J. E., Gadotti, M. (2018). *Paulo Freire. Pedagogia do Oprimido (O Manuscrito)*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Uninove, Big Time Editora Acadêmica.

Martins, M. C., Demarchi, R. (2016). Mediação Cultural: entre sujeitos/ corpos/ experiências estéticas. *Revista Digital Art&*, ano XIII, n. 17, pp. 1-14;

Martins, V., Lucio-Villegas, E. (2014). Teatro do oprimido como ferramenta de inclusão no bairro Horta da Areia em Faro. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Ciganos na Península Ibérica e Brasil: estudos e políticas sociais, pp. 57-75.

Melo, S. (2015). *Texturas*, ou sobre os efeitos sociais das artes. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, vol. XXX, pp. 11-33. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311066203_Texturas_ou_sobre_os_efeitos_sociais_das_artes

- Menga, L., André, M. F. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U.
- Miguez, P. (2007). Economia Criativa: uma discussão preliminar. Teorias e Políticas da Cultura – Visões Multidisciplinares. Salvador: EDUFBA.
- Monteiro, P. F. (1996). *Os Outros da Arte*. Oeiras: Celta Editora
- Munari, B. (1990). *Artista e Designer*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nabais, C. P. (Org.). (2021). Processos Criativos nas Ciências e nas Artes. A Questão da Participação Pública. Porto: Edições Afrontamento, Lda.
- Oliveira, A. (2016). Cidades, culturas e artes: um caleidoscópio simbiótico. *Cidades Comunidades e Territórios*, 32, pp. 5.
- Patton, M. (1980). *Qualitative Research and Evaluation Methods*. Califórnia. Ed. Sage Publications.
- Paugam, S. (1996). Pobreza e desqualificação social: uma análise comparativa da desvantagem social comparativa na Europa. *Observatoire Sociologique du Changement (CNRS / FNSP) e Laboratoire de Sociologie Quantitative (CREST / INSEE)*, vol. 6, n. 4, pp. 287-303.
- Peralta, E., Anico, M. (Org.) (2006). *Património e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.
- Peters, M., Besley, T. (2014). Exclusão / inclusão social: a análise de Foucault da exclusão, a ecologia política da inclusão social e a legitimação da educação inclusiva. *Open Review of Educational Research*, 1 (1), pp. 99-115.
- Pires, R. P. (2014). Modelo teórico de análise sociológica. *Sociologia, Problemas e Práticas [online]*, 74/ 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/1426>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- Quintela, P. & Ferreira, C. (2018). Indústrias culturais e criativas em Portugal: um balanço crítico de uma nova ‘agenda’ para as políticas públicas no início deste milénio. *Revista Todas as Artes*, 1(1), pp. 88-109.
- Rebello, G. (2019). *Textos de um Tempo e Economia Social - Homenagem a António Sérgio*. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Roche, C. (2000). *Avaliação de Impacto dos Trabalhos de ONGs: aprendendo a valorizar as mudanças*. São Paulo: Cortez Editora.
- Rodrigues, D. (2017). Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. *Escreve Letras, Macapá*, vol. 7, n. 4, pp. 334-361.
- Rodrigues, E. V., Samagaio, F., Ferreira, H., Mendes, M. M., Januário, S. (1999). A Pobreza e a Exclusão Social: Teorias, Conceitos e Políticas Sociais em Portugal. *Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, n. 09, pp. 63-101.
- Santos, B. de S. (1987). *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B. de S., Cunha, T. (2022). *Economias de Bem Viver: contra o desperdício das experiências*. Coimbra: Edições 70.
- Santos, T. T. & Guerra, P. (2017). From punk ethics to the pedagogy of the bad kids: core values and social liberation. In Smith, G. D., Dines, M. & Parkinson, T. (Eds.). *Punk Pedagogies: Music, culture and learning*. Londres: Routledge.
- Sousa, S., Farina, T. & Guerra, P. (2022). Turning life into art and art into a way of life. A cross-country perspective about art-based research, critical pedagogy and social intervention. *Education Sciences & Society*, vol.13, n.º1, pp. 68-90.
- Sovik, L. (2014). Os projetos culturais e o seu significado social. *Galáxia*, n. 27, pp. 172-182.
- Schwanitz, D. (2005). *Cultura – Tudo o que é preciso saber*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Wang, Q.; Coemans, S.; Siegesmund, R. & Hannes, K. (2017). Arts-Based Methods in Socially Engaged Research Practice: a classification framework. *Art/ Research International: A Transdisciplinary Journal*, vol. 2, n. 2, pp. 5-39.

Xavier, J. B. (2016). *A cultura na vida de todos os dias*. Porto: Porto Editora.

Xiberras, M. (1993). *As Teorias da Exclusão – para uma construção do imaginário do desvio*. Lisboa: Instituto Piaget.

Anchor do Spotify. (2022, agosto 5). <https://anchor.fm/os-leixes-das-memrias7>

Bairros Saudáveis. (2021, novembro 20). *O Programa*. Disponível em: <https://www.bairrossaudaveis.gov.pt/>

Bairros Saudáveis. (2022, janeiro 7). *Os Projetos*. Disponível em: <https://jornal.bairrossaudaveis.gov.pt/projetos/index.htm>

Carta de Porto Santo. (2021, dezembro 15). *Da Democratização à Democracia Cultural*. Disponível em: <https://www.2021portugal.eu/pt/noticias/carta-de-porto-santo-da-democratizacao-a-democracia-cultural/>

Conselho Europeu Extraordinário de Lisboa. (2021, dezembro 15). *Estratégia Lisboa 2010*. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=LEGISSUM%3Ac10241>

Diário da República Eletrónico. (2022, janeiro 5). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <https://dre.pt/dre/geral/legislacao-relevante/declaracao-universal-direitos-humanos>

Direção-Geral das Artes. Iniciativa Bairros Críticos. (2021, dezembro 20). *Iniciativa Bairros Críticos*. Disponível em: <https://www.dgartes.gov.pt/pt/acao/197>

FMM Sines. (2022, agosto 7). *Festival Músicas do Mundo*. Disponível em: <https://www.fmmsines.pt/pages/945>

Postal do Algarve. (2022, agosto 5). Disponível em: <https://postal.pt/cultura/projeto-portiartista-vai-dar-voz-as-criancas-e-jovens-do-bairro-da-cruz-da-parteira-em-portimao/>

Recuperar Portugal. (2022, janeiro 10). *Plano de Recuperação e Resiliência*. Disponível em: <https://recuperarportugal.gov.pt/plano-de-recuperacao-e-resiliencia/>

University of Lapland, Lapin Yliopisto. (13 janeiro 2022). *AMASS. Acting on the margin: Arts as social sculpture*. Disponível em: <https://www.ulapland.fi/EN/Webpages/AMASS>

UNCTAD. (2021, dezembro 18). *Relatório da Economia Criativa*. Disponível em: https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf

UNRIC. (2021, dezembro 23) Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. Disponível em: <https://unric.org/pt/objetivo-10-reduzir-as-desigualdades/>

UNRIC. (2022, janeiro 8) Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental. Disponível em: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

NUVEM DE PALAVRAS - WordArt.com (2022, agosto 11). Disponível em: <https://wordart.com/nwl5dq0aletg/nuvem-de-palavras>

ANEXOS

Anexo 1. Declaração de Consentimento Informado



Declaração de Consentimento Informado

Eu, _____, concordo em contribuir para a dissertação de mestrado subordinada ao tema *Criatividade Ilimitada. O impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas*, orientada pela Professora Doutora Paula Guerra, no âmbito do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas.

O trabalho será apresentado na defesa, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, numa data a designar em 2022.

Neste sentido, fui informado/a acerca da gravação de áudio da entrevista para efeitos de transcrição e análise e permito que assim seja; aceito que as minhas perspetivas sejam incorporadas nos resultados do estudo e possam ser publicadas ou apresentadas pelas responsáveis pela investigação para fins académicos; aceito a referência ao Projeto/cargo que incorporo e/ou outros detalhes identificativos que sejam divulgados para fins de análise investigativa; depreendi que este documento será conservado de forma segura pelas responsáveis pela investigação e que será eliminado no final do estudo.

Assinatura do entrevistado/a:

.....

Assinatura da investigadora:

.....

Data:

Anexo 2. Guião de Entrevista Exploratória Coordenadora Nacional do Programa Bairros Saudáveis

O guião de entrevista foi realizado no âmbito da dissertação do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, subordinada ao tema *Criatividade Ilimitada. O impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas*. Tendo como objeto de estudo o Programa Bairros Saudáveis, considera-se fundamental o depoimento da mentora da iniciativa e Coordenadora Nacional do projeto, a Arq.^a Helena Roseta. A organização da entrevista exploratória tem o intuito de esclarecer o surgimento, as bases em que assentam o Programa Bairros Saudáveis e os objetivos esperados.

Dimensão 1 Programa Bairros Saudáveis

- 1.1 Como surgiu a ideia do Programa Bairros Saudáveis?
- 1.2 Quando desenhou o projeto, a que objetivos se propunha?
- 1.3 A que públicos-alvo se dirige o programa?
- 1.4 Qual a missão última do programa?
- 1.5 O programa decorre de outras iniciativas de políticas já levadas a cabo? Quais?

Dimensão 2 Inclusão Social

- 2.1 A iniciativa encerra vários eixos de intervenção - saúde, social, económico, ambiente, urbanístico. Na sua opinião, como se articulam os diversos projetos apresentados a concurso, com áreas tão diferenciadas, com a e face à inclusão social? Como é que essas dimensões concorrem para a inclusão social? De que forma diferenciada? Com que peso?
- 2.2 Tendo em conta a experiência em projetos de intervenção social, de que forma o Programa Bairros Saudáveis pode ser um contributo para a inclusão social?

Dimensão 3 Inclusão via cultura e arte

- 3.1 A criatividade, a cultura e a arte têm representação em alguns dos projetos do Programa Bairros Saudáveis. Que fatores-chave considera fundamentais para inclusão social através da cultura e da arte?
- 3.2 No âmbito dos projetos que visam explorar a criatividade e a cultura e arte, de que forma considera que o acesso a estas propostas pode ser um contributo para a inclusão das comunidades participantes?
- 3.3 Considera a criatividade/ cultura/ arte ferramentas indispensáveis para a inclusão social dos públicos mais vulneráveis?

Dimensão 4 Boas práticas inclusivas

- 4.1 Recorda-se de algum projeto, cujo objetivo visasse a inclusão social pela cultura e pela arte, que a tenha marcado pelas boas práticas? Consegue elencar algumas boas práticas sociais inclusivas que considere elementares?
- 4.2 Uma das condições exigidas para as candidaturas a concurso era a formação de parcerias entre entidades. Considera o trabalho colaborativo/ em cooperação/ em rede mais eficaz para encontrar respostas e soluções a problemas sociais? E esse trabalho é mais frutífero se tiver foco nas artes e na criatividade?
- 4.3 Considera a disseminação destas iniciativas importantes para uma mudança no tecido social? Porquê? Como deve ser feita essa disseminação?

Dimensão 5 Impacto

- 5.1 O financiamento do Programa Bairros Saudáveis estipula um orçamento máximo de 50 mil euros, atribuído por projeto. A sustentabilidade financeira dos projetos em curso, após a fase de apoios, é uma preocupação?
- 5.2 Uma das condições exigidas para as candidaturas a concurso era a formação de parcerias entre entidades. Considera o trabalho colaborativo/ em cooperação/ em rede mais eficaz para encontrar respostas e soluções a problemas sociais?
- 5.3 Ultimamente, regista-se uma tendência para projetos colaborativos no âmbito das Indústrias Criativas e Culturais. Considera que estas políticas para a obtenção de financiamento gozam de maior vantagem e equidade? Podem ser uma via alternativa para a criatividade e as artes?
- 5.4 Alguns projetos do Programa Bairros Saudáveis na área das Indústrias Criativas e Culturais têm um foco de dinamização da economia local e social. Considera a economia criativa e social um elemento diferenciador para a inclusão dos participantes?
- 5.5 Qual pensa ser o principal impacto, ou mudança esperada, junto dos participantes do Programa Bairros Saudáveis? E qual é, na verdade, o lugar da criatividade, da cultura e das artes?

Dimensão 6 Perspetivas futuras

- 6.1 Como perspetiva a continuidade do Programa Bairros Saudáveis?
- 6.2 Considera que a criatividade, a cultura e as artes serão reforçadas?

Anexo 3. Guião de Entrevista Semi-Estruturada Coordenadores Locais dos Projetos Inseridos no Programa Bairros Saudáveis

O guião de entrevista foi realizado no âmbito da dissertação do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, subordinada ao tema *Criatividade Ilimitada. O impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas*. Tendo como objeto de estudo o Programa Bairros Saudáveis, considera-se fundamental o depoimento dos Coordenadores Locais dos projetos sinalizados para o estudo empírico. Os projetos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: diversidade territorial e geográfica; heterogeneidade da natureza cultural e artística; heterogeneidade dos públicos e comunidades envolvidas; e, prevalência de um denominador comum – a inclusão social através da cultura e das artes. São cinco:

ALGARVE | POR TI ARTISTA

ALENTEJO | BEJACOLHE

LISBOA E VALE DO TEJO | RÁDIO PAVÃO

CENTRO | SEIXO COMUNIDADE FIS – FELIZ INCLUSIVA SAUDÁVEL

NORTE | OS LEIXÕES DAS MEMÓRIAS

Dimensão 1 Projeto local inserido no Programa Bairros Saudáveis

- 1.1 Como surgiu a ideia do projeto?
- 1.2 Quando construíram o projeto, a que objetivos e metas se propunham?
- 1.3 Os públicos-alvo a que se dirige o projeto são, fundamentalmente, os indicados no descritivo do projeto? Como foram identificados e como acederam/integraram o projeto?
- 1.4 Qual a missão última do projeto?
- 1.5 O projeto decorre de estudos prévios ou iniciativas anteriores? Quais? Com que diagnósticos/ resultados partiram para esta ação?

Dimensão 2 Inclusão Social

- 2.1 A iniciativa Bairros Saudáveis encerra vários eixos de intervenção - saúde, social, económico, ambiente, urbanístico. Na sua opinião, como se articula o projeto com a inclusão social e face à mesma?
- 2.2 Como é que as dimensões que integram o projeto concorrem para a inclusão social? De que forma diferenciada? Com que peso?
- 2.3 De que forma a intervenção do projeto pode ser um contributo efetivo para a inclusão social?

2.4 Que soluções diferenciadoras oferece este projeto, em relação aos contextos da inclusão, do ponto de vista da eficiência/ eficácia?

Dimensão 3 Inclusão via cultura e artes

3.1 A criatividade, a cultura e as artes representam o projeto. Que fatores-chave considera fundamentais para inclusão social através da cultura e das artes?

3.2 No âmbito deste projeto que visa explorar a criatividade/ a cultura/ as artes com enfoque em ações, de que forma considera que o acesso a estas propostas pode ser um contributo para a inclusão das comunidades participantes?

3.3 Considera a criatividade, a cultura e as artes, ferramentas indispensáveis para a inclusão social dos públicos mais vulneráveis? (Especificar principais mudanças destas vias em relação às demais)

3.4 Neste momento em que decorre o projeto, já é possível a obtenção de evidências quanto a, por exemplo:

- Transformação da realidade social das comunidades e participantes;
- Construção de conexões sociais;
- Reabilitação da socialização;
- Mudanças na participação;
- Questionamento de narrativas;
- Novas perspetivas sobre o futuro;
- Criação de novas oportunidades;
- Geração de instrumentos inovadores para alterar/ criar políticas públicas, etc.

3.5 E quanto a práticas específicas inseridas no projeto, orientadas para a inclusão social, através das expressões/ manifestações artísticas/ culturais/ criativas, designadamente, foram analisadas mudanças? Nos seguintes níveis, quais consegue analisar?

Níveis	Intrapessoal	Interpessoal	Social/ comunitário	Institucional
Ações/ atividades				
Expressões criativas/ culturais/ artísticas	Elementos observados			

Dimensão 4 Boas práticas inclusivas

4.1 No momento em se encontra o projeto, é possível extrair e elencar algumas boas práticas sociais inclusivas que considere elementares para o seu desenvolvimento?

- 4.2 Uma das condições exigidas para as candidaturas era a constituição de parcerias entre entidades. Considera o trabalho colaborativo, em rede, mais eficaz para encontrar respostas e soluções face aos problemas sociais com que se deparam estas comunidades/ estes participantes? E esse trabalho é mais frutífero se tiver foco nas artes e na criatividade?
- 4.3 Considera a disseminação destas iniciativas importantes para uma mudança no tecido social? Porquê? Como deve ser feita essa disseminação?
- 4.4 Vê potencial de exemplaridade no projeto para ser replicado em outros contextos? De que forma poderá este modelo mitigar os desafios da inclusão social?

Dimensão 5 Impacto

- 5.1 Neste momento, considera que os objetivos e metas para o projeto X estão a ser cumpridos?
- 5.2 Quais os indicadores em que se baseiam como referência?
- 5.3 Uma das condições exigidas para as candidaturas a concurso era a formação de parcerias entre entidades. Considera o trabalho colaborativo/ em cooperação/ em rede tem um maior impacto na resposta a problemas sociais?
- 5.4 Ultimamente, regista-se uma tendência para projetos colaborativos no âmbito das Indústrias Criativas e Culturais. Considera que estas políticas para a obtenção de financiamento gozam de maior vantagem e equidade? Podem ser uma via alternativa para a criatividade e as artes?
- 5.5 O projeto intervém na área das Indústrias Criativas e Culturais, com foco na dinamização da economia local e social. Considera a economia criativa e social um elemento diferenciador para a inclusão dos participantes? (Se aplicável)
- 5.6 Qual pensa ser o principal impacto, ou mudança esperada, junto dos participantes do Programa Bairros Saudáveis? E qual é, na verdade, o lugar da criatividade, da cultura e das artes?

Dimensão 6 Perspetivas futuras

- 6.1 Como perspetiva a continuidade do projeto, para além do Programa Bairros Saudáveis?
- 6.2 A sustentabilidade financeira do projeto, após a fase de apoio, é uma preocupação? Existe a possibilidade deste projeto ter continuidade? De que forma será viável?

6.3 Considera que a criatividade, a cultura e as artes serão reforçadas?

Anexo 4. Guião de Entrevista Semi-estruturada Participantes dos Projetos

Inseridos no Programa Bairros Saudáveis

Este guião de entrevista foi realizado no âmbito da realização da dissertação do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, subordinada ao tema *Criatividade Ilimitada. O impacto da cultura e das artes em práticas sociais inclusivas*. Tendo como objeto de estudo o Programa Bairros Saudáveis, considera-se fundamental o depoimento dos participantes e/ ou beneficiários, dos projetos sinalizados para o estudo empírico. A entrevista aos participantes tem lugar em data e local indicados pelos Coordenadores Locais, durante a realização de atividades. Os participantes integram projetos selecionados de acordo com os seguintes critérios: diversidade territorial e geográfica; heterogeneidade da natureza cultural e artística; heterogeneidade dos públicos e comunidades envolvidas; e, prevalência de um denominador comum – a inclusão social através da cultura e das artes. São cinco:

ALGARVE | POR TI ARTISTA

ALENTEJO | BEJACOLHE – Cultura e Diversidade

LISBOA E VALE DO TEJO | RÁDIO PAVÃO

CENTRO | SEIXO COMUNIDADE FIS – FELIZ INCLUSIVA SAUDÁVEL

NORTE | OS LEIXÕES DAS MEMÓRIAS

Contextualizando o/ a participante do projeto que integra o Programa Bairros Saudáveis sobre o nosso estudo, solicita-se o enfoque nas atividades desenvolvidas em torno da criatividade, na cultura e nas artes, pensando na situação atual relativamente às questões:

Dimensão 1 Projeto local inserido no Programa Bairros Saudáveis

- 1.1 Como é que vê/ vês e sente/s este projeto? Como caracterizaria/ s este projeto?
Consegue/s defini-lo numa palavra só?
- 1.2 Quando integrou/ integraste este projeto, foi por iniciativa própria? Como foi o processo de integração?
- 1.3 Já tinha/ s participado em iniciativas parecidas? Pode/ s relatar como foi essa experiência?
- 1.4 Como é que distinguiria/s este projeto em relação aos demais? Qual o elemento diferenciador deste projeto?
- 1.5 Tinha/ s algum propósito específico, ou objetivos, quando integrou/ integraste este projeto? Pode/ s elencar?

Dimensão 2 Inclusão Social

- 2.1 Na sua/ tua opinião, como é que este projeto influencia a inclusão social? Pode/s ver a inclusão numa perspetiva mais individual, mas também em relação à comunidade em que o projeto está inserido e até no contacto com outras instituições.

- 2.2 Consegues dar exemplos concretos sobre o contributo deste projeto para a inclusão social?
- 2.3 Na sua/ tua opinião, o que oferece este projeto em relação às respostas e soluções, no contexto da inclusão social, que o torna diferente ou excecional?
- 2.4 Considera/ s as intervenções do projeto uma mais-valia, no sentido de identificar/ es um contributo efetivo para a inclusão social? Porquê?

Dimensão 3 Inclusão via cultura e artes

3.1 Centrando o pensamento nas atividades que envolvem a criatividade - na cultura e nas artes, em todas as suas manifestações, que foi/ foste desenvolvendo no decorrer deste projeto, gostaria de saber a sua/ tua perceção:

3.1.1 Quanto à comunicação/ expressão, como descreve/s este percurso no sentido da inclusão? [resistência aos processos artísticos, formas de expressão emocional, formas na expressão escrita e oral, recurso a figuras de estilo, capacidade discursiva, resposta aos estímulos]

3.1.2 Quanto aos processos criativos, como descreve/s este percurso no sentido da inclusão? [estímulo da criatividade, capacidade para a criação e associação livre, fluxos na imaginação, transporte de sensações, transições emocionais, autoconsciência, transcendência/ explorar mundos desconhecidos]

3.1.3 Quanto à reflexão e conhecimento, como descreve/s este percurso no sentido da inclusão? [capacidade de reflexão, recuperação de memórias, capacidade de construir respostas refletidas, capacidade de resposta através de uma manifestação artística/ cultural, novas aprendizagens, diferentes leituras e interpretações]

3.1.4 Quanto às relações, socialização, participação, como descreve/s este percurso no sentido da inclusão? [identificação, criação de ligações, sintonia com o Outro, integração em grupos, isolamento, sentimentos de pertença, sentimentos de rejeição, tensão, exclusão]

3.1.5 Quanto à mudança, transformação, impacto, como descreve/s este percurso no sentido da inclusão? [autoconsciência, autoconfiança, autoexpressão, autodescoberta, capacidade de encontrar respostas ou soluções, (re)integração – social, emocional, comunitária -, conexões, recuperação ou reativação de memórias, narrativas e histórias, dialética, dinâmicas, ruturas, resoluções, possibilidades, escolhas, conhecimento, testemunhos e outras observações]

3.2 Neste momento em que decorre o projeto, já é possível a obtenção de evidências quanto a, por exemplo:

- Transformação da realidade social das comunidades e participantes;
- Construção de conexões sociais;
- Reabilitação da socialização;
- Mudanças na participação;
- Questionamento de narrativas;
- Novas perspetivas sobre o futuro;
- Criação de novas oportunidades;
- Geração de instrumentos inovadores para alterar/ criar políticas públicas, etc.
- Outras. (Somente aplicável a técnico/a envolvido/a no projeto)

3.3 E quanto a práticas específicas, inseridas no projeto, orientadas para a inclusão social através das expressões/ manifestações artísticas/ culturais/ criativas,

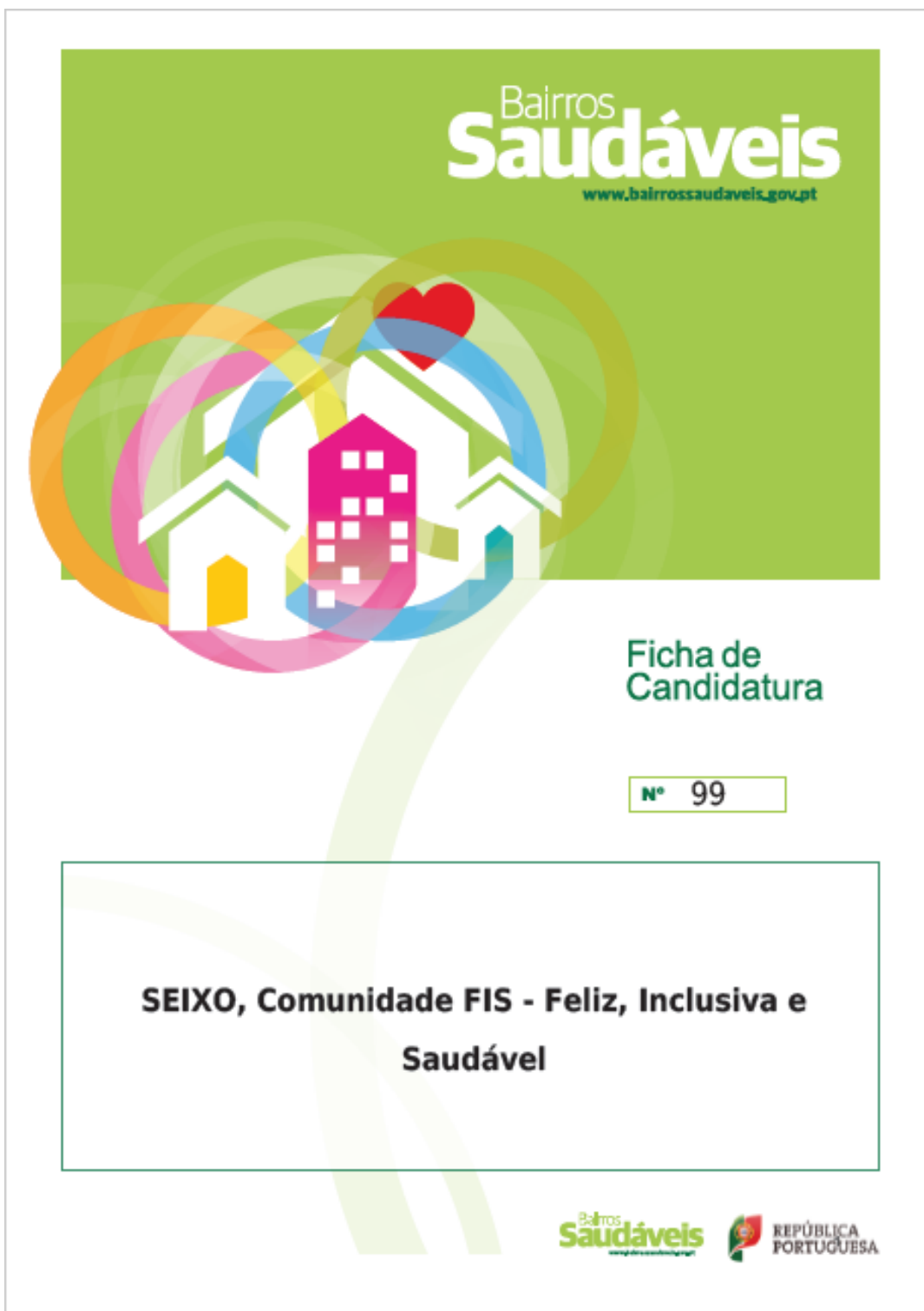
designadamente, foram analisadas mudanças? Nos seguintes níveis, quais consegue/s analisar? (Somente aplicável a técnico/a envolvido/a no projeto)				
Níveis	Intrapessoal	Interpessoal	Social/ comunitário	Institucional
Ações/ atividades				
Expressões criativas/ culturais/ artísticas	Elementos observados			

Dimensão 4 Perspetivas futuras

4.1 Neste momento, qual a avaliação em termos de pontos fortes e pontos fracos do programa? Quais as perspetivas futuras para o seu desenvolvimento?

Apêndices

**Apêndice 1 Representação de um Projeto de Candidatura ao Programa
Bairros Saudáveis**



Bairros Saudáveis
www.bairrossaudaveis.gov.pt

Ficha de
Candidatura

Nº 99

SEIXO, Comunidade FIS - Feliz, Inclusiva e Saudável

Bairros Saudáveis
www.bairrossaudaveis.gov.pt

 **REPÚBLICA PORTUGUESA**